

ILUSTRAÇÃO



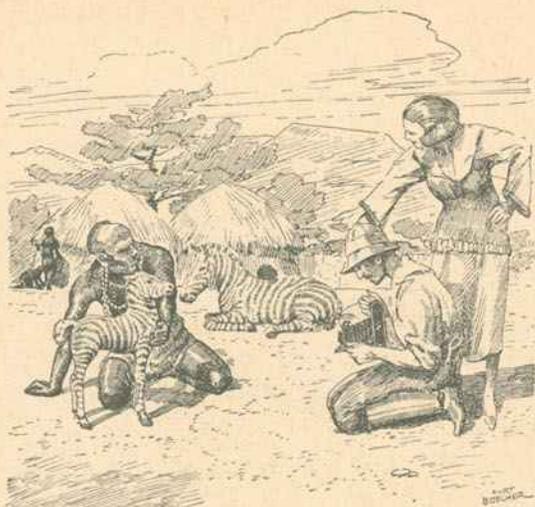
BERTRAND
S/A

1.º ANO — Número 16

Lisboa, 16 de Agosto de 1926

PREÇO 4,00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



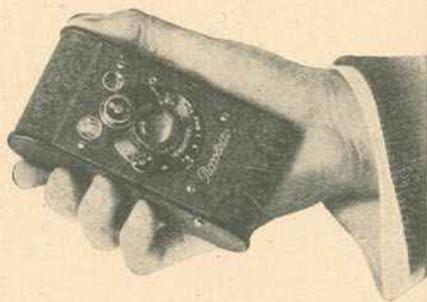
Contessa-Nettel

CONTESSA-NETTEL

Os aparelhos
mais perfeitos,
mais sólidos,
mais elegantes.

Vest Pocket **"PICOLETTE"**

o mais perfeito e elegante



"GEVAERT"

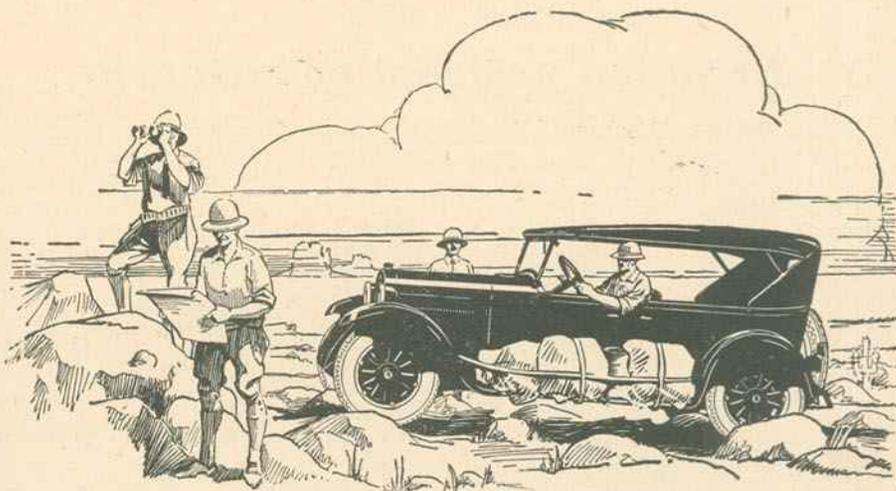
A mais sensível de tôdas as
películas, permitindo grandes
erros de exposição.



"COCARETTE", o aparelho
para peli-
culas, de 6×9 e 6,5×11, único que
conserva o film plano como as chapas

À VENDA EM TÔDAS AS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS DO PAÍS

Representantes para Portugal: **GARCEZ, L.^{DA}** - Rua Garrett, 88-LISBOA



Os Exploradores Empregam Este Carro Porque É Digno De Confiança

Os exploradores e descobridores, cuja vida depende da segurança do seu sistema de transporte, empregam quasi exclusivamente os automóveis Dodge Brothers.

Stefansson levou os automóveis Dodge Brothers através dos desertos desconhecidos da Austrália Central. O Dr. Roy Chapman Andrews transpôs, em três diferentes ocasiões, as regiões misteriosas da Mongólia num automóvel Dodge Brothers.

A segurança deste automóvel é universalmente conhecida, assim como a comodidade excepcional do seu andamento, o que permite longas viagens em maus caminhos sem perigo e sem fadiga.

BERNARDINO CORRÊA, L.^{DA}

LISBOA

PORTO

1, Avenida da Liberdade

21, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

PAGEOL

Energico antiseptico urinario

Atua rapida
e radicalmente
Supprime as
micções dolorosas
Evita qualquer
complicação

O PAGEOL

descongessa e rejuvenesce os tecidos das vias urina-rias restaurando-os por completo matando todos os mi-crobios que neles habitam.

Etalissements Chatelain,

2, rta de Valenciennes, Paris.
A venda em todas as Farmacias.



Unoseto dum galo velho
a seu filho:

— Toma PAGEOL!

Hypertrophia
da prostata
Phosphaturia
Apertos
da uretra
Albuminuria
Cystite
Blennorrhagia

Comunicado:
Acad. de Medic. de Paris, 3 Dez 1912.

A. VINCENT, L^{da} — CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS — RUA IVENS, 56 — TEL. 1858 C.

CONTRA OS MOSQUITOS

A' venda em todas as farmacias



Drogarias, perfumarias, etc.

Numerosas medalhas nas exposições

CONCESSIONARIOS:

A. VINCENT, LIMITADA

Rua Ivens, 56 — LISBOA — Telefone C. 1858

ROYAL WINDSOR

O celebre
Regenerador
dos Cabellos



Restitue aos
Cabellos grisathos
a sua cor natural.
Supprime a Caspa
e suspende a queda dos
Cabellos.

Exijam nos frascos as palavras ROYAL WINDSOR
Deposito: 28 Rue d'Enghien, PARIS
A VENDA EM TODA A PARTE
Deposito para PORTUGAL
A. VINCENT L^{da}, 56, Rue Ivens, LISBOA

TEINDELYS

Creme para
o rosto

da uma
Cor de Lyx



Mantem o
pó e assegura
uma ex-
celente cari-
nação

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

DENTIFRICOS

PASTA, PÓ, OU SABÃO
DOS RR PP

BENEDICTINS

DE SOULAC



O BENEDICTIN
de SOULAC é o unico
DENTIFRICO cujos
qualidades higienicas
são appropriadas
aos cuidados da bocca.
É absolutamente inof-
fensivo

O BENEDICTIN é um
producto francez
UNIVERSALMENTE
ADOPTADO

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A. VINCENT, Rua Ivens 56, LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.º—NÚMERO 16

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE AGOSTO DE 1926



OS EXERCÍCIOS DE TORPEDOS EM SEZIMBRA, A QUE FORAM ASSISTIR O PRESIDENTE DO MINISTÉRIO E OS SRS. MINISTROS DA MARINHA, AGRICULTURA E JUSTIÇA

Preparando o primeiro tiro, que foi disparado pelo sr. General Carmona

Em cima: O torpedo ao sair da peça

CRÓNICA DA QUINZENA

Tudo de abalada. À praia! ao campo! à quinta! às termas!

Lisboa despovoou-se.

Nas gares há as bichas tradicionais para a aquisição de bilhetes com 24 horas de antecedência, e ao começo do dia, é fatal o letreiro, que já vem do ano passado:

LOTAÇÃO EXGOTADA
PARA O COMBOIO 15

Lisboa está horrível.

O calor não tem contra-partida de sombra, e a vida que a capital exige, exagera a temperatura, no excesso dos movimentos inúteis.

À praia! ao campo! à nossa rica quinta de S. Romão — por exemplo. À nossa casinha de Azoia!

Preparam-se as malas. Apetrecham-se as valises de mão. Sacam-se fundos...

O exodo de Lisboa constitui uma necessidade, um hábito, uma variante ou um snobismo?

De tudo um pouco.

Quantos milhares de pessoas abandonam a capital — sem que para tanto tenham uma necessidade absoluta?

Quantos milhares de pessoas fogem de Lisboa — com saudades de Lisboa?

Quantos milhares de lisboetas deixam esta terra, carregam uma carroça de mobília, emalam meia dúzia de vestidos *season* e de apetrechos de jornada — sem para tanto possuírem disposição e dinheiro?

Há que sair! Há que fugir! Parece que vem aí uma revolução...

O que há, sobretudo, é as crianças. Os exames — que massada! Os rapazes todo o ano na caminhada dos Liceus e na seca das explicações. O ar de Lisboa é viciado; a água é péssima. O ambiente é falso, envenenado, artificial.

Se a intensidade da vida comercial desapareceu, se os bancos não fazem negócio, se os tribunais estão em férias, se as escolas fecharam, se não há nada que nos prenda à vida da capital — para que ficar aqui?

Ah! Os hotéis custam um dinheirão; os comboios levam rios de dinheiro. Éste ano luxa-se muito lá fora. Cinco vestidos não chegam, não chegam dez contos em notas que não se arrecadaram — foi lá possível! — durante o inverno.

Mas — há que partir!

O que se havia de dizer se nós não partíssemos?

É tão chique ter o nome nos *cartes* da assistência nas festas do Casino e ser citado nas crónicas mundanas! E este ano, a Póvoa, a Figueira, Granja, Espinho, Viana do Castelo, o Gerez, a Curia, o Buçaco, as Pedras, o próprio Estoril — estão tão interessantes! Tão concorridos! Tão «bem»!

Faz-se das tripas coração. Vai-se. Parte-se. Deserta-se. Não ha dinheiro? Deixa-lo. Arranja-se dinheiro...

O veraneio é um romance de sacrificios que muitos pais de família não confessam nunca.

Para que um pequeno salte, uma menina brinque — os filhos tenham cor e tenham liberdade —, desponham os *firts* em flores, e as curas de águas não sejam meras abstrações dos clínicos especialistas — quanto chefe de família não dormiu as últimas vinte e quatro horas!

— Então, vamos ou não?

— Espera, mulher. Vamos a ver se consigo a licença no Banco. Falta ver se o meu sócio pode ficar em Lisboa. Ainda não chegou a resposta da casa...

E enfim:

— Tudo arranjado! Lá consegui harmonizar as cousas. Para o inverno, é que vou amargá-las.

E vai, pobre chefe de família. Os petizes estão descorados, as manas não tem *charme*, a senhora cada vez pior do fígado. Só ele — é de ferro.

Partir! Partir! Esteve o criado três horas ali no Rossio, mas trouxe os bilhetes. Marcaram-se lugares. O rápido é gentil; meteu mais uma carruagem. Isso é que vai ser uma estação calma! Enfim, tranquilidade.

— Bem precisas, meu querido. Fartaste-te de trabalhar todo o ano. Bem mereces este repousozinho...

Felizes os que têm uma quinta, uma ruína de casa antiga, quatro paredes cheias de recordações, e uma leira de terra, com árvores de sombra.

As galinhas esperam desde o ano passado. Como estão crescidas! Aquela ninhada — já canta, ainda o sol não ergueu a cabeça fulva por trás dos outeiros.

Que bom ouvir cantar o galo novo, o frango do ano passado, e que a gente viu nascer da casca de um ovo, que não estava destinado à *omelette* frugal com leite mugido de ocasião!

Já casou a Mariana, a filha do caseiro. Foi pelos Reis. Para o ano, haverá mais um cachopo na roda do povoado. A um quilómetro, passa o comboio. Vamos ver passar o comboio; tanta gente que vai apressada para as praias! Como os corredores vão empilhados de malas! Parece uma peregrinação — para o mar.

E nós aqui, tranquilos, sem jornais, sem os malditos jornais, sem notícias, sem rumor de escândalos, sem sensaborias! Esta manhã — foi o primeiro domingo — ouvimos missa na ermida da Saúde, e almoçamos em casa do Morgado velho, que não morre nem que o matem.

O correio não trouxe correspondência. Sim, consta aqui por um caixeiro viajante que está tudo no mesmo sítio, e que o 14 de Maio ainda não aparece à vista. Há um boticário que tem o *Noticias* de ante-onde, que conta, por miudinhos, a história da crise política francesa, as intrigas dos soviets, a carta de Clemenceau a Coolidge, o veraneio de Afonso XIII, a greve mineira inglesa, o atentado contra Pangalos e a chegada dos aviadores ingleses à Austrália.

Nada disto vale a nossa galinha preta, que anda de amores novos — é viuva, coitada — com um galo de raça, e que é quem ensina a cantar, em Orpington, a ninhada plebeia do ano passado. As vinhas estão quasi a cair de maduras,

bagos de ouro e de rubi ensangüentado que vai ser de entontecer as narinas, à fervura dos móstos doces. E vêm-se ao longe passar os carros de trigo seco, entre filas de valados antigos, e onde as amoras cor de violeta fazem ninho às aranhas e dão sombra aos pobres que andam a pedir, de terra em terra, pelos dias do calendário.

É certo: existe a civilização. Há também as praias da linha de Cascais e as casas brancas da linha de Sintra. Mas nós vamos ter este ano um S. Miguel divino, que vale por todas as cantoras do Casino de Sintra, e por todos os *singles* da Parade, com a Lenglen ou sem a Lenglen.

Se a civilização nos descobrisse aqui, não ficavam rosas no roseiral da quinta, e lá se iam os cânticos ensaiados dos nossos Chantecleeres, de manhã, quando se deitam, lá longe, nas praias chiques, os últimos voluptuosos do jazz-band e da roleta...

Lisbôa asfixia. As árvores morrem. Os lagos secaram. As fontes não deitam um fio de água. Os teatros, sonâmbulos, representam, por hábito, as peças que os porteiros já sabem de cor.

No Chiado, as montras de flores, cravos vermelhos, rosas de estufa, de balde procuram um peito de mulher onde descansarem a cabeça, ou uma jarra azul onde feneçam, na piedade tépida dos salões.

O Governo anda em viagem de propaganda, e pelas ruas os automóveis são só *taxis*, conduzindo os desgraçados, que não podem .. desgraciar-se e fugir de Lisboa.

Se não partiste ainda, parte amanhã mesmo. O tempo vai suão, e nos longes das praias anda o calor isolado, tomando banho, enquanto sob os toldos os petizes constroem castelos de areia — ensaios para a vida — e as mães lêem romances modernos de há cinquenta anos.

Sim, meu velho. A caminho! Toca a preparar tudo, e a emigrar desta Lisbôa insípida, sensaborona, ridícula, 1830, e que é a única cousa verdadeiramente tranquila que há neste mundo — e de que tu vais ter infinitas saudades.

NORBERTO DE ARAUJO.

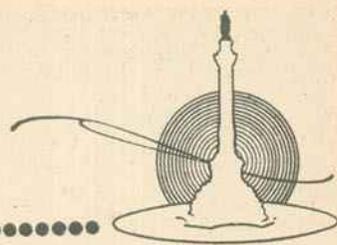
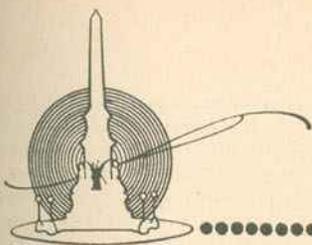
ÉDOUARD DÉTAILLE

Este notável artista, autor do quadro reproduzido na tricromia do presente número, nasceu em Paris em 1885, e na mesma cidade morreu em 1912. Tendo-se dedicado com entusiasmo ao género militar, o grande quadro *Le Rêve* conquistou para o seu pincel os carinhos da fama. Distinguido-se pela exactidão e pela calma, produziu muitas outras telas de mérito, como *En Reconnaissance*, *Salut aux blessés*, *Bonaparte en Egypte*, *La Chevauchée vers la gloire*, existente no Panthéon, etc.

No *Déjeuner à la campagne*, em que o *grogard*, o típico soldado da Guarda Imperial, tendo voltado à sua terra para casar, vai dar um passeio com a noiva e o futuro sogro, há, além do valor artístico do quadro, a nota curiosa do traje domingueiro usado pelos provincianos franceses nos princípios do século XIX.

A Ilustração não publica senão os originais solicitados.

LISBOA



Na Cozinha Económica de Alcântara—A festa comemorativa do nascimento da Senhora Duquesa de Palmela, fundadora desta benemérita instituição. A presidência da sessão solene: sr. Nunes Carreira, capitão Menezes Alves e dr. Calado Rodrigues



O 8.º Congresso Pedagógico — O sr. Ministro da Instrução Pública lendo o seu discurso na sessão inaugural, que teve lugar no Pavilhão da Escola Académica

O sr. João da Cunha de Eça, que, recém-chegado há dias do Brasil, reassume com o presente número as funções de director da *Ilustração*. Esta sua viagem à grande República d'além-Atlântico, a que tantos laços de amizade nos prendem, pode dizer-se que foi sobretudo fecunda em resultados, tanto no que respeita aos interesses comerciais da importante livraria-editora de que é sócio gerente, como também no que importa ao estreitamento das relações intelectuais luso-brasileiras, objectivo que não ocupava menor lugar na sua missão. A principal imprensa da nação irmã não perdeu um único ensejo de accentuar o completo êxito desta embaixada em prol das letras portuguesas, cumulando a mocidade empreendedora do nosso director das palavras mais significativas de apreço, as quais nos compete agradecer, pois, como é natural, elas calaram bem fundo no coração de todos que trabalham nesta revista.



O príncipe dinamarquês Axel, que passou recentemente algumas horas em Lisboa, tendo desembarcado do navio em que viajava para visitar a cidade e os seus pitorescos arrabaldes de maior renome nas tubas do turismo. Á sua direita, tem os srs. Bull, encarregado de negócios da Dinamarca, e Beckmann, vice-cônsul, e à esquerda os srs. Guilherme Pinto Basto e dr. Ferreira de Almeida, figura das mais distintas da nossa diplomacia, que foi durante alguns anos o representante de Portugal junto daquela côrte



O sr. dr. António Carlos Ribeiro de Andrade, figura eminente da politica brasileira, que, a bordo do «Almanzorra», há dias esteve no Tejo, de passagem para a sua pátria, onde vai tomar posse da presidência do Estado de Minas Gerais. Acompanham-no, no grupo tirado para a «Ilustração», algumas senhoras da sua familia e o sr. Embaixador do Brasil

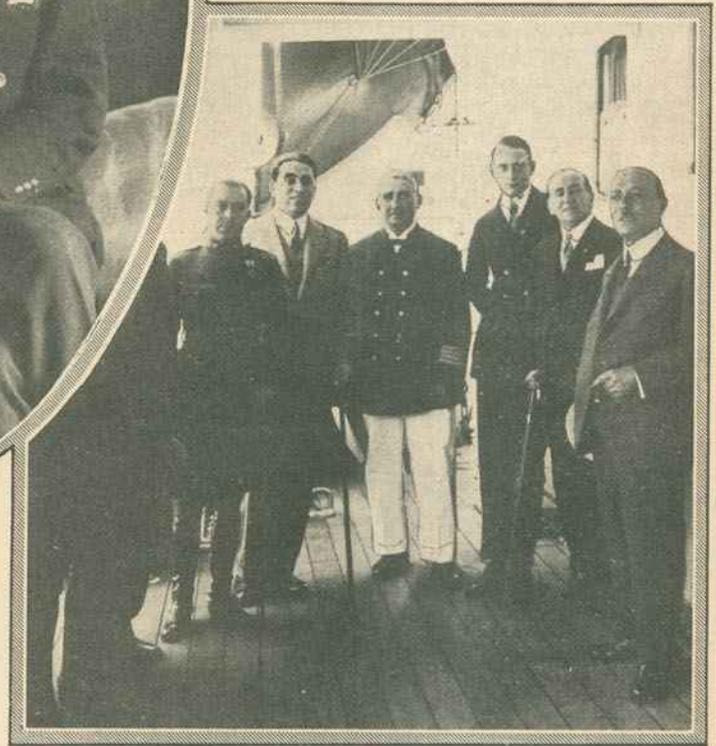


Os convivas do almoço oferecido, no Restaurant Club, pelo sr. dr. Alberto de Xavier, ilustre director do «Diário da Tarde», comemorando o aniversário da publicação deste periódico. Do grupo fazem parte, não só os redactores d'esse jornal, como outras figuras muito conhecidas do nosso meio jornalístico

SOCIEDADE
ELEGANTE



Os noivos com os seus padrinhos

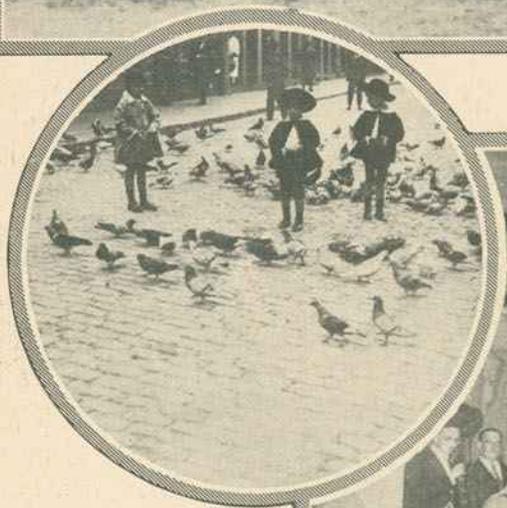


O casamento da sr.^a D. Flora Monteiro Bastos, filha da sr.^a D. Maria José Fernandes Tomás Monteiro Bastos e do sr. Carlos Bastos, com o sr. Vasco Marques da Cunha Braamcamp de Mancelos, filho da sr.^a D. Margarida Troni de Mancelos e do sr. Luis da Cunha de Mancelos (já falecido), cuja cerimónia se celebrou na Basílica da Estrêla, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Flora de Sousa Rodrigues e D. Margarida Troni de Mancelos, e de padrinhos os srs. drs. João Albino de Sousa Rodrigues e Jorge Soares de Mascarenhas

O príncipe Luis Fernando da Prússia, neto do ex-imperador Guilherme II da Alemanha, que, a bordo do «Madrid», passou há dias em Lisboa, com o comandante do paquete e mais companheiros de viagem



Grupo de elegantes fazendo o seu footing na Avenida de Carreiros, da Foz



Um espectáculo enternecedor: as crianças dando de comer aos pombos, na Praça de Santa Terça



Na solenidade comemorativa do aniversário da morte do ilustre actor José Ricardo, celebrada pelo grupo dos «Modestos»: o corpo scénico com os representantes das autoridades e mais convidados



CONSERVATÓRIO
DE MÚSICA

Grupo de alunos que fundaram este ano o seu curso e que, no concorrido recital de encerramento de trabalhos daquele progressivo e bem orientado estabelecimento de ensino artístico, prestaram provas merecedoras de franco elogio

Na adição de discípulos do sr. Afonso Valentim, efectuada no Salão Nobre da Associação Católica do Porto: os alunos que, na execução de diversas peças dos maiores artistas musicais, demonstraram excelente aproveitamento, rodeando o seu querido mestre.

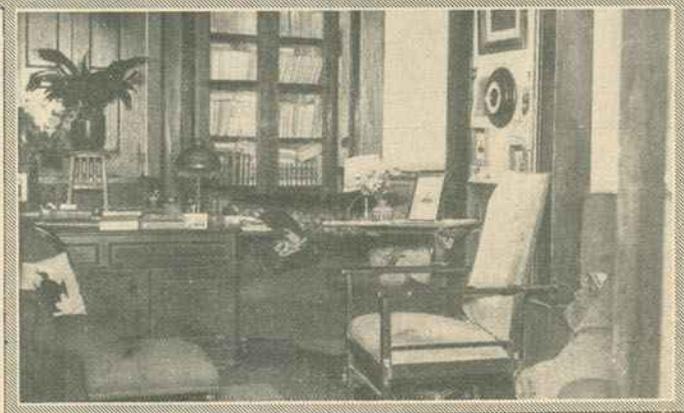


O sr. Joaquim de Freitas Gonçalves e sua esposa, D. Maria Diogo de Freitas Gonçalves, ambos com tão marcado lugar no meio artístico portuense, acompanhados das discípulas que os distintos professores apresentaram na interessante festa de fim de ano lectivo, realizada no Centro Comercial

A ANADIA RECONHECIDA



A cerimónia do descerramento do monumento erigido à memória do dr. José Luciano de Castro, político insigne da monarquia, que, filho desta linda terra, tanto se desvelou nos seus progressos.



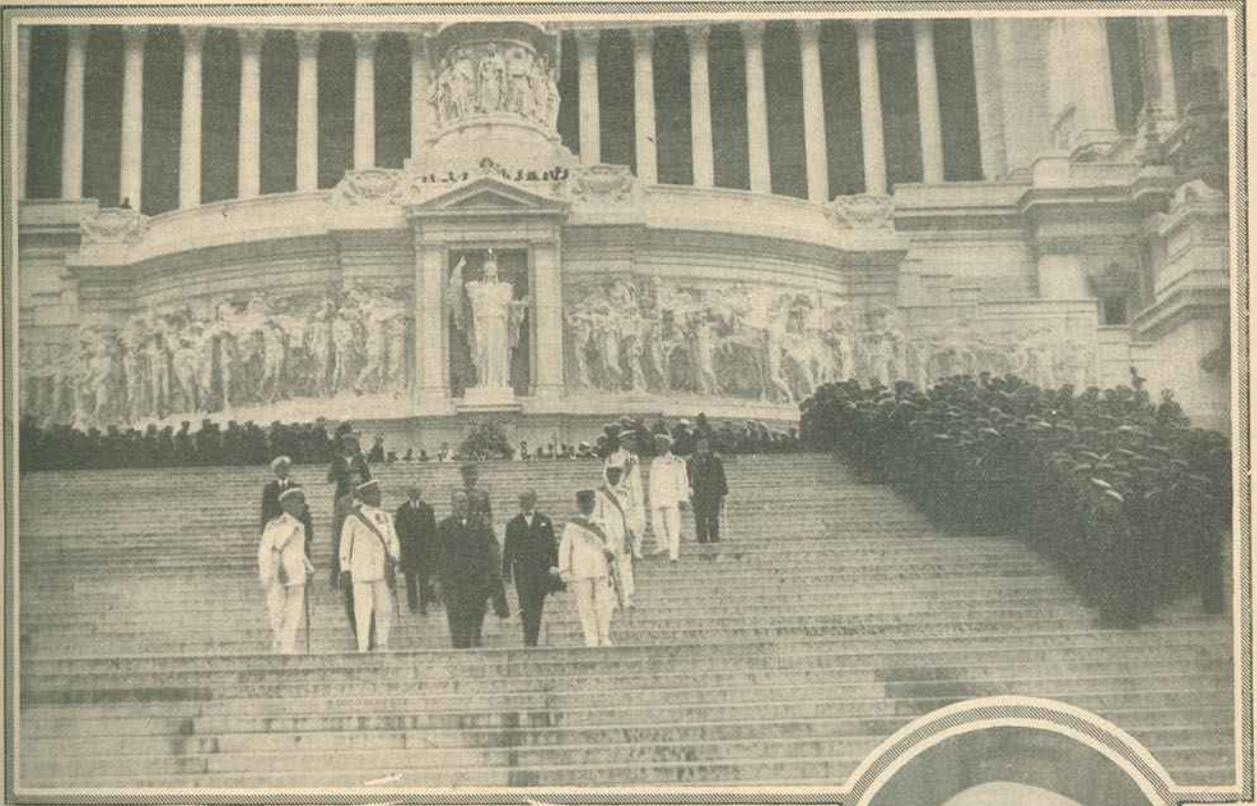
Um desanuviado aspecto da enfermaria do Hospital-Asilo da Anadia, edificado e mantido pela benemerência da esposa e das filhas do dr. José Luciano de Castro, e cuja bênção se efectuou agora.

O gabinete de trabalho do falecido estadista



Grupo tirado no jardim do solar Seabra de Castro, em que se vêem, além dos membros dessa ilustre família e muitos convidados e figuras do clero, bastantes individualidades que tiveram realce na política do antigo regime

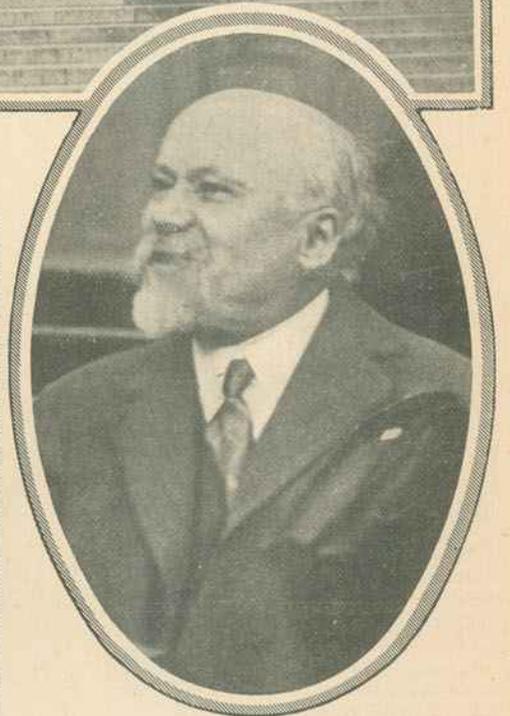
PELO MUNDO FORA



ITALIA — Na homenagem ao Soldado Desconhecido, rendida pelos marinheiros da esquadra ancorada em Ostia: o sr. Mussolini, no meio da oficialidade, descendo a escadaria do monumental edifício (Clichê Enit)

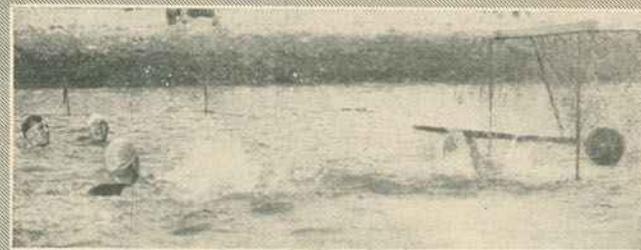


PARIS — Nos inquietos dias da crise do franco: a multidão, nas circunvizinhanças da Bórsa, esperando com ansiedade as cotações cambiais



Mr. Raymond Poincaré, antigo Chefe de Estado, que acaba de constituir um gabinete com características de salvação nacional, pelo grande número de figuras dominantes da política francesa que nele se congregaram, abatendo as bandeiras partidárias

DESPORTOS



O match Portugal-Espanha de Water-Polo. O 1.º goal dos espanhóis

WATER-POLO

O 1.º PORTUGAL-ESPAÑA

REALIZOU-SE em 8 do corrente o 1.º encontro entre as equipas de Portugal e da Espanha.

O acontecimento merece ser registado, não só por representar o estabelecimento de relações internacionais, como também pelo interesse desportivo que veio despertar a realização do encontro.

Os nadadores do Sport Algés e Dafundo negaram o seu concurso para a formação do «team» nacional. Não queremos aqui discutir os motivos que os levaram a proceder de tal modo.

Contudo, esta atitude não

merece nem a nossa simpatia nem o nosso aplauso.

O Sport Algés e Dafundo teria tudo a ganhar prestando o seu concurso a esta prova, ainda que a razão estivesse do seu lado.

A Liga Portuguesa dos Amadores de Natação devia também por seu lado ter procurado uma solução para o caso e não o fazendo, andou mal.

Quanto ao desafio propriamente dito, podemos dizer que foi falho de interesse.

Duma maneira geral, o domínio pertenceu aos espanhóis na primeira parte; na segunda parte este domínio foi menos acentuado, chegando a haver equilíbrio de parte a parte.

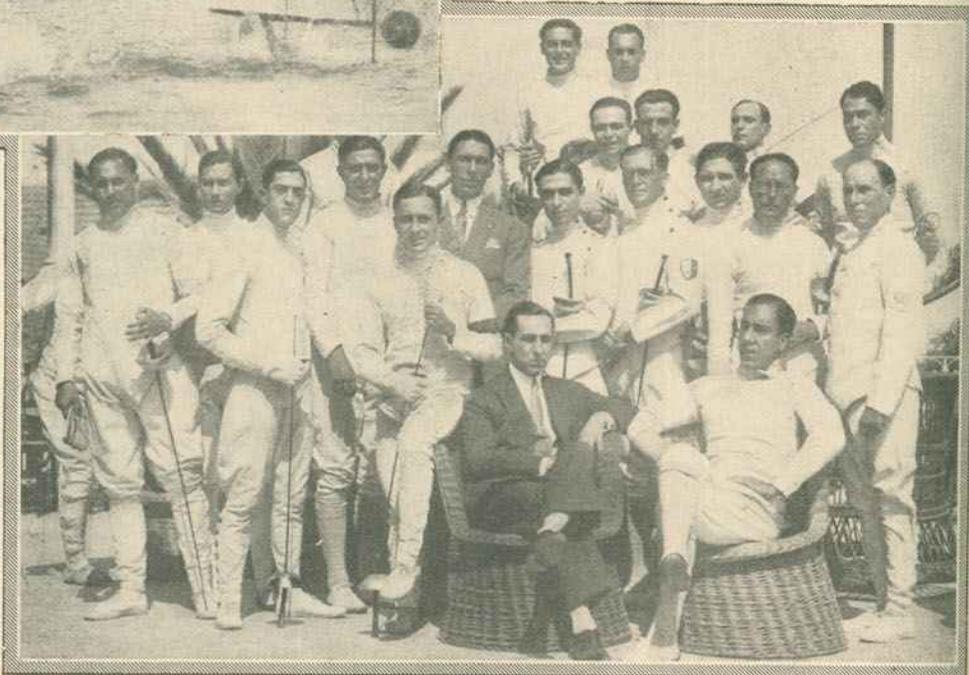
Os espanhóis fizeram na primeira parte numerosos lançamentos que não resultaram, devido não só a boa actuação de Coelho da Costa como também à manifesta infelicidade dos nossos adversários.

Na segunda parte a falta de fôlego fez-se sentir, tendo os espanhóis marcado 2 goals e os portugueses 1, resultado dum bom trabalho de Mario Garcia.

É para lamentar a falta de correcção que houve de parte a parte o que veio só prejudicar, além de tudo, o jogo em si.

A assistência à prova foi muito numerosa tendo a organização sido de molde a satisfazer.

A «equipe» de Natação Espanhola que tomou parte no jogo de W. Polo



Grupo dos atiradores que disputaram a Taça Pinheiro Chagas

ESGRIMA

REALIZOU-SE no Casino do Mont' Estoril, a disputa da Taça Pinheiro Chagas.

A inscrição para esta prova foi boa quanto à quantidade mas muito fraca quanto à qualidade dos atiradores.

Apenas se inscreveu um jogador de 1.ª categoria, João Sasseti, que está visivelmente em má forma.

Virgílio Barroso, da Sala Carlos Gonçalves, conquistou o 1.º lugar, classificando-se a seguir José Olivais da mesma sala e João Sasseti do C. N. E.

Barroso é um atirador com grandes qualidades, jogando bem em torneio. É combativo, está jogando já com mais técnica, devendo vir a ser um atirador muito forte.

A prova decorreu com animação, tendo a assistência, que era muito numerosa, aplaudido os vencedores desta prova.

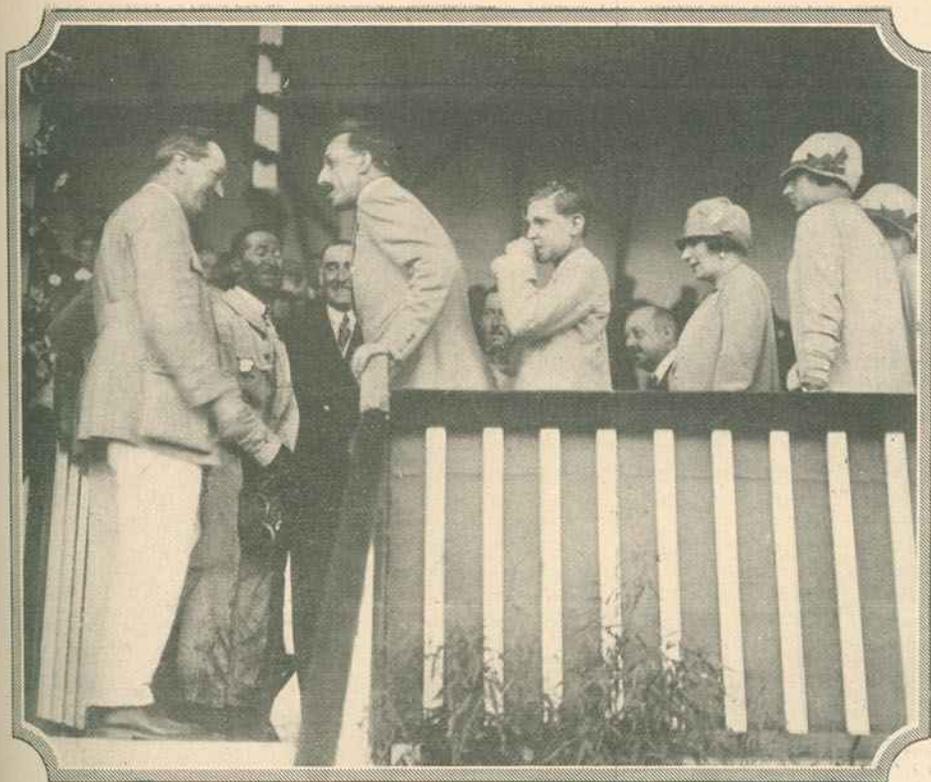
NATAÇÃO

A TRAVESSIA DA MANCHA

Miss Ederlé, a grande nadadora americana, acaba de atravessar a Mancha a nado.

O facto constitui em si um grande acontecimento pois que, tendo havido até hoje um grande número de tentativas, apenas 4 nadadores o tenham conseguido.

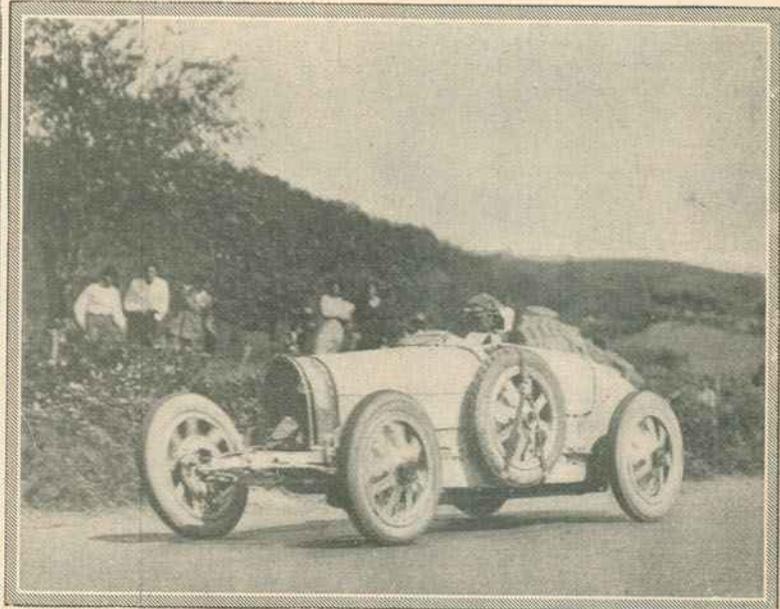
Miss Ederlé é a primeira mulher que atravessa a Mancha e mais ainda, conseguiu bater o tempo de todos os seus predecessores.



San Sebastian. — O Rei de Espanha felicitando Hugatti e Goux depois do Grande Prémio d'Europa



Miss Ederlé, que atravessou a Mancha a nado



O vencedor do Grande Prémio d'Europa, Goux, em plena corrida

Gastou 14 horas e 31 minutos no percurso, o que é formidável. Foi seu treinador o velho nadador inglês Burgers, que conhece a fundo as correntes da Mancha, as diferentes temperaturas e ventos, tendo sido pois o grande auxiliar de Miss Ederlé.

TENNIS

ESTÁ definitivamente assente a vinda a Portugal da equipe inglesa que vem disputar o primeiro encontro Portugal-Inglaterra de tennis.

O «match» realiza-se a 24, 25 e 26 de Setembro no «courts» do Sporting Club de Cascais e é aguardado com o maior interesse nos meios desportivos.

O BRACELETE DE JADE

A mesa virada ao poente, ornamentáram-se como para uma bacanal. Nêsse deboche de côr dos cristais irisados sob a luz, dos frutos estalantes de côr, da ambarina preciosidade dos vinhos, eram tristes os nossos fatos soturnos, duma secura severa e fria. Lá estava Luis Alberto, o escultor das mãos milagreas que hieratizavam a vida, eterno e amargo sofredor que rolara ao fundo da negreante melancolia. Do terrado, emoldurado em colunatas pagãs, via-se a cidade e os seus palácios, a planície e as suas aldeias, o rio e os seus barcos e no fundo esplendente dêsse fantástico cenário, o mar longinquo que o limitava em glória.

Nessa tarde de estio, quando o sol, ao cair do dia, arrastava o seu manto de púrpura e oiro no azul do céu lavado, a paisagem esbraseada tornava-se magia; e era o estalar duma fanfarrã cegante de côres, aos gritos, sôbre o horizonte melancolisado ao aproximar-se a treva.

Enquanto jantávamos, olhando o poente, seguíamos em êxtase as gradações da luz, assistíamos quedamente à furiosa agonia do sol, sorvido pelo mar, tingindo-se do próprio sangue, rolando-se nos seus oiros, cuspidando sôbre as rochas longos laivos de cinábrio, e, vencido, mergulhar por fim num último lampejo, como num derradeiro grito cruciante de Adeus, enquanto do outro lado da abóbada, pesadamente silenciosa, parda e imensa, na cinza violeta do crepúsculo, surgia lenta e perversa uma moeda de prata, imensa, que ria.

— Uma história! — pediu uma das damiselas da roda.

— Uma história que meta medo!... — acrescentou outra.

— Como sabem, estive muito tempo em Itália, — começou Luis Alberto — terra onde a minha alma, banhada pela luz eterna de eterna beleza, começou a sentir a beleza verdadeira. Foi ali que cursei as academias de escultura e que, pela primeira vez, dei vida ao mármore, ferindo-o em pancadas musicais com a veemência trágica da minha dôr. Do que sofri e porque fui artista, não cuido agora.

Disfrutava nessa época duma boa pensão que me permitia o luxo, notável entre os pensionistas, de viver isolado numa casinha pequena, gentilíssima, nos arredores de Florença, a magnífica.

Não tinha amigos, nem cultivava camaradagens e as minhas únicas relações eram dois ou três compatriotas que visitava pouco e o major

Hoodkins, um inglês triste, de olhos turvos, que visitava com assiduidade os cursos de escultura, deleitando-se na contemplação dos melhores trabalhos que, no caso dos autores serem necessitados, premiava sempre com qualquer forte sôma em belas notas do Banco de Inglaterra. Pus-me a estimar aquele homem hercúleo e bondoso, modesto, simpático, afável e sereno e em cujos olhos parecia tremular sempre uma lágrima dolorosa. Visitei-o muitas vezes no Hotel Massilia em que se hospedava e onde ocupava quartos principescos. Nunca me falou da sua vida nem me perguntou cousa alguma da minha. Soube que era celibatário, que exercera importantes missões na Índia e que estava reformado a seu pedido. Nada mais. Admirei muitas vezes as suas colecções de raridades hindús e notei por vezes que, ao falar-me do sobrenatural, que anda estreitamente ligado a tôdas as narrativas e lendas da Índia, a sua voz se velava, tal qual como os seus olhos turvos. Nunca a nossa intimidade foi mais além. O major Hoodkins continuava a ser o gentleman imperturbável e correcto e eu o sonhador aprendiz de escultura que ainda a Dôr não destruíra nas suas garras crudelíssimas.

Uma noite, clara e luminosa, cheia de luar, banhada em prata, como são certas noites de primavera em Florença, estava eu à janela do meu estúdio e olhava apáticamente o pequeno jardim onde a fobia do meu antecessor tinha eliminado as árvores para só deixar ficar uns canteiros rasos e um *baobab* raquitico como penacho de cabeleira no meio dum crâneo tonsurado. O luar, porém, era tão belo que até resgatava a fealdade do jardim calvo. Subitamente, na rua deserta, appareceu um vulto corpulento que andava apressadamente, quasi corria e que, chegado ante o portão do meu jardim parou, tentando abrir a gradaria nervosamente. Pareceu-me reconhecer aquella criatura corpulenta de largos ombros mas sempre gritei da minha janela, aberta de par em par:

— Quem está aí?

Numa voz perturbada, turva, ansiosa, respondeu o recémchegado:

— Sou eu, Hoodkins! Abra por Deus!

Desci ao jardim verdadeiramente inquieto e logo que fechei o portão nas costas do major, quis obter dêlle quaisquer indicações. Mas Hoodkins sem me ouvir, andava apressadamente em direcção à casa isolada onde o meu único criado devia dormir a sono sóto. Cada vez mais surpreendido com aquilo tudo, segui o estranho visitante, fazendo-o entrar no meu quarto cujas luzes acendi fechando as janelas e a porta. O

meu amigo inglês, olhava ansiosamente para todos os lados, como se temesse alguma embuscada e o seu ar era tão estranho que lhe perguntei:

— O que tem, major?! Diga-me, o que tem, o que lhe succedeu?!

Naquela voz turva de quando me falava da Índia sobrenatural dos fakires, respondeu deixando-se cair numa cadeira:

— Tenho... Tenho medo!!

Tentei sorrir, agradecer, mas elle continuou:

— Sim, meu amigo. Um medo horrível e veraz, depois de lhe contar a minha história, que tenho razão!

Fez-me sinal de que me sentasse e disse-me com rapidez:

— Vou ser breve, porque, talvez não tenha tempo para me espraçar em considerações. Sou filho de um militar, por sua vez filho dum outro que se celebrou na Índia. Por casualidade ou por fatalidade, tôda a nossa familia, familia de militares, tem servido na Índia. Meu pai, para lá foi de muito novo e foi acompanhado por seu irmão gêmeo, meu tio Harry. Meu tio foi destinado ao interior, aos pontos que, permanentemente, estão em contacto com os chefes que são occultamente irreductíveis inimigos dos ingleses. Meu pai, o brigadeiro Thomas Hoodkins ficou em Bombaim onde minha mãe se lhe foi juntar, levando-me nos braços bem como a meu irmão Jack. Largos anos vivemos em paz e quando rebentou a terrível revolta chefiada pelo Ghandi, já eu entrara no exército colonial com uma espinguila doirada. Meu pai, official-general, organizava uma columna de combate aos insurrectos, que seria, ao mesmo tempo, uma columna de socorro para libertar os pontos longinquos da linha de defesa comandada por Harry Hoodkins e que deviam estar sofrendo o embate rude dos partidários do Ghandi.

O que foi essa campanha de massacres e de carnificinas, não posso nem devo eu relatá-lo. Como ajudante de campo de meu pai, fiz tôda a árdua campanha, tendo por via das obrigações do cargo de assistir impassível à solução da epidemia de peste que nêsse ano assolou a península do Ganges. Como sabe, o governo inglês, transmitiu uma ordem desesperada. As tropas regulares, deviam fuzilar sumariamente, todos os individuos atacados de peste. A nossa columna, fuzilou mais de cinco mil indigenas, alguns por simples suspeitas de contágio.

Um espectáculo dêstes, creia o meu amigo, vacina um militar contra todos os horrores do mundo.

— E seu tio?! — perguntei já interessado na narrativa.

— Meu tio foi encontrado no mato, fugido, porque os seus soldados haviam sido massacrados pelos homens do Ghandi. Meu pai, militar de ferro, encarregou-o imediatamente da missão de honra, prender o agitador supremo. Dali a dez dias o Ghandi, estava preso e foi meu tio quem deu a voz de fogo ao pelotão que fuzilou o caudilho num bosque de tamarindos. Ao soarem as detonações, o Ghandi ergueu os braços ao céu e caiu depois imóvel.

Meu pai, correu para ele e ergueu-lhe o braço direito. Alguma coisa o tinha surpreendido quando o fuzilado erguera os braços. Efectivamente, o Ghandi, ostentava no pulso direito um bracelete de jade, figurando uma serpente verde, muito cinzelada. Meu pai, por suas próprias mãos, entregou o trofeu a meu tio. Nessa noite, operámos a lenta retirada até aos postos iniciais da nossa linha. Com a morte do Ghandi, acabara a revolta sagrada nas margens do Ganges. Voltámos a Bombaim. Meu irmão Jack que ficara na guarnição era promovido no mesmo dia em que eu o era e em que meu pai recebia a «Military Cross» pelo resultado da sua repressão. Parecia à minha família destinada a um futuro brilhante e tranqüilo. Não foi assim. No dia em que precisamente fazia um ano que o Ghandi caíra varado pelas balas junto ao longínquo bosque de tamarindos, meu tio, que fôra transferido para *Cape-Town*, suicidava-se em condições misteriosas. Foi meu pai recolher o espólio que tinha sido enviado ao lord vice-rei das Índias. Depois de uma conferência muito longa, voltou a casa com os olhos injectados de sangue, a face demacrada, lívido. Abriu o cofre, recolheu nele alguns documentos e o bracelete de jade que usara no braço direito, aquele fanático Ghandi. Depois, ao sentar-se à mesa para jantar, preveniu minha mãe de que voltavam ao Reino Unido no primeiro vapor. Tinha pedido a sua demissão sendo o oficial mais novo no seu posto, a dentro do exército inglês. Não intentámos prescrutar as razões de tal facto mas meu irmão que, retido no serviço, ficara comigo na Índia, após a retirada do nosso pai, muitas vezes me falou nesta estranha resolução. Passaram-se cinco anos e um cablograma trouxe-me a notícia terrível. Meu pai e minha mãe tinham encontrado a morte em condições trágicas. Uma torneira de gás, deixada aberta, sufocára-os durante a noite. Obtida licença, corri à Inglaterra e averiguando, notei com terror que a data da morte, coincidia com a data do suicídio de meu tio e portanto com a morte do Ghandi. O espólio de meu pai, tirou-me de dúvidas. A sua morte não fôra um desastre. O pobre fôra assassinado.

Uma carta recebida três dias antes, dizia claramente que o atentado se daria e emprazava para dali a cinco anos a morte de outro dos membros da nossa família. A assinatura deste estranho documento, era um primoroso desenho, a reprodução finamente colorida, do bracelete de jade do Ghandi fuzilado. Procurei no cofre o bracelete fatal e com ele achei igualmente a explicação da morte do meu tio e também da demissão de meu pai. O pobre Harry Hoodkins, quando em contacto com os hindús, na sua estação do norte do Ganges, fôra, por amor de uma bailadeira, iniciado nos mistérios de uma

seita «O bracelete de jade» cujo chefe era o Ghandi.

A revolta, ao estalar colocára-o num dilema fatal: ou traidor à pátria ou ao «Bracelete de jade». Harry Hoodkins sob as fôrças vistas de meu pai, não pudera hesitar e consumara a felonía ao pacto jurado ao Ghandi. Então a seita perseguira-o e um ano depois saldava a sua terrível conta em *Cape-Town*. Agora eram meus pais as vítimas imoladas. Era pavoroso, mas eu lutaria. Por minha vez pedi a demissão e dediquei-me a vigiar a vida de meu irmão. Há cinco anos precisos, três dias depois de meu irmão ter recebido uma carta que interceptei e em que lhe anunciavam o próximo fim, verifiquei que a luta era inútil contra o «Bracelete de jade». Meu irmão Jack, como primogénito, era detentor do terrível objecto. Habilmente, sem que ele tivesse a mínima suspeita, consegui que mo entregasse e na noite fatídica eu mesmo o encerrei no meu cofre guardando as chaves comigo. Depois, reuní-me com meu irmão, decidido a não o perder de vista durante toda a noite.

— Era então a noite que encobria o mistério dessas mortes terríveis? — perguntei eu sentindo já um leve mal estar.

— Sim. Esquecia-me dizer-lhe que, em todas as cartas fatais se impunha um prazo para a morte, que terminaria às doze horas prefixas, a meia noite fatídica. Passada essa hora, diziam os papéis trágicos, a morte respeitaria o ente que até lá lhe resistisse. Ora eu, tinha tomado as minhas precauções. A casa estava vigiada, revistada minuciosamente e estavam num compartimento onde as janelas e portas tinham a resistência de cofres fortes. Ansiosamente, eu seguia o movimento diabólicamente compassado do relógio e assim vi aproximar-se a meia noite sem que qualquer coisa de anormal viesse perturbar a nossa conversa. Subitamente e quando os ponteiros iam ultrapassar a hora designada, meu irmão, sem uma palavra, ergueu-se de chofre e puchando da sua pistola, disparou um tiro no céu da boca. Caiu redondamente, fulminado e ao debruçar-me sobre ele, vi, cheio de horror, que lhe cingia o pulso suicida, o bracelete de jade do Ghandi.

— Mas, não o tinha guardado?! — atalhei assombrado.

— Sim! O cofre estava fechado, as chaves estavam comigo, não havia duplicados, mas o bracelete tinha ido enroscar-se sinistramente ao pulso direito do meu pobre Jack. Não estava dentro do cofre inviolado!

Depois destas palavras do major, confesso que me senti preso duma angustia enorme e adivinhando já a situação terrível, perguntei-lhe com a voz sumida pelo pavor:

— Então hoje... major...

Hoodkins, baixou a cabeça e disse-me surdamente:

— Faz hoje cinco anos que meu irmão morreu. Há três dias, recebi a carta de prevenção. Sou o último dos Hoodkins!

— Mas então — atalhei eu — veio aqui para que, juntos, esperemos a meia noite?

— Sim, meu amigo. Em ninguém mais tenho confiança. Tenho um medo invencível de morrer ou talvez um desejo enorme, indiscriptível

de vencer «o bracelete de jade». Tomei todas as precauções. Venho desarmado e guardei o bracelete...

— Onde?! ... — interrompi febrilmente.

— Des'ance! — disse sorrindo o major — Depositei-o no Banco Morganem Nova York. Está encerrado numa triplíce caixa forte e as chaves estão noutro banco, no Minnesota. Compreende?

— Compreendo, major e estou inteiramente disposto a ajudá-lo a vencer! — disse enérgicamente, dominando o meu terror primeiro.

Começou a nossa espera angustiosa. Tinham-se fechado todas as portas e dois relógios, o meu e o do major, controlavam o tempo. A aproximação da hora fatal, o major abraçou-me comovidamente e quedou-se em silêncio, um silêncio sinistro que eu respeitei. As nossas faculdades estavam tensas, terrivelmente tensas. Sentíamos que um ruído estranho que, nesse momento quebrasse aquele silêncio nos fulminaria de espanto. Mas por fim, a meia noite sou numa lentidão torturante e quando a campana do relógio cessou de tocar, o major Hoodkins estava vivo e abraçava-se a mim novamente.

Nunca dois homens se abraçaram com tanta lealdade e tanta energia, tanta alegria moral como nos abraçámos nesse momento. E então falámos, cantámos, rimos, assobiámos como garotos em férias.

Quanto tempo assim estivemos, nem eu sei. Sei apenas que, depois de muito tempo o major foi abrir a janela. A luz do dia invadiu a casa e vimos as horas. Eram oito horas da manhã, da manhã mais bela e risonha que ainda meus olhos viram. Fechamos as janelas novamente e o major, obrigou-me a deitar não consentindo que o acompanhasse a casa como eu pretendia. Obedeci-lhe porque, na verdade, me sentia extenuado daquela noite trágica de espera à morte.

Readquirida a sua prestança, o major Hoodkins despediu-se afectuosamente de mim e ouvi os seus passos pesados descendo a minha escada modesta. Depois, em baixo a porta bateu fazendo estremecer a debil construção.

O sono ia fechar-me os olhos mas um grito horroroso, terrível, mais parecendo o uivo duma fera ferida de morte, varou o silêncio da minha alcova.

Saltei da cama e na escuridão da casa, desci a escada aos tropeções, direito à porta, esperando, ao abri-la, receber o banho lustral do sol daquela manhã radiosa. Mas a luz não entrou. No jardim era outra vez noite e só o luar desenhava no meio dos canteiros calvos, junto ao baobab raquitico uma sombra estirada. Corri para junto d'ele e reconhecí o major Hoodkins. Estava medonho, os olhos saídos para fora das órbitas, o rosto negro e convulso e a sua mão direita apertava com fúria, enclavinhada, o pescoço tumefacto.

E no pulso, como uma lista verdoenga, vi, vi, vi, o «bracelete de jade» do Ghandi fuzilado. Sentí-me enlouquecer.

Mas a luz do dia, onde estava, onde estava?

As Campanas de Florença responderam-me ao longe. Todas cantavam, na noite plácida a meia noite fatídica que ia fendendo o luar.

DANÇAS ANTIGAS

O OITAVADO

O Portugal do século XVIII, comilão, freirático, arrotando bazófia, dissipando cruzados, não abundou em «festas galantes». Os simulacros que aparecem na gravura e no azulejo devem-se à importação de modelos estranhos, ou à estada cá de alguns artistas que continuavam seguindo as modas de França.

Ao serviço de D. João V, António Quillard aproxima-se de Watteau, sem a riqueza da obra do mestre, mas com a mesma envolveria doirada do seu colorido; por exemplo, num quadrinho da coleção Ameal, que julgo ter vindo para as Janelas Verdes.

Era de Quillard uma água-forte que só chegou até nós pela cópia que dela fez outro francês, Gabriel-Francisco-Lourenço Debrie: rara estampa, onde adeja esse espirito alindador que estilizava decorativamente os colloquios amaneirados da época.

Na iconografia da dança portuguesa, a gravura de Debrie merece lugar de destaque. É, discretamente, uma das poucas «festas galantes» de assunto português. A mulher que dança, de costas, tem o alto porte das dançarinas de Watteau. Em toda a composição, há o tom de frivolidade arrebicada, inseparável dos idílios do tempo.

Trata-se de um passeio campestre de quatro namorados. Após a merenda, que o pagem negro acaba de levantar, um dos pares ficou arrulhando sentado: de tricórnio, e leque na mão, a amada ouve o galanteador suplicante. Mais activo, o outro par entrega-se ao prazer da dança em voga. A dama, sem chapéu, arceia os braços, requebrando-se. O facto de o dançarino ser ao mesmo tempo o tocador depõe a favor do carácter popular do Oitavado, cujo nome tanto podia derivar do metro das suas estâncias, como do instrumento que as acompanhava — «oitavado» era igualmente uma espécie de viola.

Dois pavões solenes ladeiam, ao alto, um açafate de fructas, empoleirados sobre um arco engrinalhado de cachos e pampanos. Numa gaiola redonda, há três periquitos, lembrando o Brasil, onde, no Vol. XXVIII dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, foi reproduzida pela primeira vez a interessante gravura, que tem como legenda: *Oitavado. Dança portugueza*. A estampa está datada de 1745. Quillard parece ter morrido em 1733. A cópia de Debrie é, portanto, posterior à morte do seu primitivo desenhador.

As primeiras referências, que conheço, ao Oitavado são, exactamente, do ano do falecimento de Quillard. É de 1733 o *Testamento que fez Manoel Braz, mestre çapeiteiro morador em Malhorca*, onde se lê:

*Da Freguesia virá também o Cura,
E, com a voz sonora e com doçura,
Um responso me cantará, bem-entoado,
O qual será pelo som do oitavado.*

Na *Vila do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, primeira ópera jocosa de Antonio José da Silva, estreada nesse mesmo ano, cantava-se o Oitavado, e Sancho Pança diz a certa altura: «...cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar um homem com as vozes do meu canto a dar com o corpo á sola.»

Manobrando os seus bonecos, é ainda o Judeu quem, na *Esopaida*, de 1734, nos fornece o seguinte diálogo:

«Esoro — Não haverá Barbeiro que ad namo-



O Oitavado. Dança Portugueza. — Gravura de G. F. L. Debrie (1745)

randam, vel bichancreandam fregonam non tangat oitavado; atqui que o oitavado é som folgazão; ergo amor inginhatur com cousa alegre.

XANTO — Distingo: O oitavado é som folgazão, ut vulgo o arrepia, concedo; porém se é o oitavado mole, nego.

ESORO — Tudo o que é mole se arrepia; o cabelo se arrepia, porque é mole; ergo o oitavado mole e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não tem resposta; assim o diz Galeno: *Omne molle arripiatur, ou surripiatur*, como diz a Glosa.

Temos, pois, que o Oitavado era uma canção popular e alegre, que servia para dançar, e tinha semelhanças com o Arrepia, outra dança e cantiga do século XVIII. Aparecem lado a lado no *Testamento e ultima disposição que de seus ornatos, enfeites e adornos fez huma França, por causa da nova Pragmatica* (1751):

*Os meus manguitos e as minhas pulseiras
Mando se dêem a duas regateiras.
As mais apuradinhas e aceedas,
Chafalhonhas, briosas, desgarradas,
E por este legado,
Cantarão cada noite o oitavado,
E também cada dia
Hão-de gargantear um arrepia.*

Quanto ao «Oitavado mole», de que se faz menção na *Esopaida*, talvez fôsse uma maneira mais plangente e arrastada de o cantar, se é

que não se trata de alguma expressão popular, de sentido desconhecido para nós.

O Oitavado figura noutros folhedos setecentistas. No *Novo Entremez intitulado Casquilharia por força*, de 1781, alude-se a uma dama que «baillava o oitavado de compasso, que ficava a gente admirada, porque não mostrava uma ponta do pé.» Nesse tempo, porém, êle já pertencia às velharias, como se deduz do titulo de outra obrinha de 1763: *Fabula de Polifemo e Galatêa, que se propôs por assunto na Academia dos Velhos. Cantou-a em o antigo som do Oitavado um curioso dos que escaparam ás iras da critica moderna, porque fugiram.*

Numa nota do *Sonho*, Filinto Elisio descreve o Canário — outra dança — como «um Oitavado mui repinçado na viola, e dançação com muitas posturas difíceis e de muita gravidade.»

O Oitavado, já o disse, entrou em decadência antes de findar de mil e setecentos. Miguel do Couto Guerreiro, na sua *Visita de Senhoritas (Sátiros — 1786)*, incluiu-o entre as «modas de cantar» já desusadas, com a *Amorosa, Ossos do Canivete, Passarinho Trigueiro, Joana Rosa, Marinheira, Covanco, Luis Teixeira, Nanita, Ansias, Parado, A Bela Damiana*, etc.

Mais feliz do que muitas outras danças e canções, ficou a recordar a voga do Oitavado a estampa galante de Quillard e Debrie, a que estas notas servem de fraco encaixilhamento.

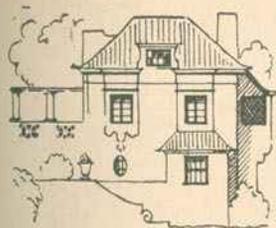
MANOEL DE SOUSA PINTO.



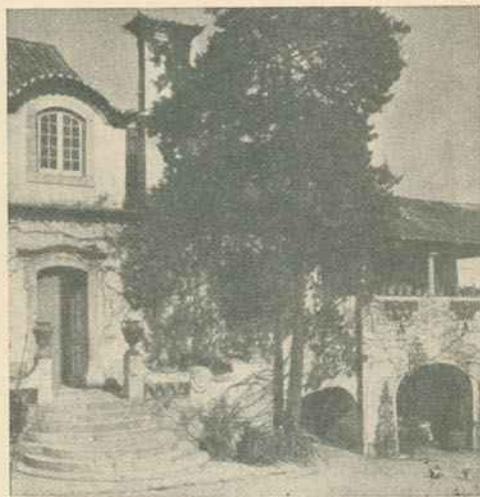
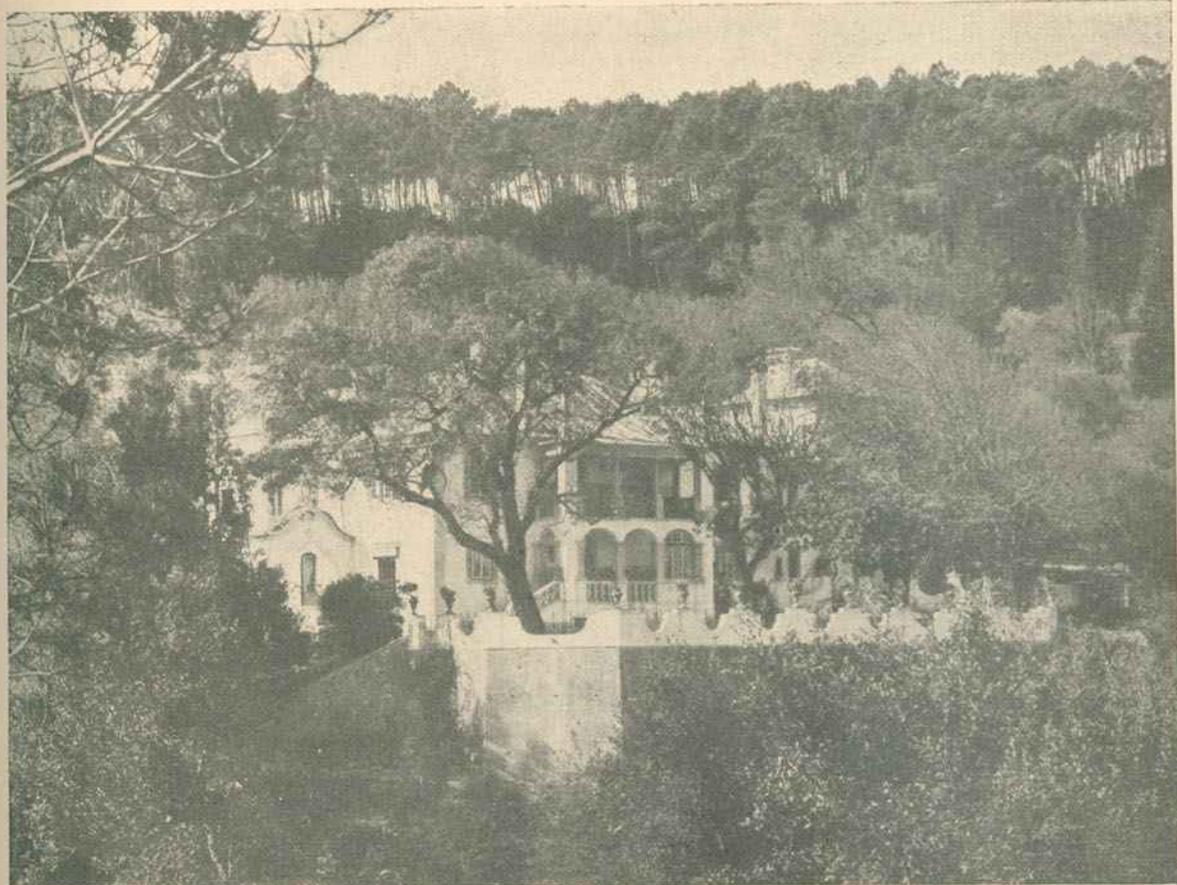
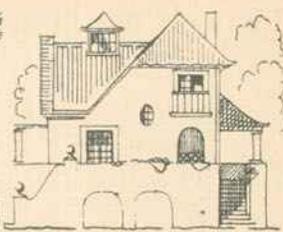
EDOUARD DÉTAILLE

Dejeuner à la campagne (Almoço no campo)

(ESCOLA FRANCESA)



A CASA PORTUGUESA



OUTRO ASPECTO SENHORIAL DA CASA QUE REPRODUZIMOS NO NOSSO ÚLTIMO NÚMERO, E DOIS EXEMPLOS DO CARINHO COM QUE — NAS RECENTES OBRAS — TAMBÉM FORAM TRATADAS AS CONSTRUÇÕES ACESSÓRIAS: «GARAGE», CASA DE CASEIROS, ETC.

Arquitecto da reconstrução, R. L.

A LUNDA, PAIS DE DIAMANTES

A Eva dos nossos dias, de lábios carminados, sobrancelhas finas como um traço de lápis, vestida de *crepe de Chine* e cabelos cortados à *garçonne*, tem pelas pedras preciosas, pelas safiras, pelas esmeraldas e rubis e muito em especial pelos diamantes, a mesma predilecção, a mesma ambição e o mesmo feticchismo que a sua antepassada, a Eva dos trogloditas da época quartenária.

A *Moda*, esse tirânico preconceito que deforma as mulheres, as torna ridículas por vezes, as tortura outras e as domina sempre, tudo tem conseguido da Eva, aniquilando-lhe a vontade, torcendo-lhe os gostos, escravizando-a a ponto de mascarar de impudica a mulher honesta e de dar um ar cândido e ingênuo à lasciva Mesalina dos nossos dias.

Uma só qualidade na mulher resistiu à *Moda*: a sua adoração pelas pedras preciosas que, mais fortes no seu poder de sedução que o amor, que a fê, exercem tal predomínio sobre a Eva, que esta é capaz de tudo pela posse do rutilo diamante, da gema colorida ou da pérola do belo oriente.

Procure-se na história das pedras preciosas os efeitos da sua magia sobre o espirito das mulheres de todas as eras e de todas as civilizações e verificaremos o sem número de vezes que elas as transformaram em assassinas, em adúlteras.

Em socorro da mulher veio a religião, procurando dar-lhe forças para resistir a demoníaca tentação da gema, da pérola ou do diamante; e o seu auxilio não bastou.

No silêncio dos claustros ou no mistério das celas, o diamante ou a pérola continuaram a sua existência, escondidos sob o escapulário, não como reliquia santa, mas como recordação de família ou — quem sabe! — dum amante estremecido.

Nessas deliciosas tardes de Odivelas, de poetas e copinhos de geleia, mais que as rimas e que toda a veia poética dos galanteadores conseguiu a linda cruz de diamantes, oferenda de ricos e de fidalgos, que se não abria as portas do coração, abria, pela calada da noite, as das celas onde beijos quentes e demorados agradeciam esses pequeninos talismãs que a alma feminina adora.

Quem nas tardes de inverno, àquela hora em que as montras começam a iluminar-se e as ruas da Baixa, em Lisboa, tem essa animação



Um soba da região dos diamantes que não possui diamante algum

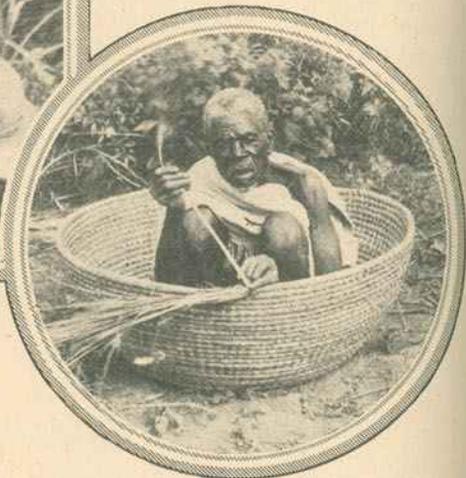
das senhoras que saem dos chás e buscam os maridos para as acompanharem a casa, pôr encostar-se próximo das montras dos joalheiros, poderá apreciar quanto pode o brilho irrequieto dos diamantes encastoados sobre artísticos trabalhos de ouro ou de platina.

Eva olha sorridente para a linda pulseira de rosas e brilhantes e supõe-na já enfiada no seu lindo braço muito branco, desafiando a inveja das amigas e chamando sobre si as atenções dos homens. As chispas dos seus olhares acrescentará as scintilações dos diamantes e, assim, o seu esplendor

de mulher bonita será maior, a sua sedução mais forte; o seu orgulho feminino, a sua *coquetterie* serão satisfeitos.

Eva sorri para a pulseira, extasia-se diante dela e seduzida, eletrizada, procura levar o Adão, ali representado pelo marido, não a trincar outra vez a maçã, mas a oferecer-lhe a linda joia. Para isso toma-lhe o braço, aperta-o, encosta-se a êle, sorri-lhe também, mostrando os seus dentes muito alvos; os olhos que o fitam prometem-lhe carícias misteriosas; procura comunicar-lhe a ambição que a consome, eletrizá-lo, desvairá-lo.

Adão concorda a custo em que a joia é linda, mas... encontra-lhe sempre



Um indiano da Lunda, indiferente às pedras preciosas, ganha a sua vida fabricando cestos

um defeito. Além disso acha-a cara; viu outra, já se não recorda onde, mais bonita e mais barata.

Procura arrastar a esposa para fora daquela vitrine tentadora e, mentalmente, roga ao joalheiro as mais terríveis pragas; sente desejos de lhe bater, de o fazer engulir as joias.

E o par lá vai pela rua fora: ela já sem aquele sorriso iluminado, uma ruga a cavar-se entre as sobrancelhas, o despeito e o rancôr a adivinhar-se no olhar. Êle aborrecido, cabibaixo, andar *gauche*, procurando desviar a atenção da esposa para outro assunto.

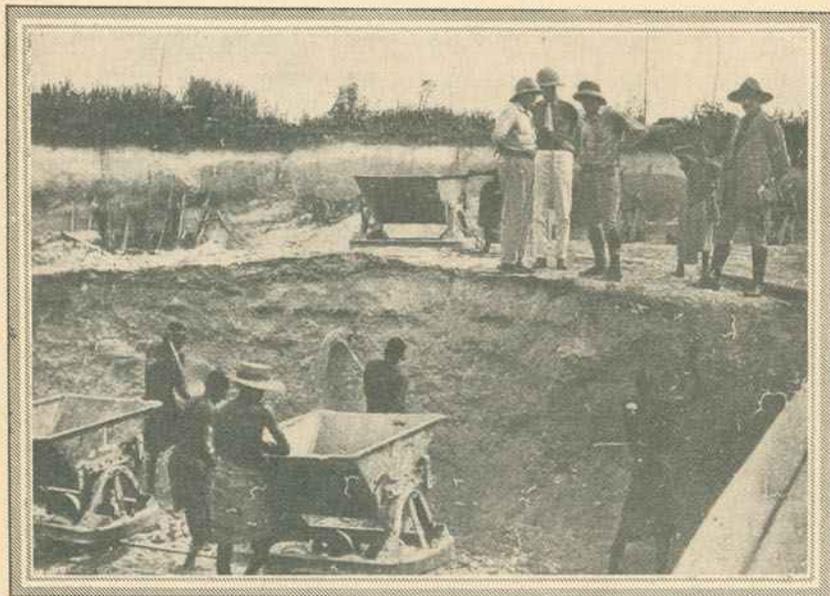
Mas, às vezes, passado dias, a pulseira vem armar o lindo braço de Eva. E se nalguns casos a oferenda não representa sacrificio, outras há em que todo um futuro que se construa calmamente, sem pressa, mas a passo seguro, rue para satisfazer aquele desejo de mulher.

Ê a letra que se foi descontar ao Banco, que não é paga na data do vencimento e que vai para *protesto*; ou é a mercadoria que se vende ao desbarato para com esse dinheiro satisfazer o capricho de uma tarde de inverno. E o adeantamento pedido sobre os ordenados e, implicitamente, toda a vida comprometida de ora em diante.

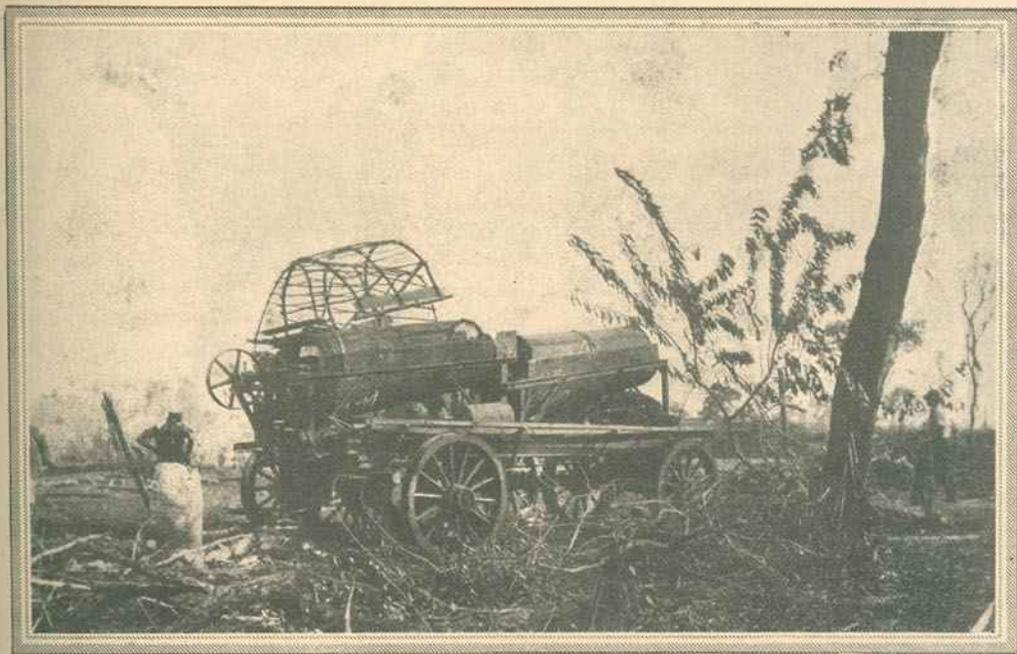
E, até mesmo, chega a ser a desculpa para um *flirt* que Eva julga que não passará dum galanteio, mas que no maior número dos casos, termina pelo adultério, pelo desfazer de um lar, pela ruína duma vida que poderia ser de felicidade e que a joia transforma num mar de lama, de tragédia até.

Como são abomináveis essas lindas pedras preciosas que brilham em alvos colos de mulher!

Depois destas breves considerações, que



Uma das fases de desmonte do jazigo diamantífero



Transportando calibradores dentro de um carro boer

fizemos propositadamente, com o fim de frisar bem a concupiscência com que o género humano aprecia essas minúsculas pedrinhas, é ocasião de lembrar que Portugal possui em Angola, no extremo norte desta provincia, junto da fronteira do Congo Belga, no território da Lunda, ricos jazigos diamantíferos, em plena exploração.

De lá saem, anualmente, diamantes em péso superior a 100.000 carats! Calcule-se o valor extraordinário desses jazigos, cuja extensão é enormíssima e cujo desmonte vai sendo feito dia a dia, pelo braço do preto.

O indigena arranca constantemente da terra pedras preciosas que valem milhões de escudos, milhões de libras; carrega-as sobre vagonetas que deslizam até junto dos aparelhos onde se faz a crivação, para separar de entre a terra bruta que dá o pão, que dá o fruto, os pequeninos pirlampas com que se



Transporte de água pelas mulheres indígenas, em curiosas vasilhas



Nas fontes salinas de Hango

constituem as mais belas joias.

Indiferente ao valor que pelas suas mãos passa, ignorante e inconsciente, o pobre indigena nem sequer faz uma ligeira ideia dos sentimentos que o produto da sua obra vai despertar; das alegrias, das ambições, das desgraças, das vaidades que elle faz-brotar no mundo, mercê do seu labor quotidiano. E quando as economias do seu modesto salário lho permitem, sente-se feliz em poder comprar para a sua Eva, para a mulher que ama, uns modestos colares de missanga ou de grandes contas de vidro!

Irrisão da sorte! Elle que abate a picareta a terra preciosa de pedras preciosas, oferece à sua terna companheira,

à mulher que constitui todo o seu sonho, todo o seu ideal de amor, uns ridiculos vidrinhos enfiados em linha de barbante fino!

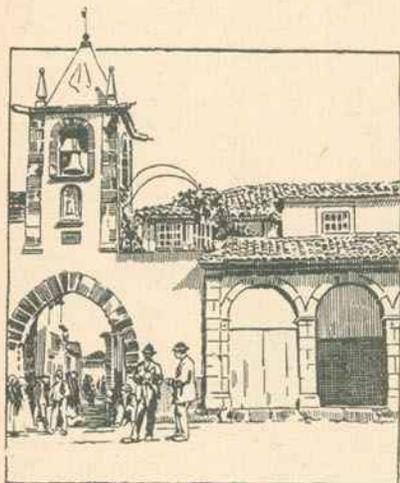
Em troca dessas bugigangas que constituem o adôrno da Eva preta, veem para a Europa os diamantes que hábeis mãos de lapidadores transformam em pirâmides fosforescentes, scintilantes e dominadoras, que tresloucam o branco e, sobretudo, a branca; mesmo quando é morena!

E entretanto, as gentilissimas leituras, ao examinarem as nossas fotografias, sentem-se arripiar com a ideia de terem um dia que ir habitar a Lunda, com a sua alta temperatura, com o seu mosquito anofilíneo, com a mosca transmissora da doença do sono, embora rodeadas de montanhas de diamantes!

Realmente, excellentissimas senhoras, como é possível viver-se por lá, sem modistas francesas e sem o chá da Garrett!!!

VIRGILIO P. COSTA.

RISONHO MILAGRE



«Ai Virgem! Ai Virgem, Senhora dos Remédios!»

«O que tens, Maria?»

«Ai senhora Candinha que fico desgraçada!»

«Anjo bento! Oh mulher, parece que te morreu alguém!»

«Pouco menos, senhora Candinha... Eu nem estou em mim! Saiba vomecê que o *porteiro* leu agora ali, na Praça, num pregão, o nome do meu António, para ir às *sortes*! E lá vai para soldado o meu rico filho, que é mesmo um *bom-serás* e que tanta falta faz a mim e ao pai! quem sabe se para morrer por essas terras de Cristo! Ai que pena a minha!»

A senhora Candinha, proprietária endinheirada e que até nessa época, remota já, gosava a regalia, então excepcional, de ter vidraças na casa sobradada e forrada, costumava debruçar-se na janela a palestrar com as visinhas pobres, sentadas às portas nas horas dos trabalhos de agulha, ou de minuciosos cuidados de toucador. Mas, quando a linguarice bisbilhoteira dessas senhoras visinhas, penetrava nas vidas alheias, ela, para se *dar ao respeito*, ouvia atenta, sem participar da conversa, senão com animadores e cautos monossilabos.

Ao ouvir as lástimas da pobre mãe alarmada pela perspectiva duma fatalidade, um sorriso-mixto de ironia e de piedade, lhe contraíu os lábios delgadinhos e muito sentenciosa, tranqüilizou:

«Sossega, Maria Bogalha. Ele fica isento na inspecção. *Promete-te* ao milagroso Senhor Salvador do Mundo.»

«A' *mã*, não senhora! Perfeito e rijo como é o meu António, benza-o Deus! não há santa nem santo, com perdão divino, que o livrem de

servir o nosso rei. Só se fôr a Virgem Senhora dos Remédios! Só Ela me pode valer!»

E apagando as lágrimas teimosas a esbagoarem dos olhos, nas pontas sujas do avental e clamando, uma vez mais, a sua dor e negra sorte, pediu cerimoniosa uma licença acanhadinha para se recolher, porque eram horas de fazer a ceia — estavam a regressar os seus homens.»

«Oh, senhora Candinha, *êlé* sempre há cada parva neste mundo! — exclamou admirativa e pressurosa a Aurora do Zé da Amélia, sacudida por indomináveis frouxos de riso, apenas a Bogalha se sumiu no canto da rua. — «A chorar com medo de que lhe queiram na tropa o *increu* do filho! Nem que o *peringenho* chegasse ao estálão! Um intanguido, um anãosinho que não mede do rés da terra ao pino da cabeça uma vara escassa! Já é preciso ser cega!»

A senhora Candinha não pôde deixar de gargarhar fininho, à justeza das observações sarcásticas da Aurora. Logo correcta e compassiva respondeu:

«Coitada, é mãe e está acostumada a ver tôda a gente na família daquela *grandura*. Nunca lá tiveram maior. Na verdade, era tão impossível o António chegar ao estálão como qualquer *criança* de onze anos desmedrados.»

Como visse a Aurora galhofeira e tagarela, a revelar a tristeza da Bogalha às outras mulheres que passavam para a fonte, de cântaro deitado na cabeça, ou às que exaustas desciam os seus feixes de lenha, às portas das respectivas casas e vagarosas desprendiam as chinelas dos vincilhos e as saias dum abraço do cordel que no trajecto do mato as encurtava, para não embaçarem os movimentos, piscou os olhitos pretos num sorriso de bonómia e tolerância e correu a vidraça, depois de soprar na sua voz cantante, umas *boas-noites* delicadas.

De enxada ao ombro, batendo no lagedo das ruas mal empedradas os fortes sapatões cardados, voltam aos seus lares humildes os robustos trabalhadores de campo, a retemperar o corpo das fadigas extenuantes do seu rude labor, em terras duras e nem sempre gratas aos seus esforços.

O toque nostálgico das Trindades baixa dolente do alto das tôrres como benção divina e ergue os corações simples e crentes à presença do Filho de Deus:

«O Anjo do Senhor anunciou a Maria!...»

«Benditas e louvadas sejam as Três Pessoas da Santíssima Trindade: Padre, Filho e Espírito Santo!

Avé Maria!»

Irradiaram alegre bem-aventurança os olhos azuis, ingénuos e lípidos de Maria Bogalha quando o filho, num entusiasmo de febre lhe comunicou a boa-nova: «Dê cá um abraço minha mãe que estou livre!» — E o seu braço direito levantado agitava no ar, palpitante como flâmula branca de parlamentar, a sua ressalva militar, a sua carta de alforria.

«Foi a milagrosa Virgem dos Remédios!» soluçou entre prantos e risos a Maria Bogalha, com gaudio e pasmo da visinhança, que ria numa incontinente algaraviada de felicitações trocistas.

O vinho, os bolos de bacalhau, as azeitonas, o *trigo de nacos* da Luisa Polónia — o pão de melhor fabrico na vila — correram à roda, numa merenda improvisada, para solenizar o acontecimento notável. Maria Bogalha, o seu homem e os seus filhos — família liliputiana que um gracejo do Criador fizera nascer na sadia Beira-Alta — deram largas à sua ventura e dela fizeram partilhar naquele banquete amigos e visinhos, com magnânima generosidade. E durante o repasto, não houve chalaça aldeã poupada à conta da felicidade estonteante da mãe, que na sua boa-fé, duma credulidade fácil, tudo aceitava com prazer, e como prova do interesse geral pelo seu bem. Nem mesmo quando o côro de mal disfarçados escarneos zumbiu num «Pudera!» à sua revelação comovida de que o sucesso inesperado fôra devido a grande milagre de Nossa Senhora, correspondente a uma promessa feita na noite do pregão, uma desconfiança a tocou ou aos seus. «Promessa que ninguém até àquele dia fizera — afirmava ela solene — e que havia de deixar boquiabertas tôda a vila e suas redondezas.» E num recatado mistério, conservou inviolável o segredo, inacessível às mais escabichadoras indiscreções.

O outono passou. O inverno ia em mais de meio, sem que à curiosidade esperta da vila fôsse dado apreciar o ineditismo da promessa feita pela Maria Bogalha...

Tarde sombria, pardacenta de fevereiro. Por cima dos campos que o verde macio dos trigos, ainda rasteirinhos, veste duma capa de asperges esmeraldina caminham devagarinho nuvens cinzentas, espessas, algodoadas, a desemaranha-

tem-se da neblina que corta o horizonte no sopé da Serra e vai subindo, subindo sempre. As árvores, açoitadas por um vento sul impertinente, tremem assustadas pelo receio de se verem de novo indigentes da folhagem menina, que mal roça ainda com seus beijos tímidos a pele áspera e rugosa dos caules. O céu é um docel melancólico a pesar como crepes lutuozos, sobre a vila negra, suja, lamacenta. Uma chuvinha mole, continua, emburrante, implicante, cai e crava-se na alma da mocidade como bicos agudos de alfinetes. E que o carnaval, devido aos temporais, decorrerá bisonho. A má catadura do tempo mantém-se ainda em terça-feira gorda e se não levanta algumas horas, como poder folgar em inofensivas brutalidades, neste dia de despedida?

Adeus boas fustigadelas de grão, de feijão, de milho pôdres, de cinza e de farinha, animados e aromáticos tiroteios de ovos com pintainhos gorados! Mas o céu compadece-se e conquanto não mostre o cariz ameno que os corações desejam, vai permitindo que as moças regalem os camaradas e amigos com os seus gracejos mais ou menos picaros, à mistura com esguichos de água chuveiça soprada por uma cana e tirada das pipas sem tempo que, sob os caleiros, estão a ser lavadas economicamente.

«S'elá! oh Manel! Tu viste-lo passar na Praça?»

O Manel entontecido pelo olhar fagueiro e azougado da Gracinda, responde desnordeado, enquanto a Júlia lhe enferreta a cara, pondo-lha numa lástima:

«Quem, oh Clemência?»

«Foi o burro, parvajola! Foi o burro! Fora entrudo que se deixou enganar!»

«Rai's de raparigas! Deixai estar... que até ao levar dos cestos é vindima!...»

Logo as palmas estalejam numa troça ruidosa, e assobios de mofa cortam o ar, quando o Silvestre da Eulália responde muito sério à pergunta da Augusta do Bento:

«Viste o Joaquim?»

«Quais Joaquim?»

«O que veste albarda e traja selim! Fóra entrudo!»

Esquecidas as feias caretas do céu, velhos e novos, tropegos e sãoos vão em corrida ao Extremadoiro, para verem o Antoninho de Sidrô — um tontinho já velho, duma idiotia mansa que no aristocrático solar dos Soverais recebe agasalho e carinho.

As memnas do palácio — as mais lindas que a rosa do sol cobria, na frase dum supremo requinte da bem-falante Benedita Chisnada, há muito tempo pelo Senhor chamada a Si — todos os anos mascaravam o Antoninho, para lhe fazerem a vontade.

E há que ver: Antoninho de Sidrô monta elegantemente num burro de bimbalhante colar campainhado e ajaezado com xairéis bordados e lentejoulados.

Veste de *bébé*. Sua touca azul celeste rendilhada e florida de rosinhas azuis, seu babete de cambráia bordada, seu vestidinho encaudado a cobrir negligente os pés enormes que não é possível libertar das grandes sapatarras de bezerro. Felicíssimo o Antoninho de Sidrô, tocando muito fanfarrão o seu guizo de lata e gargalhando os seus *Ih! Ih! Ih!* estrepitosos, numa alegria completa e doce. E a sua hilaridade só momentaneamente pára, quando algum garoto atrevido se agarra irreverente à cauda da montada, para obrigá-la a um zurro sonoro. Então Antoninho murmura palavras estranhas e convulsas que ninguém percebe, enquanto os seus áulicos que marcham à estribeira — dois latagões mascarrados de preto, com grossas carapuças de lã vermelha a cobrir-lhes a cabeça e semi-vestidos de ceroulas e camisola encarnada, à *pescadora* — abrem com seus braços robustos, armados das imprescindíveis bexigas de pôrco, um círculo propiciatório à exibição tranqüila do Antoninho — logo reconduzido à felicidade.

Ouve-se ao longe, para a entrada norte da vila, a corneta de barro anunciadora das cavalhadas. Naquêle toque marcial, um mar revólto de saudades perpassa e clama. É o Manoel da Quitéria evocando as recordações inefáveis dos seus tempos de corneteiro no 22 de infantaria.

Mal soam os primeiros compassos da marcha em continência, o povo, volúvel como as crianças, deixa o Antoninho e recua para a Praça, em procura dum lugar adequado à apreciação do desfile das cavalhadas: — homens mascarados à *la diable*, pelintras e sensaborões, cavalgando burros lazarentos e esquelidos e armados dos espadagões de ferro, gloriosos talvez nas conquistas à moirama e agora reduzidos a ridículos emblemas truanescos. Mas, antes que assemem às vistas mais apuradas, os arautos das cavalhadas, uma gargalhada estridúla unânime, contagia os que vão chegando, alastra e ramifica-se por bécos e travessas. O pequeno quadrilátero da Praça é uma pinha de cabeças. As janelas trasbordam. As varandas alpendradas, os seus degraus e platibandas não aguentam mais ninguém. O espectáculo é bizarro e originalíssimo. As chocarrices esfuziam, cruzam-se, retinem:

«Vinde vêr os *pultriqueiros*, rapaziada!»

É como se realmente de palhaços se tratasse.

Maria Bogalha, o marido e a liliputiana prole, com as faces enfarinhadas, que alguns traços a carvão animam dum intraduzível grotesco,

vestidos caprichosamente de trajos multicôres, desenrolam manta de farrapos dum cromatismo berrante, no pequeno patamar da igreja da Misericórdia que enobrece a Praça. Num dos altares dêste templo se venera, há séculos, a milagrosa imagem da Nossa Senhora dos Remédios. O chefe da família embrulhado em garrida colcha de chita encarnada, à laia de *robe de chambre*, com uma barretina militar napoleónica, ornamentada de laços e borlas de papel colorido, sem nada perder do seu ar compenetrado e sorumbático de homem austero, rufa sério e correcto na caixa da filarmónica local, uma exótica e infernal *sinfonia*. Maria Bogalha e os filhos, como possessos dum demónio travesso e desvairado, dançam, pulam, revoltam em cabriolas, em cambalhotas, com pasmosa agilidade. Saltam através duns ferrugentos arcos de pipa; dão-se mutuamente sopapos, bofetadas e pontapés como os *clowns* de circo. Intervalando os números do seu espectáculo dum histrionismo que, à fôrça de caricato, se torna atraente, curtas orações de joelhos e mãos postas, olhos fitos na porta cerrada da igreja, com uma contrição comovedora.

Está desvendado o mistério da promessa de Maria Bogalha. Família de gente séria, humilde, discreta no seu viver de campônios, temente a Deus, respeitadora dos bons costumes, ninguém a vira jámais em bailaricos, em folganças ou diversões, a não ser nos permitidos pela Santa Madre Igreja.

Para agradecer à Virgem dos Remédios o mais risonho milagre, até êsse dia ocorrido, quebrára-se a tradição familiar, junto da habitação da Soberana Senhora do Céu e da Terra: — ofereceu-se como humilhação sublime aos risos e escárneos da multidão cruel, num sacrificio penosíssimo para as suas almas de reatridos.

E o povo riu. Riu descompassadamente, num frenesi, sem compaixão pelo que havia de enternecedor, de santo, de dramático naquela mascarada desopilante.

E tão profunda foi a impressão causada pelo espectáculo sensacional, nessa memorável terça-feira gorda, na vila de S. João da Pesqueira, que as facécias habituais do Chico António — prégador obrigatório do sermão noturno, no entêrro de santo entrudo, não encontraram eco no espirito do povinho. Daí o secreto despeito do orador falido, a traduzir-se num sardónico — «Olh'ó milagre!» — com que durante anos e anos, hereticamente, indelicadamente, respondia às dulcerosas *boas-tardes* da Maria Bogalha, quando adregavam entrar-se no caminho do Val de Açor.



O actual grande acontecimento cinematográfico de Paris é a apresentação no delicioso «Studio des Champs-Élysées» do filme alemão «Aventuras do príncipe Achmed», episódio das «Mil e uma noites», a célebre antologia de contos persas que o Dr. Mardrus traduziu para francês e que tem causado as delícias de pequenos e grandes em todos os países do mundo. Este extraordinário filme apresenta uma curiosíssima novidade. Todo êle, do principio ao fim, durante os seus dois mil e quinhentos metros, é realizado por um processo novo de técnica que nos apresenta toda a maravilha da decoração oriental em... sombras chinesas. Foi Leothe Reiniger, uma grande artista que ideou a pitoresca versão e com a ajuda do seu pessoal técnico conseguiu verdadeiras maravilhas artísticas. Os personagens duma estilização de linhas que se não conseguiria com artistas de carne e osso, são delicadas silhuetas que se animam e movem com indescritível harmonia de gestos ante paisagens maravilhosas e irreais, montanhas fantásticas, golfos plácidos com navios de nácar, palácios surgidos da terra a um golpe de varinha mágica, cavernas esplendorosas de gemas e incrustações raras, rebrilhando ao lume dos olhos dum temível dragão, jardins fabulosos de árvores anãs e contorcidas, cidades de cúpulas faiscantes ao sol, pradarias douradas, noites plácidas em que o céu é um crivo de luz. Tudo

mentado em centos de movimentos complementares, tudo fotografado quadro por quadro no filme, até conseguir, ao fim de muitos meses de



trabalho, agrupar cenas e movimentos com um tal génio da dinâmica cinematográfica que o espectador, absolutamente assombrado perde a noção de que são bonequinhos que pulam, correm e bailam, para se sentir transportado aos palácios fulhantes de riquezas do Sultão Schariar e fica-se embevecido a ouvir com a voz cristalina e cantante de Scharazada vai desfiando o rosário das suas lendas:

— Ora, amado sultão Schariar, vivia por êsses tempos num reino longinquo do nascente um príncipe belo e esvelto como uma palmeira a quem chamavam Achmed...

Lotte Reiniger, artista e mulher, dotou a cinematografia com uma das suas mais belas obras de arte. Raras vezes se terá apresentado um espectáculo que nos dê uma sensação tão completa de integral utilização da luz que, neste filme não se limita ao modesto papel de iluminar os quadros, marcando os planos ou as figuras. Nesta grande obra de arte, a luz é parte integrante do próprio quadro pictural, a própria

matéria da imagem animada. Ficou definitivamente estabelecida a prova de que a luz é função da imagem cinegráfrica e que, por si só basta para a constituir. Foi o grande técnico Walther Ruttmann que se encarregou em especial da iluminação, cenários e tomada

de vistas. Durante três anos trabalharam algumas dezenas de artistas pintores, decoradores, poetas e operadores. Acompanha o filme uma partitura do músico alemão V. Zeller que é uma pequena maravilha de colorido e intenção.

A sociedade cinematográfica italiana «Impresa Cinematográfica S. A.» anuncia a próxima produção dum grande filme «Frate Francesco» ou seja a vida de São Francisco d'Assis. O orçamento desta produção é de oito milhões de liras. Os papéis principais serão desempenhados por Romuald Joubé e Alberto Pasquali. O encenador será Júlio Antamoro.

Raquel Meller cuja viagem à Norte América não se mostrava a principio, nada triunfal, parece que vai agora abrindo caminho no mundo cinematográfico yankee. A criadora de «Violetas Imperiais» deve em breve assinar um contracto com «Famous Player Lasky Corporation» para uma grande produção. Outros boatos correm de que a cigana da «Carmen» vai durante o próximo inverno interpretar um grande filme composto e dirigido por Charlie Chaplin e que trata um caso, à margem da história, em que interveio a figura imortal de Napoleão Bonaparte.

Cecil B. de Mille abandonou o seu projecto de executar um filme «Dilúvio Universal» visto que a firma Warner Brothers já encetou a realização de «Arca de Noé». Imediatamente anunciou que iria realizar «Os trinta Dinheiros» sobre a vida de Judas mas logo soube que a «Famous Player» estava preparando um filme, «Os dinheiros de Judas» e no qual Emil Jannings, o colosso alemão interpretará a espantosa figura do Iscariote.

O célebre romance de Pierre Frondaie «L'Homme à L'Hispano», vai ser filmado para a casa «Aubert». O principal papel feminino será distribuído a Huguette Dufflos. O realizador deste filme que promete ser verdadeiramente original será Julien Duvivier e não René Hervil que fizera a adaptação mas que não pôde ocupar-se da mise-en-scene por estar terminando actualmente um grande filme alegre «Le Bouif Errant» segundo Gaston de La Fouchardière.



se realizou em desenhos e com uma paciência beneditina tudo se realizou, a pouco e pouco, cada movimento por mais pequeno que fôsse, frag-

de iluminar os quadros, marcando os planos ou as figuras. Nesta grande obra de arte, a luz é parte integrante do próprio quadro pictural, a própria





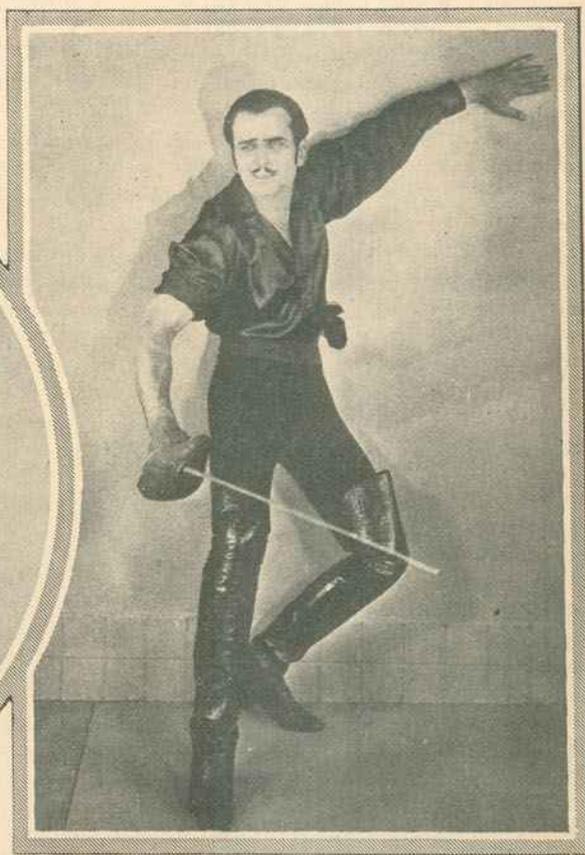
Eleanor Boardman, que Lisboa admirou em «Almas à Venda»,
estrêla das produções Mayer.



Claire Windsor, uma das loiras mais lindas de Hollywood, numa das ricas toilettes
com que interpretará o seu primeiro filme com Bert Lytell, seu marido.



Mary Carr, trágica sublime, criadora dos mais belos papéis de «velhinha»
da cinematografia.



Douglas Fairbanks, o astro mais resplendente do cinema mundial, na sua criação de «D. Q.»,
filho do Zorro, continuação do célebre «Sinal do Zorro» e cuja exibição foi interdita em
Espanha pelo próprio Douglas depois de ter assistido às manifestações a que dava lugar
a sua obra

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 15)

— Meu bom senhor — interveio o físico, que tinha já avançado até a base da plataforma — Piedoso Mestre Dimmesdale! sois em verdade vós? Ora, ora, quem o dissera! Nós, homens de estudo, cujas cabeças estão em nossos livros, bem temos precisão de que nos vigiem de perto! Sonhamos acordados, e andamos quando dormimos. Vinde, bom senhor e meu amigo, deixai que vos conduza até casa!

— Como sabias tu que eu estava aqui? — perguntou o padre, com receio.

— Em verdade, e de boa fé — respondeu Roger Chillingworth — eu não o sabia. Tinha passado a maior parte da noite ao pé do leito do digno Governador Winthrop, fazendo quanto podia minha pobre arte para lhe dar algum alívio. E agora, tendo êle ido para sua verdadeira casa, para um mundo melhor, ia eu também para casa, quando apareceu esta luz. Vinde comigo, eu vos peço, reverendo senhor, senão, mal podereis cumprir amanhã os deveres do domingo. Ah! vêde como estes livros turbam a cabeça! — estes livros! Deveis estudar menos, bom senhor, e buscar distrações, senão, cada vez estareis mais sujeito a estes caprichos nocturnos.

— Irei convosco para casa — disse o Sr. Dimmesdale.

Com um abatimento gélido, como alguém que acorda, enervado, de um sonho pavoroso, o padre entregou-se à guarda do físico, e com êle se afastou.

Porém no dia seguinte, que era domingo, pregou um sermão que foi tido por o mais rico, o mais forte, o mais cheio de inspirações divinas que de seus lábios saíra. Almas houve, diz-se, mais do que uma, que foram conduzidas à verdade pela virtude dêsse sermão, e a si mesmas juraram conservar uma santa gratidão ao sr. Dimmesdale por todo o longo tempo do porvir. Mas quando o pregador descia os degraus do púlpito, foi ao seu encontro o sacristão de barba grizalha, erguendo uma luva preta, que o padre reconheceu sua.

— Encontrou-se esta manhã no cadafalso onde os malfeteiros são expostos ao opróbrio público. Foi Satanás, acho eu, que ali a deixou cair, para fazer uma injuriosa peça a Vossa Reverência. Mas, em verdade, foi cego e néscio, como sempre. Uma mão pura não precisa de luva que a cubra!

— Obrigado, meu bom amigo — disse o padre com gravidade, mas intimamente sobressaltado;



pois tão confusa andava a sua memória que já quasi tinha por illusórios os acontecimentos da noite passada. — Sim, parece ser realmente a minha luva!

— E, pois que Satanás achou bem roubá-la, deve d'ora-avante Vossa Reverência combatê-lo sem luvas — observou o velho sacristão com um sorriso que metia medo. — Mas Vossa Reverência não ouviu falar no prodígio que foi visto a noite passada? — uma grande letra no céu — a letra A, que supomos queira dizer Anjo. Pois, como o nosso bom Governador Winthrop foi feito anjo a noite passada, sem dúvida foi julgado bom que do fausto successo houvesse algum sinal!

— Não — disse o padre — não tinha ouvido falar.

XIII

OUTRO ASPECTO DE HESTER

No seu último e singular encontro com o sr. Dimmesdale ficara Hester horrorizada do estado a que o padre estava reduzido. A sua resistência nervosa parecia absolutamente destruída. A sua força moral convertera-se em mais do que infantil fraqueza, e arrastava-se a custo pelo chão, embora as faculdades intellectuais mantivessem o vigor primitivo, ou

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

tivessem porventura adquirido uma energia desusada, que só a doença lhes poderia ter imprimido. Com o conhecimento que tinha de uma série de circunstâncias ocultas a todas as outras pessoas, fácil foi a Hester concluir que, além da acção legítima da própria consciência do padre, lhe tinham aplicado um engenho terrível, que devia actuar, e continuava actuando, sobre o bem-estar e o repouso do sr. Dimmesdale. Lembrando-se do que em tempo fora este homem, agora tão abatido, toda sua alma se comoveu com o impulso de terror com que êle havia apelado para ela — a mulher desclassificada — para que o defendesse do inimigo que instintivamente descobrira; e decidiu que o ministro tinha direito ao máximo auxílio que ela lhe pudesse prestar. Pouco acostumada, pelo largo tempo de exclusão social que tinha passado, a medir as suas ideas de bem e de mal por qualquer bitola estranha a ela própria, viu Hester — ou pareceu-lhe ver — que tinha para com o padre uma responsabilidade que a mais ninguém devia, nem mesmo a todo o mundo junto. Os laços que a ligavam ao resto da humanidade — laços de flores, ou de seda, ou de ouro, ou de qualquer outra natureza — todos se tinham quebrado. Entre os dois havia o elo de ferro do mútuo crime, que nem a um nem a outro era dado quebrar. Como qualquer outro vinculo, êste implicava deveres.

Hester Prynne já se não encontrava exactamente na mesma situação em que a vimos nos primeiros periodos da sua ignominia. Anos tinham vindo e passado. Pearl tinha agora sete anos. A mãe, com a letra encarnada no peito, brilhando em seu bordado fantástico, já há muito passara a ser para a gente da cidade um objecto familiar. Como tende a acontecer quando uma pessoa está de qualquer modo em evidência perante a comunidade, e, ao mesmo tempo, não tem interferência nos interesses e conveniências públicas ou particulares, uma espécie de consideração geral tinha recentemente surgido em torno de Hester Prynne. Um dos bons característicos da natureza humana é o de ser, fora casos em que o egoismo entra em jôgo, mais pronta a amar que a odiar. O próprio ódio, por um processo surdo e lento, se poderá transformar em amor, a não ser que a transformação seja impedida por uma excitação constantemente renovada do antigo sentimento de hostilidade. Neste caso de Hester Prynne não havia

irritação nem tédio. Nunca ela batalhava com o público, antes sem queixa se submetia a seu pior tratamento; nada lhe exigia em retribuição do que havia sofrido; não lhe pedia compaixão. Além disso, a pureza imaculada da sua vida, durante todos estes anos em que a infâmia a apartara, em toda a parte era contada em seu favor. Sem ter já que perder no juízo de todos, e sem esperança, e até, ao que parecia, sem desejo, de qualquer coisa ganhar, só o verdadeiro amor à virtude podia ter trazido de novo a seus caminhos a pobre peregrina.

Também não passava despercebido que, embora Hester nunca esboçasse a menor pretensão a partilhar dos privilégios do mundo — além de respirar o ar comum e ganhar o pão de cada dia para a pequenina Pearl e para si com o trabalho fiel de suas mãos — estava sempre pronta a reconhecer a sua fraternidade com a raça humana quando se deparava ocasião de fazer bem. Ninguém era tão fácil em dar do seu pouco a qualquer pedido de um necessitado, mesmo que o pobre, de coração duro, pagasse com uma injúria a comida que lhe era trazida regularmente a casa, ou o fato para ele feito por dedos que poderiam ter bordado um manto de monarca. Ninguém era tão dedicado como Hester quando alguma epidemia grassava na cidade. Em todas as épocas de calamidade, quer geral, quer de alguma família, a proscrita tomava imediatamente o seu lugar. Vinha, não como hospeda, mas como se legitimamente ali morasse, à casa que a desgraça escurecia, como se aquele triste crepúsculo fosse ambiente em que se lhe permitisse tratar com os seus semelhantes. Ali brilhava a letra bordada, levando conforto em sua luz sobrenatural. Sendo em outros lugares o símbolo do pecado, ali era a lâmpada do quarto do doente. Já, por vezes, quando o enfermo chegara ao último, doloroso extremo, ela tinha lançado a sua claridade através do limiar do tempo, e lhe tinha mostrado onde devia pôr o pé, quando a luz da terra se lhe ia a apagar rapidamente, e antes que a luz do porvir o principiasse a alumiar. Nestas ocasiões, a índole de Hester mostrava-se carinhosa e rica — uma fonte de ternura humana, que a nenhuma solicitação faltava, e que nem as mais exigentes logriariam esgotar. Seu peito, com o símbolo de opróbrio, era almofada mais suave para a cabeça que precisava de encostar-se. Era, por ordenação própria, Irmã de Caridade, ou, antes poderemos dizer que a dura mão do mundo como tal a havia ordenado, quando nem ela nem o mundo tinham pensado esta consequência. A letra era o símbolo da sua vocação. Tal dedicação encontravam nela — tal poder de ajudar e de se compadecer — que muitos se recusavam a interpretar o A vermelho segundo sua primitiva significação. Diziam que queria dizer *Able*, tão forte era Hester Prynne, com força de mulher.

Só a casa escurecida a podia receber. Ao vol-

tar a luz do sol, já ela não estava ali. A sua sombra havia transposto o limiar. A companheira dedicada tinha partido, sem voltar a cabeça para receber a paga de gratidão, se alguma houvesse nos corações daqueles que com tanto zelo havia servido. Ao passar por eles na rua, nunca erguia a cabeça para receber as suas saudações. Se insistiam em falar-lhe, apontava para a letra encarnada, e passava adiante. Porventura seria isto orgulho; tanto se parecia, porém, com a humildade, que produzia no espírito público a branda influência desta. O público é despótico por natureza; é capaz de negar a justiça vulgar quando insistentemente se lhe exige como um direito; mas com igual frequência dará mais que justiça, quando o apêlo é feito, como os déspotas gostam que se lhes faça, inteiramente à sua generosidade. Interpretando o procedimento de Hester Prynne como um apêlo desta ordem, a sociedade sentia-se inclinada a mostrar à sua antiga vítima maior benignidade do que ela estimava que lhe mostrassem, ou, porventura, do que ela merecia.

Os governantes e os homens prudentes e sábios da comunidade levaram mais tempo que o povo a reconhecer a influência das boas qualidades de Hester. Os preconceitos que com este partilhavam eram neles fortalecidos por um possante arcaboço de raciocínios, que os tornava muito mais difíceis de abalar. De dia para dia, porém, o sobrecenho carregado e rígido se lhes ia abrindo e tomando forma que, com o decurso do tempo, poderia chegar a ser expressão quasi de benevolência. Assim acontecia com os principais da cidade, a quem a sua alta posição impunha a guarda da moral pública. Os simples particulares já tinham, entretanto, inteiramente perdoado a Hester Prynne a sua fragilidade; mais ainda, tinham começado a ver na letra encarnada o símbolo, não daquele único pecado pelo qual essa mulher tivera de sofrer tão longa e triste penitência, mas de suas muitas boas acções subsequentes. — Vêdes aquela mulher do sinal bordado? — diziam eles aos de fora. — É a nossa Hester, a Hester desta cidade, que é tão boa para os pobres, tão dedicada aos doentes, e tão meiga para todos os aflitos! — Depois, verdade seja, a propensão da natureza humana para dizer de si mesma o pior, quando o incarna outra pessoa, levava-os a contar em voz baixa o feio escândalo de há tantos anos. Mas não deixa de ser verdade que, aos olhos dos próprios homens que assim falavam, a letra encarnada fazia o efeito da cruz no peito de uma freira. Dava à sua portadora um carácter em certo modo sagrado, que lhe permitia andar segura por meio de todos os perigos. Se ela houvesse caído em mãos de salteadores, ter-lhe ia servido de defesa. Dizia-se, e muitos acreditavam, que uma vez, um índio atirara uma seta contra a letra, e que a seta, acertando nela, caíra inofensiva ao chão.

O efeito que o símbolo — ou, antes, a situação relativamente à sociedade, que elle indicava —

exercia sobre o espírito da própria Hester Prynne era poderoso e peculiar. Toda a folhagem leve e graciosa de seu carácter fôra mirrada por este ferro em brasa, e há muito que tinha caído, deixando um contôrno nu e áspero, que poderia



ter-se tornado repelente, se ela houvesse tido amigos ou companheiros a quem elle pudesse repelir. Até o encanto da sua pessoa tinha sofrido igual mudança. Seria devido em parte à estudada austeridade do seu traje, e em parte à falta de expansão em suas maneiras. Triste mudança fôra também que o seu cabelo, outrora tão abundante e sedoso, ou fôra cortado, ou andava sempre tão completamente oculto por uma touca, que nenhuma de suas luminosas madeixas se tornou a ver brilhar ao sol. Era, em parte, por efeito de todas estas causas, mas, ainda mais, de algum outro motivo, que parecia não haver já no rosto de Hester nada a que se o Amor prendesse; nada, na figura de Hester, ainda que majestosa e de estatura, que a Paixão pudesse sonhar ter nos braços; nada no seio de Hester que pudesse tornar a fazer dê-lo o lugar onde a Afeição se reclinasse. Algum atributo perdera, cuja permanência fôra essencial para a conservar mulher. Tal é muitas vezes a sorte, e tal o austero desenvolvimento, da pessoa e do carácter femininos, quando a mulher encontrou, e atravessou, experiências sobremaneira severas. Se fôr toda ternura, morrerá. Se sobreviver, ou essa ternura lhe terá sido desfeita, ou então — e o aspecto exterior há de ser o mesmo — terá sido tão calcada para o fundo do coração que nunca mais poderá revelar-se. É esta última, talvez, a teoria mais certa. Aquela que já foi mulher, e que deixou de o ser, poderá em qualquer momento tornar a sê-lo, contanto que se dê o toque mágico que opere a transfiguração. Vêremos se a Hester Prynne aconteceu depois receber êsse toque e transfigurar-se.

(Continúa.)



VIDA SCIENTÍFICA



AS PLANTAS CARNÍVORAS

Em 1765, Ellis enviou ao célebre naturalista Linneu uma planta criada nos pântanos da Carolina, a que chamava *miraculum naturae*, um milagre da natureza, visto que se se alimentava por modo especial. Era *Dionaea muscipula*, que tem a propriedade de aprisionar insectos fechando sobre elles os lobos das suas fôlhas.

Coisa curiosa, na verdade, o encontrarem-se plantas que podiam alimentar-se de animais, plantas quasi carnivoras, como escreveu Diderot. Os vegetais nutrem-se principalmente de alimentos simples que tiram do solo dissolvidos na agua que absorvem pelas suas raizes e do ar por acção da clorofila das fôlhas. Algumas plantas mais simples — certas bactérias — aproveitam mesmo o azoto atmosférico. Pelo contrario, os animais carecem de substancias mais complexas para a sua alimentação, substancias que vão buscar às plantas e outros animais, conforme são herbívoros ou carnívoros. Há d'este modo um ciclo vital, nas suas linhas gerais, entre os animais e as plantas, procedendo estas à formação de substancias complexas partindo de



Dionaea muscipula

corpos simples, isto é, realizando sínteses, e procedendo aqueles à decomposição em corpos simples dessas mesmas matérias complexas constituidas pelos seres vegetais.

As plantas carnívoras eram excepção a essa lei geral. Mas seriam elas realmente carnívoras, isto é, fariam a digestão dos insectos que prendiam nas suas fôlhas? Foi este um dos problemas que prendeu a atenção de Darwin. O illustre naturalista inglês pôs em contacto com as plantas chamadas carnívoras algumas substancias albuminóides de origem animal, como pequenos cubos de clara de ovo cozida, fragmentos de fibrina do sangue, e viu que essas substancias albuminóides eram, na verdade, dissolvidas, como se as plantas segregassem um suco com poder digestivo, talqualmente faz o nosso estômago.

A-pesar-da grande autoridade de Darwin, o problema foi revisto por outros naturalistas. E Rafael Dubois, conseguindo colher asepticamente o liquido contido nas urnas ainda fechadas dum *Nepenthes*, planta igualmente tida como carnívora, viu que, nessas condições, o suco não tinha qualquer aptidão digestiva. Adquiria-a sim, quando as mesmas urnas se abriam, porque então pululavam nelas micróbios, e esses têm, como é sabido, poder digestivo sobre as matérias albuminóides. Daqui concluiu Rafael Dubois que não havia verdadeiramente plantas carnívoras, pois que o seu suco não digería as carnes, embora elas podessem absorver alguns dos principios resultantes da digestão efectuada pelos micróbios.

A questão foi novamente abordada, nestes últimos tempos, pelo sábio naturalista Carlos França, cuja perda recente enlutou a sciência portuguesa. Chegou elle à conclusão de que, se nalgumas plantas a digestão da presa se faz por acção dos micróbios, em outras ella é devida a fermentos existentes no suco que a planta segrega. Há, pois, plantas verdadeiramente carnívoras.

As experiencias de Carlos França serviram o *Drosophyllum lusitanicum* e a *Utricularia*. Esta última é uma planta aquática, sem raizes, com fôlhas excavadas de lacunas onde se acumulam gases, principalmente azoto; por isso a planta flutua à superficie das aguas durante o verão, mergulhando no inverno porque aqueles gases se reduzem a menor volume. As fôlhas estão ligadas, por estreitos pediculos, pequenas urnas tapadas por opérculos que cedem à menor pressão, de modo que caem dentro das urnas e aí ficam prisioneiros os insectos que poisam sobre elles. Esses insectos são digeridos pelos micróbios. De facto, não se encontram, nas urnas, glândulas que possam segregar sucos digestivos; mas a planta absorve e, por isso, aproveita os produtos da digestão.

Já é diferente o que se observa com o *Drosophyllum lusitanicum*, planta que se encontra em Portugal, no sul da Espanha e no norte da África. As suas fôlhas longas e estreitas são or-



Nepenthes

ladas por glândulas, bem reveladas pelo exame microscópico, e dessas glândulas sai um suco viscoso por meio do qual a planta prende os insectos e os digere, absorvendo os produtos da digestão. O *Drosophyllum lusitanicum* é, portanto, uma planta verdadeiramente carnívora.

Como é de regra geral, a solução dum problema que parecia uma simples curiosidade scientifica interessante para os naturalistas, pode ter consequências de ordem prática. Seja a digestão feita por fermentos produzidos pela planta, seja devida a micróbios, sempre há, como resultado final, uma destruição de insectos. É, pois, inteiramente judicioso o conselho de Carlos França para a propagação das utricularias nos pântanos das regiões onde grassam as febres palustres. São plantas que destroem mosquitos, os agentes da expansão do impaludismo, como também os destroem certos peixes que igualmente convém cultivar.

F. MIRA.

CABOUCOS DE PORTUGAL MELHOR

OBRAS FEMININAS DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

PORTUGAL é o país que, desde a Idade Média, criou admiráveis instituições de beneficência, particulares e religiosas, destinadas à hospitalização dos doentes, amparo dos velhos e outros inválidos, e protecção das crianças. São as chamadas *Misericórdias*, marcadas desde começo pelo impulso do coração feminino, visto que as fundou no século XIII a Rainha Santa Isabel, mulher do sábio rei D. Denis, e as aperfeiçoou no século XV outra rainha, D. Leonor, mulher do grande D. João II.

Perdurando através dos séculos e espalhadas pelo país inteiro, essas instituições continuam prestando relevantes serviços de solidariedade *caritativa*; mas a nossa iniciativa particular nunca deixou de ser débil no domínio da solidariedade *educativa*, e isto por três motivos principais: porque não formamos da transcendência da educação o conceito ao mesmo tempo entusiástico e prático, necessário para criarmos obras certas de intensa cultura dos caracteres; porque mantemos nas escolas a grave aberração de encher as inteligências esvaziando as almas; porque, pertinazmente messiânicos, abdicamos de toda a acção cívica no Estado abstracto, em vez de nos compenetrarmos de que o bem-comum é obra de cada um, e de dizermos (como outros tantos Luises XIV, mas noutra sentença) que o Estado, ou somos nós, ou não existe útilmente.

Sem embargo destes vícios tradicionais, já vamos criando algumas obras interessantes de solidariedade social educativa, por iniciativa feminina e com a actividade principalmente de senhoras. Noutra lugar e noutra ocasião falei da *Hora de Arte*, que é um bom exemplo. E concluí dizendo que, assim como uma senhora portuguesa doente e há anos quasi imóvel no seu leito, havia fundado essa instituição benemérita, nada impede (a não ser a falta de hábito, de conselho prático e de vontade persistente) que outras muitas senhoras portuguesas, inteligentes, perfeitamente válidas, e desejosas de ser prestáveis ao próximo e à nossa terra, se abalancem a outras fundações mais difíceis e tão urgentes, no país onde tudo falta e tão pouco se faz.

Para ver se desperto alguma boa-vontade dormente, vou apresentar vários factos característicos, ocorridos em França e na Bélgica, países que aliás não estão na primeira vanguarda das grandes iniciativas sociais:

Há por exemplo agora na Bélgica um vasto movimento de senhoras da burguesia, que tem já 20.000 aderentes, agrupadas nos chamados *Secretariados Femininos*. Cada cidade belga importante possui o seu «Secretariado», foco de acção social inspirada no espírito do Cristianismo. Dai partem centenas de meninas instruídas na solidariedade social, para convocarem as operárias da cidade ou do campo, misturando-se com estas na mais amável camaradagem.

O primeiro ensinamento que estas beneméritas do civismo transmitem às suas irmãs menos cultas, é a arte de enfeitar graciosamente os seus pobres lares, com coisas baratas e acessíveis. Os próprios escritórios de cada «Secreta-

riado» estão para isso mobilados, a título de exemplo, precisamente no estilo moderno de melhor gosto, mas com móveis feitos de pinho colorido, com panos de algodão grosseiro, porém de côres e padrões agradáveis, para demonstração de que, com materiais de pouco valor, se podem criar objectos atraentes. E as mulheres do povo, vendo isto, não descansam enquanto não arranjam meio de aplicar nas suas próprias casas tais processos de obter conforto com pouco dinheiro. Dêste modo, e quasi automaticamente, o simples contacto de mulheres habituadas à elegância da vida maternal frutificou em saúde física e moral, trazendo asseio e beleza a muitas casas proletárias, atraindo os maridos ao lar, afinando o gosto e os costumes dos filhos de operários.

Na cidade francesa de Ruão existe uma *Associação de Auxílio às Famílias Numerosas*, obra local florescente, constituída em grande parte por senhoras da mesma cidade. Para remediar a crise da habitação, essa sociedade particular mandou construir num vasto platô vizinho da capital normanda um bairro para 1.000 ou 1.200 habitantes, que saiu como que por milagre de uns terrenos baldios, e tem, além das suas bonitas casinhas de teijólo, os seus jardins e a sua igreja. Ajudadas por vários financeiros filantropos, aquelas senhoras levaram a cabo a construção do bairro, e aí instalaram as mais indigentes famílias numerosas que estavam protegendo.

Agora veja-se o que aconteceu: Instantaneamente deu-se a transformação moral daquela pobre gente. É preciso notar que não se tinha feito escolha de famílias operárias especialmente virtuosas. Pelo contrário. Algumas das mães de família assim instaladas eram negligentes e preguiçosas. Os maridos, nos primeiros tempos, continuaram a beber. Mas, encantados com a posse do seu jardimzinho, os operários começaram a vir para casa, mal saíam da fábrica, e a deitar mão à enxada e ao regador. De repente a jardinagem substituiu por todo o bairro a taberna próxima da fábrica. As mulheres, orgulhosas de habitarem casas de aspecto burguês, perderam os hábitos de indolência e melhoraram em tudo os seus costumes. As crianças foram mais lavadas, mais vigiadas, os trabalhos domésticos feitos com mais alegria. Todos, enfim, se elevaram moralmente, só pelo facto de terem uma casa de que podiam gostar.

Durante a guerra fundou-se em França o chamado *Lar do Soldado*, obra que continua a fazer maravilhas do Armistício para cá. Lá se vêem ainda, nas paradas dos regimentos, as grandes barracas onde centenas de jovens soldados se agrupam em torno das damas directoras da Obra, encontrando ali uma livraria, um piano, vários jogos, boa luz e bom aquecimento — derivativos admiráveis que os afastam da taberna, do alcoolismo e de outros passatempos ruins para a saúde física e moral.

Com pouco dinheiro e pouco tempo (visto que as senhoras agrupadas se revezariam) poderiam assim fundar-se em muitos bairros operários de Lisboa (e não só nos quartéis) círculos masculinos de leitura e passatempo, onde mulheres da burguesia ou da sociedade, cultas e dedicadas,

poriam à disposição dos trabalhadores, numa instalação simples mas atraente, alguns livros, jornais e ilustrações, uma atmosfera de tranquilidade intelectual e moral, um pouco de poesia ou de música — uma espécie de extensão da *Hora de Arte*, em que a direcção, a presença feminina mais demorada, imprimisse à reunião dos homens um sentimento de ordem espontânea e de natural dignidade.

A mulher é que cria os costumes — diz a revista *Vers la Santé*, órgão da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, donde tirei estas notas. A mulher das classes ricas ou remediadas compete interessar-se a valer no levantamento físico e moral dos pobres, concordando e procurando até que os trabalhadores tenham salários suficientes, convencendo dessa necessidade os círculos industriais e financeiros, comunicando enfim às mulheres proletárias o amor do lar, sentimento construtivo e fecundo que muito contribuiu para que a burguesia actual se elevasse à condição de burguesia, e que o povo precisa de poder criar em si, sob pena de catástrofes e ruínas para todos.

As más condições actuais resultam de que as cidades de hoje são organismos imperfeitos, cujo crescimento não se adaptou às necessidades por êle próprio criadas. *Burguês* vem de *burgo*, que é o nome germânico da cidade, nome que primitivamente significava *castelo*, porque a cidade europeia da Idade-média, muita vez nasceu e cresceu protegida pelo castelo e à sombra dêle. Essa protecção que o burguês medieval recebeu do castelo, deve-a o burguês de agora ao proletário urbano. Se a recusar, será não só mau cidadão e mau cristão, mas também mau *burguês*, incapaz de arrumar e civilizar o seu *burgo*, tornando-o acolhedor, saudável e agradável para todos.

Parece que os homens das classes médias e superiores esqueceram tudo isto, enroscados uns nos seus egoísmos de prazer, preguiça ou ganhuça, e outros capazes apenas de um frenesim teimosamente estéril e do patetismo mais illusório ou mais hipócrita, atado a fórmulas, escravo de palavras, sujeito à solidariedade estreita e perniciosas das seitas ou camorras políticas, e portanto incapaz de frutos melhores do que esta miséria oscilante entre a pilhocracia parlamentar e a ditadura mole.

Estes homens que têm governado, governam ou querem governar, formam-se na escola errada e fraudulenta que êles próprios formaram, e que não sabe dar-lhes nem sciência útil, nem timo prático, nem carácter forte, nem alto idealismo. Quando saem da preguiça e do egoísmo, é para darem com as cabeças pelas paredes, ou para atacarem debilmente, se não para defenderem como feras, os direitos sagrados do parasitismo e da preguiça. Não admira pois que se apele para as mulheres, porque essas, pouco ou nada deformadas pela escola, conservam quasi intacto o seu tesouro de sentimentos, onde o são instinto poderá mais que a inteligência viciada, e o coração tem de vencer na luta necessária contra as vontades rombas, as almas rasteiras e os estômagos sôfregos.



Feminina



ÀS PORTAS DO OUTONO



linha do vestido nas toilettes repintadas, as quais no alargamento das ancas e na amplitude do tecido nas saias, deixam transparecer uma idéa evocativa dos tempos em que as donas e as castelãs poalhavam de graça fidalga e senhoril o ambiente guerreiro e austero das sociedades idas. A par destas silhuetas do sonho, a linha moderna, esguia, flexuosa, lá figura também, sem preocupações de anacronismo, sem cuidado de conjunto estético, mas tão sedutora na sua ousadia rebelde a preconceitos atávicos! E nesta, como na outra, as scintilações das pedrarias e dos bordados, a magnificência dos tecidos absorvem as atenções desviando-as das meticulosidades da forma, corte e armado complicados.

Ao ar livre, este ano, os vestidos de algodão triunfam em tôda a linha combinados com *manteaux* de tecidos de lã que ocultam um pouco sob o seu aspecto solino a orgia de coloridos de que aqueles se orgulham. Gompreeende-se que a moda afague os tecidos de algodão que tanta frescura e juventude ofertam à silhueta feminina.

Os chapéus de feltro, de palha de Baugkok e por vezes do mesmo tecido do vestido, mas sempre nas mesmas côres, apenas ornamentados com uma fita mais ou menos



O outono acerca-se devagarinho, a passos cautelosos mas seguros, pronto a tomar de assalto a praça onde o verão já mal se mantém. E a hora de ostentar as últimas elegâncias estivais que não tardam a desaparecer. Ao longo das praias já plenamente animadas, abundam os vestidos leves, cheios de franzidos, folhos e plissados, em que as combinações dos voiles ou das mousselines e crêpes da China lisos e vistosamente estampados triunfam. Os *foureaux* ligeiros, as blusas género camiseiro, as *vareuses* de veludo — a grande moda — ou de lã, assim como *swaeters* e *jumpers* de côres vistosas, conhecem actualmente uma voga que se manterá ainda longamente.

A noite, nas faldas dos casinos, pulam as toilettes faiscantes de brilhos metálicos e refulgências setineas. As rendas de prata e ouro, o tafetas, o setim, as perolas e todos os mil e um recursos da elegância e arte que o engenho humano sabe aproveitar para tornar a mulher mais sedutora, combinam graciosamente com os decotes romanticamente traçados, marcando a

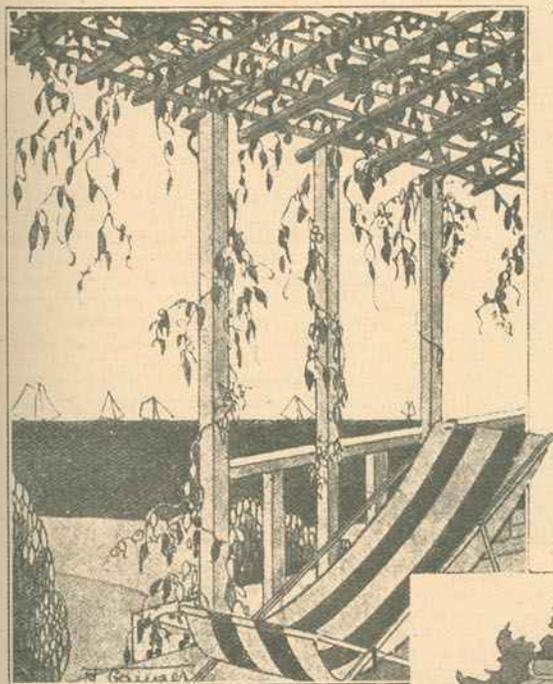
caprichosamente disposta, são os preferidos, por agora, para acompanhar as toilettes dêste magnifico tombar de verão.

Como abrigo para as manhãs frescas ou para as tardes em que o vento sopra mais vivo a

prestigiosa e indulgente da mocidade. Ah! a moda actual é, incontestavelmente graciosas, mas quanto lucraría ainda se refreasse as ousadias fantasistas a que por vezes incita!...

NO CAMPO

No campo, ou à beira mar, nenhuns instantes são tão gratos ao nosso espírito sedento de beatífica calma, como aqueles que permitem aos olhos aventureiros galgarem as grandes distâncias, perderem-se pelos horizontes longínquos, penetrarem nas massas densas dos arvoredos ou

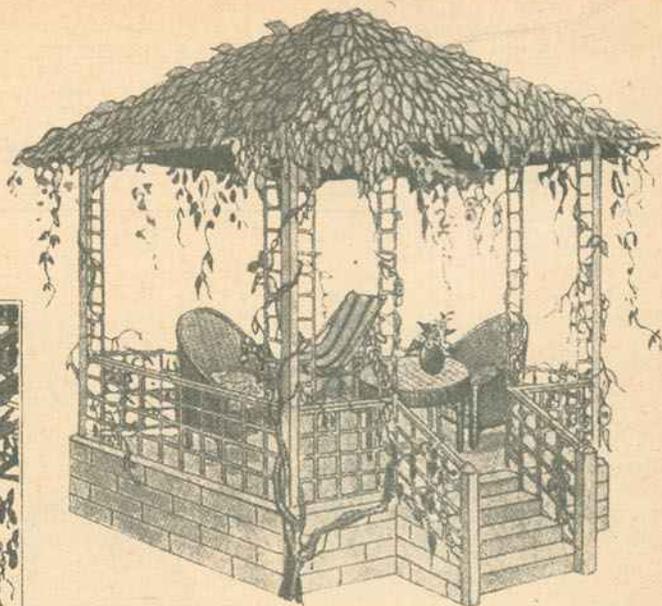


erguerem-se livremente, em arroubos de misticismo, para o céu descoberto, a banharem-se na luz quente do sol, a sorverem o bálsamo dos loares de sonho.

E não será entre as quatro paredes estreitas e glaciais da moradia de acaso onde nos levou a necessidade da vilgiatura, que poderemos fruir essa liberdade ambicionada pela alma e pelos olhos fatigados dos aspectos convencionais das cidades, entediados do tumultuar dos egoísmos.

Ir para o campo simplesmente para trocar a confortável casa da cidade por uma outra, acanhada, hostil, onde tudo falta, a principiar pela cubagem e a terminar nas facilidades de aprovisionamento, não é sensato... E, todavia, é o que sucede à grande maioria dos veraneantes e banhistas, que por falta de instalações apropriadas, são forçados a passar a maior parte do tempo — destinado ao saneamento dos pulmões, — dentro da pequena casa onde se acolheram, limitando a sua ansia de liberdade aos momentos fugidios em que esmorecem as ardências das temperaturas.

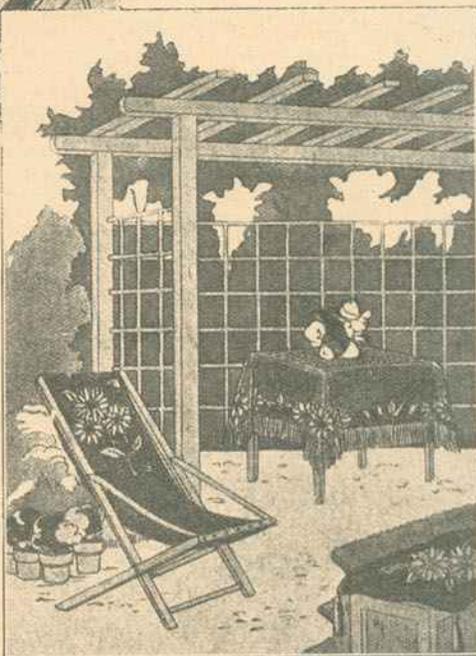
Entretanto, a construção de uns pequenos caramanchões que serviriam de abrigo nas horas de maior calor, onde a família se refugiaria a ler, a costurar, a entreter, enfim, o espírito, em qualquer ocupação ligeira, e que também serviria de sala de jantar, não é cousa difícil, nem preocupantemente dispendiosa. Em geral, as casas de campo tem sempre à volta ou próximo um pouco de terreno livre onde seria fácil ins-



talar um caramanchão simples e ligeiro como qualquer dos que as gravuras representam. Como materiais bastam umas vigas de pinho, umas ripas para o telhado e para as balaustradas, e... uns pés de Vinha virgem ou qualquer outra trepadeira de crescimento rápido que logo revestiria o teto e as paredes do improvisado pavilhão de fresca e viçosa tapeçaria. O próprio chefe da família, ou na falta de aptidão d'êste para obras de carpintaria ligeira, um qualquer carpinteiro ou curioso

assistido pela habilidade, seria o artifice de um trabalho que tanto e tão agradável conforto proporcionaria aos veraneantes que não tendo a fortuna de possuírem um *chalet* provido de todas as comodidades modernas, são forçados a contentarem-se com uma instalação precária onde tudo escasseia desde a luz à pureza perfumada do ar.

A dona da casa competiria o alindamento do seu caramanchão — que na falta de tempo para o crescimento imprescindível da trepadeira poderia ser coberto de colmo ou simples lona de riscas vistosas. — Para isso, ela bordaria umas almofadas, uns panos de cadeiras dobradiças, uns *chemins*, tapetes, saco de trabalho, *napperon*, etc., com rafia na cor natural ou tinta conforme as exigências do bordado. E no fim, quando sôa a hora do regresso à vida laboriosa da cidade; quando os campos, fartos de forasteiros intrusos, reclamam a partida dos que vieram perturbar de estranho bulício, a sua quietude extática, prontamente se desarticula o esqueleto daquele pavilhão



onde fruimos horas de inolvidável repouso, reduzindo-o a um simples feixe de ripas que guardaremos prudentemente, porque no ano seguinte tornarão a erguer, em qualquer cantinho florido, a namorar as águas dolentes do mar encalmado, um outro caramanchão acolhedor, cheio de sombra e de frescura. O mobiliário para uma tão agradável instalação é também extremamente simples e portátil, visto que nem sempre seria de bom conselho deixar o pavilhão guarnecido durante a noite. Umas duas mesas de madeira ripolinizada com tinta laca Ripolin de qualquer cor vistosa, vermelha ou verde, por exemplo; uns fauteils de vêrga e algumas cadeiras e bancos de dobrar, como os que se vêem nas gravuras, constituem uma guarnição confortável, de fácil transporte e apreciavelmente económica, ao alcance de todas as bolsas e acessível a todas as boas vontades.



Livros e Escritores

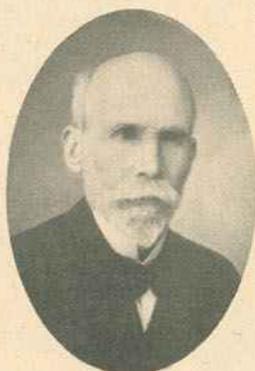


Se as individualidades as quais esteve confiado o encargo espinhoso de guiar a nossa vida como Nação, se deram ao trabalho exaustivo de estudar e quicá experimentar as mézinhhas propostas por esculapinos da política para restituir a perdida saúde a este pobre e querido doentinho que é o nosso Portugal, por certo essas individualidades caíram na prática de muita asneira e compreenderam a verdade do asserto antigo: «duro officio de governar». De há muito que para a solução da gravíssima crise nacional — e chamamos-lhe assim porque, em boa verdade, tal crise abarca tôdas as manifestações da vida portuguesa! — surgem panaceias com a mesma facilidade dos tortulhos: algum dos leitores, se meter as mãos na consciéncia não encontrará acaso também um tortulhinho político suficiente para pôr são como um pêro o martirizado arca-boço do país? ... Ora, de bem mau agoiro será que, à cabeceira dum enfermo, se reúnam vários esculapinos: é sinal de que a coisa está feia de cara, mesmo porque, as duas por três, os matasanos puxam cada um para seu lado e o paciente vê-se obrigado a desistir da cura, tratando mas é de pôr em dia a escrita da sua vida para o que der e vier! Isto é claro, admitindo como verdade que a situação do indivíduo seja desesperada porque, muitas vezes, sucede — e é o que bastas vezes se tem passado com a Nação! — cada qual querer botar figura, exibindo inúteis saberetes, e acabando por aplicar ao doente o risível basalição da sua ignorância ou a contestável eficiência do «óleo dos sete cágados, muito do agrado e aplicação dos diversos Eusebios Macários da governação pública.

Vem isto a propósito do livro do sr. Rodrigues Aragão, *Soluções práticas da politica nacional, ou, O Estado Federativo*. Dêle se diria, como em certa crítica célebre, que «tem coisas boas e coisas novas: as boas não são novas e as novas não são boas...» Literariamente está fora de discussão porque nada tem que o recomende para tal; quanto ao ideário que o anima, se muita verdade surge aqui e ali, certo é também que abundam ingenuidades atrozes. Supondo que em Lisboa se dessem os acontecimentos que motivam a urdidura d'este quasi romance, seria preciso que os neo-ocupantes da governação fôsem duma estupidez fabulosa para assim se deixarem numa inação completa, collocando-se à mercê da hipotética e risonha Junta Governativa... Mas, pondo isso de parte, visto nem por sombras nos desejarmos imiscuir na análise dos ideais políticos do sr. Rodrigues Aragão porque isso nos não compete nem aqui é lugar azado para tais discussões, seja-nos lícito afirmar que o livro em referência reflecte as ideias de vários teóricos franceses e portugueses, pretendendo conciliar extremistas da direita com apóstolos da democracia... O resultado é um molho esquisito, uma caldeirada de opiniões condimentadas com azeite e vinagre que não sabemos como possam ligar entre si. O sr. Rodrigues Aragão é um estudioso e um bem intencionado mas parece-nos não logrará partidários, mesmo porque, não poderá faltar quem afirme existirem na sua nova panaceia componentes que se contrariam uns aos outros.

As *Soluções práticas da politica nacional*, embora reflectindo uma louvável boa vontade de acertar, pecam por uma ingenuidade e até, um — optimismo — extraordinários; além disso parece-nos arriscado que um só individuo tenha

que não causará um espanto por aí além. Depois, o que tôr há de soar: é possível que as vitaminas propostas pelo estudioso professor fortifiquem o combalido arca-boço nacional... O mau é se o doentinho peora!... Longe vá o agoiro!



F. Gomes Teixeira

opiniões salvadoras para todos os aspectos do problema nacional, porque assim entramos no domínio das soluções apressadas, do topa-a-tudo em matéria política. A maneira como o sr. Rodrigues Aragão perante uma revolta consegue munições, exército e marinha de guerra já por si faria sorrir porque nos avizinha do Dr. Pangloss de voltairiana memória. Mas o estudioso professor não se fica por ali; altera o estatuto da Nação passando esta a ser república federativa *una mas divisível*, e alterando também o sufrágio por um modo que os leitores verificarão como lhes aprouver; resolve a seu modo a questão agrária abundando em opiniões que vão, a nosso ver, desde a lei das sesmarias até às medidas preconizadas pelo ilustre publicista sr. Ezequiel de Campos; entra pelo problema religioso, resolve-o também à sua maneira e, a certa que deixa fulos gregos e troianos; trata da situação económico-financeira, e do aumento das receitas; ataca o problema da instrução e da justiça, etc., etc., etc. São, como se vê, muitas opiniões salvadoras para um homem só, e o livro só prova que o sr. Rodrigues Aragão tendo lido muita coisa e consultado muitas das panaceias apresentadas pelos vários matasanos da politica luziada com elas engendrou um *puzzle*; se as *Soluções práticas* contem muita coisa acertada e quicá indicada urgentemente pela experiência para a salvação nacional, outras indicam que o sr. Rodrigues Aragão quiz contentar tôda a gente e, nesse intuito se deixou ficar a meio do caminho... Em todo o caso é um documento de boa vontade de acertar e não seremos nós quem lhe regateie aplausos por isso. E se os leitores ainda não estão fartos de experiências de vida nova, nesse caso tem um recurso: ajudar o sr. Rodrigues Aragão nas suas boas intenções. Será mais uma revoluçãozinha, o

O sr. dr. F. Gomes Teixeira, que os mais opostos campos da opinião indicam unanimemente como uma glória autêntica da sciência portuguesa, acaba de publicar um livro de impressões de viagem a que deu o titulo de *Santuários de montanha*. Lê-se com agrado a prosa do ilustre sábio português, prosa essa cheia de correcção, simples, e muitas vezes acertadamente expressiva. Para o sr. dr. Gomes Teixeira são santuários de montanha aqueles lugares de altitude e solidão aonde frades e homens de sciência se acolheram no intuito de melhorar a sorte da triste humanidade. E, assim, leva-nos de visita ao Grande S. Bernardo, ao Monte Branco, ao Etna, ao Vesúvio, à Grande Cartuxa e a vários outros pontos quasi inacessíveis aonde o homem se acolheu quer no intuito de se confinar num grande sonho de renúncia, quer no de, totalmente e pelo estudo da natureza, se dedicar à busca de melhores condições para a vida dos povos e consecução do aumento de saber humano. É pois um livro a vários respeitoos interessantíssimo. Simplesmente, e sem que isto envolva sombra sequer de menosprezo pela sinceridade do sr. dr. Gomes Teixeira, quere-nos parecer que certas opiniões do livro em referência deverão desagradar a muitos dos seus companheiros de crenças religiosas: *verbi-gratia*, o largo papel que confere ao sentimentalismo e ainda as palavras dedicadas as ordens meramente contemplativas, como a dos Cartuxos... Se a Igreja declara excelente semelhante ordem e por forma alguma censura os extremos da sua regra, como poderá um católico disciplinado fazer outra coisa que não seja submeter-se em silêncio? Isto é claro desde que se aceite as doutrinas de Roma e se creia no Além com firmeza pois que, em caso contrário, quasi não faz sentido o aprovar-se qualquer regra monástica — sequer suave — e muito menos a dos frades de S. Bruno, a qual, collocados nós num ponto de vista puramente terreno, equivale a uma tumulisação em vida!

Ferreira de Castro é um moço jornalista cheio de talento e de seiva literária, pleatório de idealismo revolucionário e vibrando desordenadamente com tôdas as inovações sociais por mais extremas que elas sejam. Como ao seu temperamento de escritor não falta a necessária fantasia nem tampouco certas qualidades de observador, segue-se que o sr. Ferreira de Castro é uma organização de novelista. É o que amplamente nos demonstra a sua obra há pouco editada, *A Peregrina do mundo novo*, a qual, se reflecte em grande parte as ideias revolucionárias do moço escritor, representa igualmente um estudo curioso dum temperamento de mulher muito da nossa época — tão atreita a decadentismos e misérias morais. Soledade, a he-

roina do sr. Ferreira de Castro, mixto de algumas boas qualidades e doutrinas que só refletem a anarquia mental do nosso tempo, é até certo ponto uma transposição do estado de espírito de alguns supercivilizados — se entendermos por civilização o que para ali existe — que se deixam elevar docilmente pela sensação, pelo sentimentalismo e descuram totalmente a reacção salutar da inteligência sobre a sensibilidade. Cheia de mocidade, vibrátil até ao exagero, verdadeiro canião ao sabor da ventaneira, querendo gosar da vida tudo quanto ela possa oferecer aos seus nervos de mulher, e de mulher moderna, tudo a atrai para tudo depois abandonar em busca de sensações novas. Por um momento a vida entre gente humilde de campo quasi que a absorveu pacificando-a e dando-lhe um sentido de viver mais racional e inteligente, mais humano e lógico: o caso chegou a interessar-nos por nos lembrarmos do mito antigo de Anteu: este gigante, lutando com Hércules recobrava dobrado vigor sempre que tocava com o corpo sobre a terra, sua mãe... Mas, a breve trecho a influência desfaz-se e Soledade volta a deixar-se conduzir docilmente pelas solicitações do seu sub-consciente, com toda a docilidade, como uma folha morta ao geito do vento que a impelle. Há caracteres assim, é forçoso confessá-lo e, se a literatura devesse apenas constar dos casos particulares da vida, *A Peregrina do mundo novo* estava certa. Mas como a maioria da Humanidade não é assim e não está provado que a moral antiga tenha de bater ástas perante a moderna, segue-se que o mundo moderno é uma balbúrdia perante a qual há que manter uma enorme serenidade, um frio poder de análise, de predomínio da inteligência, sem nos

adopta nem defende, considerando-a antes um caso esporádico, com o seu quê de bastante patológico. Nem o seu conceito de moral, nem o de liberdade, nem mesmo o de arte se coadunam, parece-nos, com a tonalidade dominante em Portugal — ainda mesmo que se seja avançado em ideias, visto como, em casos tais, quando se passa da teoria à prática, o *chassez le naturel, il revient au galop* do conceito de Boileau, é de todo o rigor... Seja porém como fôr, o que não sofre dúvidas é que o meu querido camarada de jornalismo, Ferreira de Castro, é um novelista, cheio de qualidades, colorista, dotado de um real talento de escritor, impressivo e vibrante. As suas ideias acho-as deletérias e infundadas portanto. O que lhe não posso negar, ao novelista, é qualidades. E essas possui-as em verdade.

Pela eterna lei dos contrastes ao ler esta brochurinha do sr. Cruz Magalhães — tão cheia de amargos e desconsoladores pessimismos, tão perniciosos para moços como nós que precisamos não de quem se ponha a denegrir a existência mas sim de quem ajude, com as suas boas palavras, a levar ao calvário a cruz caída em sorte a cada um, — acodem-me à lembrança aqueles versos de D. Miguel de los Santos Alvarez, no seu poemeto *Maria*

*Bueno es el mundo, ¡bueno! ¡bueno! ¡bueno!
Como de Dios al fin obra maestra,
Por todas partes de delicias lleno,
De que Dios ama al hombre hermosa muestra.
Salga la voz alegre de mi seno
A celebrar esta vivienda nuestra;
¡Paq á los hombres! ¡ gloria en las alturas!
¡ Cantad en vuestra jaula, criaturas!*

O sr. Cruz Magalhães, a quem a fortuna pessoal e as suas tendências artísticas levaram a praticar uma obra de benemerência nacional como seja essa do *Museu Rafael Bordalo*, saiu-se no seu livrinho de estirado título, *Máximas... mínimas, ditos... mal ditos é riso amargo* um pessimista enraivecido, capaz de desencorajar a risonha personagem de Mr. D'Aroutet. As mulheres, os homens, os políticos, Deus e as religiões, governantes e governados, a moral, a acção, novos e velhos etc., etc., tudo lhe merece ódio extreme, sarcasmos, ironias, azedumes. O suicídio merece-lhe muito especiais deferências: por pouco o sr. Cruz Magalhães enveredava pelas ideias daquele sinistro teutão Hartmann que, na sua *Philosophie des Unbewussten*, chegou a pregar o suicídio em massa da Humanidade!... Mas o que sobremaneira espanta é o personalismo do sr. Cruz Magalhães o qual vai até ao ódio — impotente é claro! — contra esse velho enlêdo das criaturas humanas e que se chama Deus!... O autor em questão parece especialmente empenhado em derrubar lá do sólio fulgurante, aquele Amor

che muove il sole e l'altre stelle

no dizer do grande florentino... Impossível concordarmos porque, ainda que fosse uma enorme mentira esse Deus no qual a Humanidade persiste em crer, bendita mentira que nos ajudava a descobrir o sentido da vida e nos dava coragem para suportar uma cruz por vezes bem pesada!... Recordar-se a gente dos versos de Junqueiro, no seu período demolidor e vê que até mesmo o autor da *Velhice do Padre Eterno* declarava um crime roubar as crenças a cada um porque isso o mesmo seria que roubar a uma trôpega mendiga as três achas que leva para se aquecer!... E pondo de parte a estranha fobia do sr. Cruz Magalhães, digamos em

abono da verdade que a nossa geração, do que precisa é de palavras de incitamento, de apoloias da acção e da vida, de quem dê vontade de trabalhar e jamaís de quem nos venha amargar o pão quotidiano e tentar roubar as ilusões, se ilusões fossem. Pode ser que o sr. Cruz Magalhães seja uma excepção mas, a regra geral é os pessimistas serem uns fanáticos devotos da existência. Exemplo: aquele pândego que se chamou Schopenhauer e que na sua *Königsberg*, depois de ter dito coisas abomináveis das mulheres, da vida, do vinho, dos homens, dos deuses, dos ideais, da história, do dinheiro, de tudo enfim, comia como um frade bernardo, bebia como uma esponja, teve uma catrozada de filhos de várias mulheres, tornou-se avarento como Harpagão e Shylock reunidos, escreveu as estopinhas para ganhar farta pecúnia e, depois de viver regaladamente, acabou passante ao oriente — e muito contra sua vontade, afirma um biógrafo malicioso mas bastante psicólogo!...

As gerações de hoje, sedentas de acção, de vida e de sacrificio por uma bela causa, poderão reconhecer predicados de escritor e de ironista no sr. Cruz Magalhães; mas daquilo que elas se não abstêm, por certo, é de repelir as suas ideias. Para a frente é que é o caminho, embora à custa de todos os sacrificios e mesmo por sobre os cadáveres!...

O que a Infantaria deve saber da Artilharia... Valha-me Deus! É eu que não sei nada de artilharia nem tampouco de infantaria! Nem galucho fui com pena minha: recusado em toda a linha e com todas as honras. Como falar, pois, deste livro do coronel Trêguier, tradução cuidada do sr. cap. C. I. Antunes Cabrita? A minha impressão é de que se trata dum livro bem escrito e de bom saber mas impossível ir além desta opinião. Em tempos idos meu pai — que era um santo e Deus tenha na sua santa glória! — creio ter fundado grandes esperanças nas minhas tendências mavórticas por tal forma eu reclamava espadas e guerras, de tal modo fazia justiça sumária nos bonecos de trapos de minhas irmãs, pendurando-as do tecto — como o pirata de Espronceda *las colgaba dalguma antena*, às suas vítimas, — e com tamanha valentia eu arrostava com as tarefas de chinelo de certa Penelope minha conhecida. Mas tudo ficou destruído perante a teimosia da Comissão de Recrutamento. De modo que, deste livrinho o mais que lhes sei dizer é que me pareceu bom. Os senhores leiam e depois digam se este meu parecer não é a confirmação irrefutável de que o estalão de infantaria 5 foi duma crueldade inaudita!

Versos interessantes os desta *Flor de Tristeza*, do sr. J. B. Ferreira da Silva. Ingenuos, com certas fraquezas de técnica, mas em todo o caso destoando um pouco da vulgaridade. Seguem: *A mulher no lar*, da Senhora D. Emilia de Sousa Costa, livro este que leva como subtítulo «Arte de viver com economia» e que trata de tudo quanto possa interessar a uma boa dona de casa, desde a hygiene e as receitas culinárias até à vida na familia. Bem escrito e útil. *Santa Clara-a Velha*, interessante brochura do sr. Tomás da Fonseca e tratando de abnegadamente defender a velha e linda edificação da rainha Santa Isabel: boa obra e boa edição; *Sevilha*, do sr. Carlos Pedro Pinto Ferreira, descrição conscienciosa dos monumentos da terra da Giralda, escrita com desprentiosismo e saber; por último *Três discursos* (ensaios de oratória) do sr. José Ribeiro Alves Júnior, apreciáveis pela intenção que os moveu e que era das melhores.

ÁLVARO MAIA.



Ferreira de Castro

deixarmos arrastar por entusiasmos de inovação que só podem estragar as verdadeiras directrices a apurar. Soledade é um caso típico da chamada supercivilização: a maioria da Humanidade regeita-o e não se dá mal com isso. Soledade vive pelo sexo, pelos nervos, pela sensação, pelo impulso de momento, levada por um conceito de liberdade que tem muito que se lhe diga porque, em boa verdade redonda na perfeita escravidão dos sentidos. Posta em confronto com sua irmã Leonor, — doce figurinha de mulher portuguesa ternamente apaixonada mas senhora de si, fazendo actuar quasi sempre as disciplinas da inteligência sobre a sensibilidade, muito simples e muito mulher no nobre sentido da palavra, — Soledade, a peregrina do mundo novo, temos a certeza de que não ganha com esse confronto. Está muito fora da nossa maneira de ser e muito desenraizada; deixa de nos interessar porque a sensibilidade portuguesa, achando-a um caso curioso, não a

TERRA AFRICANA

DE DAKAR A LAGOS (IMPRESSÕES DE VIAGEM)

Togo, 22 de Abril

VII

TOGOLANDIA

Esta comprida tira de 100 quilómetros de largo, estendida de sul ao norte, por uns 500 quilómetros bem medidos, perpendicularmente à

Todos os outros povoados de importância: *Palimé, Atakpamé, Sokodé, Anecho*, passaram por idêntica transformação. As estradas, de amplo e hábil traçado, que ligam entre si estas sedes administrativas, foram do mesmo jeito arborizadas, no percurso de centenas de quilómetros.

Com uma sensata providência a servir de lição a outros governos coloniais, as árvores

frutíferas foram preferidas no sombreamento. Mangueiras de porte imponente, laranjeiras, cajueiros, *karités*, em renques intermináveis, podem na estação própria, alimentar-toda a população do Togo.

ano, o transeunte indígena não tem de preocupar-se demasiado com o sóbrio passado; a solicitude do branco preparou-lhe a mesa a cada volta do caminho.

Mas é do Togo que se trata, e dizia eu que o alemão adorava este seu domínio. Por seu lado o francês todo se confrange quando pensa que o seu mandato precário poderá um dia cessar. Não que o país seja rico em matéria de solo. Ao contrário. Tirando-lhe a chamada zona intermédia, região de palmares, mais uma estreita faixa costeira de 5 quilómetros de largura onde encontro a maior plantação de coqueiros que tenho visto (mais de 3 milhões de árvores) e porventura as vertentes da montanha escarpada e esguia que, partida do Sudeste da Costa do Ouro o atravessa obliquamente e de fugida, o Togo é um país árido, savana discretamente arborizada, com largas extensões de charneca onde apenas rudes gramíneas vegetam à pressa, durante o breve período de chuvas.

Não é tão pouco um território extenso. Tinha 88.000 quilómetros quadrados; repartiram-no desigualmente os aliados: 35.000 quilómetros, passaram a ser administrados pelos ingleses, em ligação com a Costa do Ouro; os restantes 53.000, com a maioria das povoações importantes, constituem o mandato francês. Contudo não sendo vasto, e apresentando-se como o menos fértil dos países do Golfo da Guiné, Togo possui uma grande riqueza: a sua população. Enquanto a África O. Francesa contém $3\frac{1}{2}$ habitantes por quilóm. q., o mandato possui 15. Assim se explica como, sob a direcção inteligente do Comissário da República Mr. Bonnacarrère, ele tem no orçamento não só o equilíbrio mas um *superavit* anual de mais de 1 milhão de francos, e pode, sem preocupações, emprender obras de vulto.

As essências é que naturalmente variaram, de acôrdo com clima e terreno. Predominam lá o abacateiro de produto rico em matéria gorda e a árvore da *fruta-pão*, de fécula a mais saborosa que conheço. Assim, durante boa parte do

Costa de Benin, é decerto a região mais curiosa que até ao presente temos percorrido.

O alemão, retardatário na aquisição de colónias, queria-lhe como à menina de seus olhos; em certas empresas agrícolas (como a de *Tafié*) tinha o próprio Kaiser investido avultados capitais. Quantiosos subsídios eram anualmente enviados da metrópole germânica; assim, sem preocupações de poupança, coloniais competentes seleccionados para administrá-lo, trabalharam este domínio como jardim de recreio.

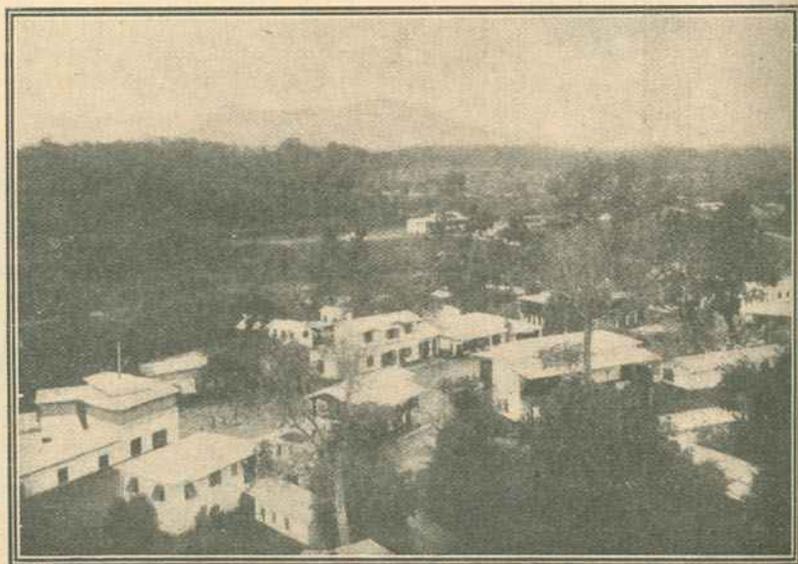
De 1905 a 1909 inauguraram três caminhos de ferro de grande importância comercial, partindo todos de *Lomé*: *Lomé-Anecho*, 43 quilómetros ao longo da costa; *Lomé-Palimé*, 120 quilómetros, para noroeste; *Lomé-Atakpamé*, 167 quilómetros, em direcção quasi rigorosamente sul-norte.

Chegaram mesmo ao luxo de construir em Kamina, próximo da costa, a maior estação de T. S. F. de toda a África. Comunicava directamente com a de Nauen: concluída em Agosto de 1914, o primeiro rádio que recebeu foi uma ordem imperativa ao Governador para a fazer saltar, a fim de não aproveitar aos aliados que já invadiam o Togo. Dessa malfadada empresa, só restam em Kamina ruínas imponentes, e inúteis.

Lomé, a capital, antiga aldeola indígena, escassa em habitantes e reles no desenho, foi por eles regularizada em amplas avenidas, sombreadas por duas e às vezes três filas de arvoredo, sem repetir-se de rua para rua a mesma espécie botânica.



Togo. — O Comissário da República Francesa, Mr. Bonnacarrère, entre os notáveis de Lomé



Togo. — Panorama de Palimé

A bordo do *Alba*, acompanhou-nos um engenheiro, em via de proceder à instalação de uma Central Eléctrica, em Lomé, em cumprimento do contrato feito com uma companhia italiana, para iluminação da cidade, e fins industriais. A substituir a velha ponte-cais, sabiamente construída pelos alemães, mas que a aspérrima e inexorável *calema* do golfo abalou e em parte

que presenteiam cada recém-nascido, e semanalmente pesam com carinho os gordos bebês pretos.

Sob o ponto de vista de hospitalização *indígena*, realizou, com o luxo do cimento armado, o sistema económico e prático, tão preconizado no Congresso de Loanda, da cubata-enfermaria, onde o nativo mantendo o contacto com a fa-

são postas em prática de uma forma inteligente; ser-me-iam necessárias longas páginas para as descrever — O contacto da autoridade com o nativo, neste país onde nunca houve grandes chefes feudais, é estabelecido por meio das assembleias de *notáveis indígenas*, criação feliz do sr. Bonnacarrère.

Não há grandes chefes feudais? Perdão! Pela primeira vez na minha vida, vi um autêntico monarca, trazendo na cabeça uma autêntica coroa rial. Reina sobre os 3.000 habitantes de Anecho, dos quais emprega nada menos de 16, a transportar-lhe os numerosos e variados scetros.

Resolutamente, perante o sr. Bonnacarrère, proponho-me candidato ao trono de Anecho na eventualidade de uma remota vacatura. Infelizmente para as minhas pretensões, o sr. Chazal, administrador em chefe da A. O. F, gentilmente enviado pelo Governador Geral a acompanhar a missão durante o percurso em território francês, seduzido pelo brilho vão dos europeus riais — êle, funcionário de uma democracia — cortou-me as vazas, apresentando também a sua candidatura. A alta situação burocrática do sr. Chazal, garante-lhe o triunfo, se, entretanto o actual rei, mais moço do que nós, não resolve sobreviver-nos.

Não faltam no Togo, que faz parte da antiga *Costa dos Escravos*, vestígios da passagem e tráfico portugueses; entre Lomé e Anecho está Porto-Seguro, povoação de nome genuinamente luso. Em Alélé, mais de 200 quilómetros para o interior, há, informa-me o administrador de Atakpamé, as ruínas dum velho forte português. Mais de um tço dos nomes que vejo na lista dos notáveis são portugueses; e na população superabundam os Almeidas, Medeiros, Souzas, Silvas, Ovídios, Olímpios, etc. Os batuques, e as músicas populares tocados pelos ruidosos *jazjz-bands* indígenas são retintamente brasileiros, importados no tempo em que o Brasil era ainda português.

A. DAMAS MORA.



Togo. — Lomé. — Maternidade para indígenas

aluiu, emerge outra de 480 metros de comprimento, mais sólida, com ensanchas para um movimento comercial múltiplo do presente.

Antigo combatente da grande guerra, tipo gaulês, novo ainda, baixo, sêco, mas musculado, rosto simpático respirando saúde, olhar decidido falcando energia, o actual comissário da República sr. Bonnacarrère pertence a essa pleiade de grandes coloniais, de que a França parece ser alóbre inesgotável. Os seus volumosos relatórios anuais à Sociedade das Nações, tocando todos os serviços do mandato, fazem autoridade em alguns assuntos, como o que se refere à preservação da raça indígena. Um reduzido grupo de funcionários, contratados pelas forças da colónia, bem pagos e competentes, transmitem, como rodas inteligentes e bem engrenadas, o impulso central a todos os pontos do território. Há poucos médicos, mas foram escolhidos a dedo. São verdadeiras sumidades: um tem a especialidade dos estudos demográficos, de que nos expôs dados curiosos; outro é hábil como parteiro, outro como pediatra...

Para um velho colonial como eu, é um prazer espiritual a conversa do sr. Bonnacarrère. A ideias claras e precisas corresponde uma exposição fluente e persuasiva, em que a frase é recortada cerce, sem esbeijamentos nem rebarbas.

Toda a sua administração se orienta no sentido de conservar e aumentar a população negra. Em cada grande centro populacional há uma Maternidade indígena; em Lomé está-lhe anexa a «Oeuvre du berceau» instituição protectora da infância *indígena*, dirigida por duas encantadoras damas, esposas de altos funcionários da Colónia. Elas próprias costumam a *trousse* com

mília, é, salvo casos excepcionais, alimentado por ela; conserva-se por tanto no seu usual ambiente.

Um químico analista de grande reputação, o sr. Cheyssi, recentemente contratado, tem a missão de estudar a fundo o valor nutritivo da ração alimentar dos indígenas, a fim de que, scientificamente, ela possa ser melhorada nos seus elementos deficientes.

Assistência agrícola, pecuária e educacional



Togo. — Lomé. — Casas-enfermarias para hospitalização de indígenas, onde estes conservam o contacto com a família e são por ela alimentados



TEATRO



A CRISE DO TEATRO EM PORTUGAL

REFEREM as gazetas que uma grande comissão de empresários de Lisboa solicitou do Estado, pelos ministérios das Finanças e da Instrução Pública, várias providências, reputadas indispensáveis e inadiáveis, para acudir à crise aguda porque vão passando em Portugal as empresas de espectáculos públicos.

No seu critério simplista de industriais e comerciantes, os digníssimos empresários comissionados atribuem *in limine* todas as culpas dessa grave crise ao devorante Imposto e à despótica Inspeção Geral dos Teatros, entidades oficiais cujas bochechas abstractas se podem impunemente crivar de todos os vitupérios e todas as calúnias, sem receio de que uma bengala justiceira ou um solene cartão de visita corrijam um pouco mais a ligeiriza e a impetuosi-dade dos juízos.

De sorte que se pode considerar oficialmente declarada e extensiva a todo o teatro em Portugal, uma crise que em princípio, pelas mesas dos cafés e no cavaco das redacções, se afirmava apenas confinada em estado crónico às venerandas úlceras do Teatro Nacional.

Ainda não há muito tempo, do alto destas mesmas colunas, nós lançávamos agourentamente o grito de que por toda a Europa o teatro estava em crise. E, entre outras substanciais considerações, insinuávamos que o facto de o burguês magnífico destas risonhas ribas atlânticas não prestar a essa crise uma atenção mais demorada e cautelosa, não era pecha que devesse excessivamente fustigar-se no pelourinho das reivindicações indígenas.

Trinta anos da sua vida laboriosa de literato e de janota levou o casquilho Garrett a convencer-se desta verdade que veio afinal a condensar no «forismo conhecido»: — «Em Portugal nunca chegou verdadeiramente a haver teatro».

Atribuía-o o autor do «Frei Luis de Sousa», levado na corrente de ideias do seu tempo, à falta de gosto público, nunca — em seu entender — devidamente estimulado e mantido por um Estado-Mecenas que construiu o teatro, abeberasse de menino e alimentasse em adulto o comediante, pintasse o cenário e, mediante a promessa da grossa prebenda dos direitos, mungisse aos menosprezados Sofocles e Menandros da sua terra a teta úbera duma inspiração que se ignorava.

Mas a despeito de tão belas teorias (que na ordem prática, honra lhe seja feita, tiveram a mais metódica realização) nem por isso deixou o teatro em Portugal de arrastar cronicamente uma vida precária, claudicante, derrancada de energias, entre a apatia ignara das platéas, o desinteresse hipócrita do Estado, e a mais franciscana penúria de produção dramática.

Tinha pois carradas de razão o olímpico burguês desta boa terra lusitana, em não conferir ao grito de alarme do teatro uma importância desproporcionada com o fundo real do problema.

Nunca tendo havido teatro em Portugal, também a nós não parecia demasiado lúxo considerá-lo hoje excepcionalmente em crise...

Assim pensávamos há poucos meses e disso fazíamos pública confissão. É certo que quando dizíamos teatro, nós referíamos meramente ao complexo fenómeno estético e não à comensal industria de bilheteira. Isso porém não obsta a

que, em face da nota cominatória e solene da Comissão dos Empresários, demos desde já as mãos à palmatória e publicamente nos retratemos do nosso erro, afirmando com os clamorosos empresários que de facto existe um teatro português e que esse florescente teatro está passagieramente afectado por uma pavorosa crise.

Seja-nos todavia lícito discordar um pouco da douta opinião dos conspícuos empresários quando accusam de todos os malefícios o inoentíssimo Imposto e a cândida Inspeção Geral de Teatros.

Não duvidamos um instante de que na larga esfera da sua acção, este senhor e esta senhora tenham também comprometido um pouco essa próspera industria teatral, por cuja existência a Comissão de Empresários sob palavra de honra se responsabiliza.

Mas daí a imputarmos todas as negras culpas exclusivamente a esses dois impessoais serventários do Estado, vai uma considerável distância.

Não estranhamos que, de resto, ao critério aritmético e são dos digníssimos empresários, o Imposto e a Inspeção apareçam nas suas lubbucrações como sombras infernais, assumindo por vezes as terríficas proposições do Pesadello e do Remorso.

Também para o confeitiro, para o tendeiro e para o sapateiro, corporações de tão honrada história como a dos empresários teatraes, o Fisco e o Tribunal teem sido tradicionalmente os inimigos naturais, as cruentas e insaciáveis harpias.

Mas não é decerto ao Fisco nem à Inspeção Geral dos Teatros que poderá atribuir-se o absoluto descrédito a que entre nós chegou a nobre arte de representar. Não será a esses dois impassíveis pilares do Estado que os Senhores Empresários poderão imputar o desinteresse do público, a falta de concorrência, a penúria das bilheteiras, a derrocada infalível.

Notório e sabido é que o respeitável público, pelo menos em nossas risonhas parágens, não frequenta o teatro por transcendentales interesses de espirito ou por um alto luxo de snobismo intelectual, senão por um muito humano, muito corriqueiro e muito respeitável apetite de se divertir e pela maior ou menor simpatia que os comediantes lhe merecem.

Não se vai ao teatro em Portugal para se ver a peça nova de Pirandello ou Lenormand ou para aprofundar o mundo de ideias de Shakespear ou H. Ibsen. Vai-se ao teatro para, depois dum bom jantar, se comprazer a gente no convívio delicioso da encantadora actriz Fulana ou sofrer o esmagador dominio do genial actor Sicrano.

E para saciar todas as sedes de espirito deste simpático espectador basta-lhe em regra saber que a peça — o pretexto — é um drama ou uma comédia.

Como o drama, em geral, acaba em catástrofe e a comédia por um ou mais auspiciosos enlances, as exigências mentais da platéa nada mais é necessário na feitura da peça, de que a honrada solução deste compromisso tácito. O fulcro, a essência, a nobreza do espectáculo estão pois para as nossas melhores platéas no jogo da companhia e particularmente no talento histriónico de dois ou três vedetas.

Tudo o resto é secundário, accidental, transitório. E a saída do espectáculo, os veredictos cri-

ticos de espectador a espectador não variam essencialmente destes dois clichés lapidares.

— «A peça é fraquita, mas só pelo desempenho de Fulano e de Sicrano dou o meu dinheiro por bem empregado»; ou então: «A peça é interessante, mas miseravelmente assassinada por Fulanos e Beltranos. Se soubesse não tinha window».

Se em tão grave e palpitante matéria é permitida a opinião dum leigo, diguem-se os senhores empresários atentar um pouco mais, quanto à crise de que sofrem, na lamentável constituição das Companhias dramáticas, na sua responsabilidade artistica, na sua incapacidade colectiva, na sua absoluta inanidade.

Na humildade da nossa ignorância piamente cremos que nem o Imposto nem a Inspeção Geral dos Teatros concorrem algum modo, directa ou indirectamente para essa miséria orgânica.

Depois, confessemos aqui, à puridade, neste cantinho em que ninguem nos ouve, que teatros e companhias temo-nos nós a mais em Lisboa, e o que se tem ganho aparentemente em quantidade tem-se perdido irremediavelmente em qualidade.

Barafustando como quixotes contra os moinhos de vento do Imposto e da Inspeção quer-nos parecer que os dignos empresários teatraes estão perdendo amenamente o seu tempo e esofimando as verdadeiras causas da sua crise com infável ingenuidade.

E se a nós competissem, por via do Fisco ou da Inspeção, algumas responsabilidades nesta crise, convocariamos a uma chavena de chá em nossa casa as gentilísimas classes dos empresários e dos actores, e na altura dos bôlos e do cálice do «Porto» dir-lhes-hiamos, esfregando as mãos, com a mais suave bonhomia:

«Meus amigos, na minha categoria olimpica de Fisco, sobremaneira me penalisa patrioticamente o decrescimento de receitas de que vou ser vítima; mas na minha humilima qualidade de espectador, regosio-me profundamente com a vossa crise e com as vossas atropalhações. Um dia virá em que todas essas companhias mais ou menos saltimbanquescas em que tendes pulverizado alguns valores do conjunto, rebentarão umas após outras como bexigas furadas. Nesse dia, nivelados todos, grandes e pequenos, na penúria e no descrédito universal, um rão de bom-senso vos acutilará a mente, fazendo chispar a fausca redentora».

Então as vaidadesinhas balôfas, as questiunculhas miseráveis de primasia, o feroz e pansudo individualismo de que fazéis gala, todas as véras causas da actual derrocada, emigrarão da vossa bagagem artistica. Irmanadas na desgraça, na iminência do naufrágio e da fome, agrupar-vos-heis em condições de poderes de novo e honestamente vos apresentardes ao sufrágo público.

E quando, por esses e outros motivos, coexistirem apenas em Lisboa as companhias teatraes que as suas condições de vida urbana comportam, e organizadas de modo a serem verdadeiras unidades artisticas, nessa hora começará a resolver-se por si a vossa angustiada crise de bilheteira e não haverá mais necessidade de crivar de injurias e mal soantes epitetos, o inoentíssimo Fisco e a cândida Inspeção Geral dos Teatros».

CARLOS SELVAGEM.

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 15.º número)

S	O	B																	
O	V	E																	
B	E	R	C	O															
			C	R	U														
			O	U	S	A	R												
						A	H	I											
						R	I	M											

• • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11					12		13		
14				15		16		17	
18			19						20
21	22								23
24			25			26	27		
		28					29		
	30			31	32	33			
34	35				36				37
38	39			40				41	42
43								44	

Horizontalmente:

- 1 — Nas velas. 6 — Mercado.
- 10 — Nome masculino. 13 — Dás um nó.
- 14 — Nome Bíblico. 15 — O que faz o sino.
- 17 — Medida. 18 — Iniciais dum título.
- 19 — Deusa. 20 — Nota de música.
- 21 — Prenda. 23 — Tempo dum verbo inglês.
- 24 — Rio da Rússia. 26 — Gás.
- 28 — Notas de música. 29 — Duas letras de Rocio.
- 30 — Indispensável para andar. 31 — Magôa.
- 33 — Preciso para viver. 35 — Grande pecado.
- 36 — Um dos tesouros da vida.
- 38 — Escritor francês. 40 — Ânimo.
- 41 — Pronome. 43 — Vítima da sua gula.
- 44 — Nome feminino.

Verticalmente:

- 1 — Scismava. 2 — Um dos meses do ano.
- 3 — Anda. 4 — Duas letras de Lisboa.
- 5 — Vogal. 7 — Na ratoeira. 8 — Liga.
- 9 — Ópera conhecida. 10 — Matérias oleaginosas.
- 12 — Serpente. 15 — Ande. 16 — Vou.
- 22 — Apelido. 23 — Conferência notável.
- 25 — Em litígio. 27 — Nota de música.
- 31 — Sêde caridoso. 32 — Nome Bíblico.
- 34 — Medida. 37 — Nos pássaros.
- 39 — Artigo plural. 42 — Em ordem.

O POMAR

(Problema)

Um jardineiro recebeu do seu patrão, as seguintes instruções: «Quero que me arranje um pomar. Veja se planta 21 árvores de fruta de modo que estas fiquem em nove linhas rectas com cinco árvores em cada fila. O contorno do pomar deve formar uma figura geométrica regular.»

Como foi que o jardineiro cumpriu as ordens?

• • •

Elisa: — O que andas aqui a fazer, querida?

Gabriela: — Ando à procura de um marido.

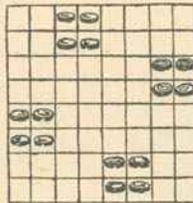
Elisa: — Mas tu já tens um!

Gabriela: — Pois é dêsse mesmo que eu ando à procura.

• • •

AS DEZASSEIS PEDRAS

(Solução do 15.º número)



O desenho mostra a forma porque se podem colocar no tabuleiro dezasseis pedras de maneira que só duas delas fiquem em linha em qualquer direcção.



Feresa: — Como sabes que o Rodolfo te ama? Ele disse-to?

Leonor: — Não; mas se visse a maneira como olha para mim, quando não estou a olhar para êle!

UMA BOA MENTIRA

A avó: Sabes que foi muito mal feito da tua parte dizeres aquela mentira à tua tia. A tua consciência deve-te estar acusando.

Lena: Não está não, avósinha. Ela acreditou-a.

• • •

Paulina: — Afinal, casaste comigo por eu ter dinheiro.

Eduardo: — Não é bem assim; casei contigo por eu não o ter.

• • •

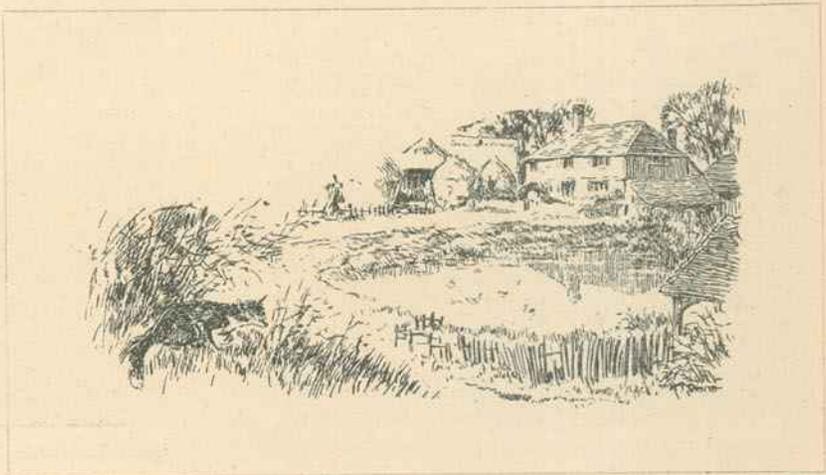
O professor: — Porque é tão comprido o pescoço da girafa?

Carlitos: — Porque a cabeça dela fica muito longe do corpo.

• • •

Leopoldo: — Tens férias êste ano?

Rafael: — Tenho; minha mulher vai passar um mês fora.

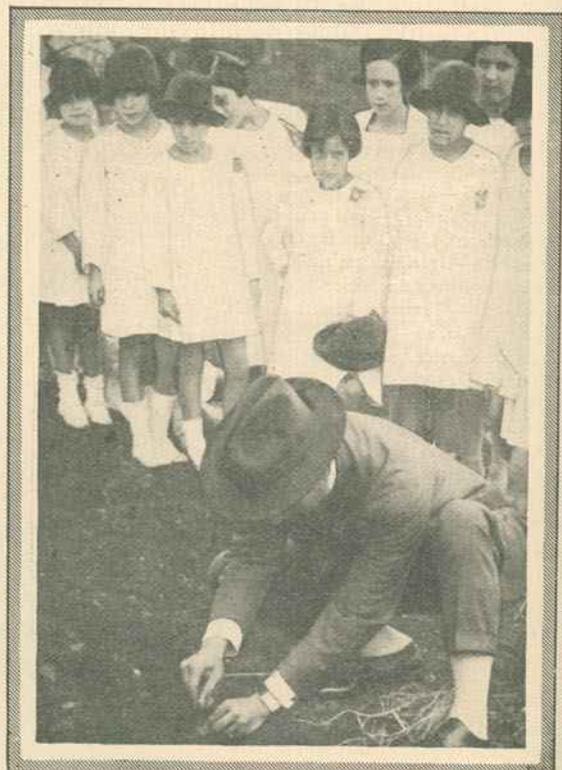
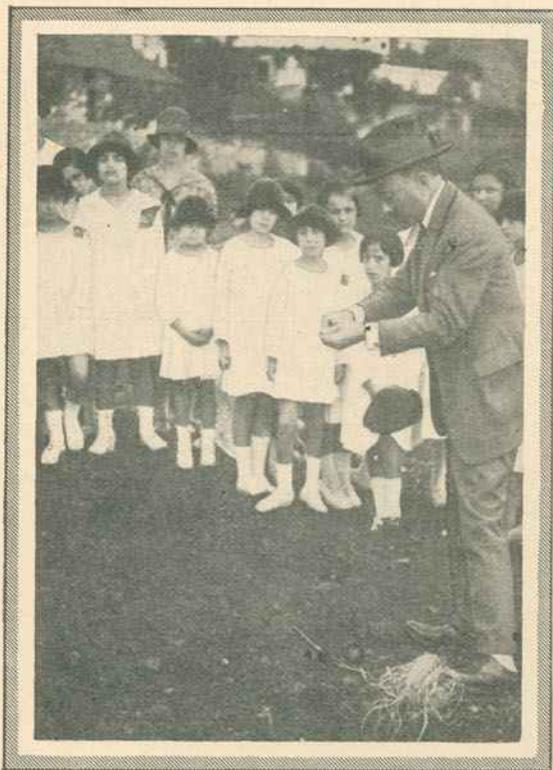


Andam aqui pela quinta o caseiro mais a mulher; quem será capaz de os encontrar?

A INICIAÇÃO AGRÍCOLA NA ESCOLA PRIMÁRIA



FUNCHAL. — O dr. André Botelho Moniz, Director da Estação Agrária da Madeira, fazendo uma palestra agrícola aos alunos do Colégio Alexandre Herculano



As crianças seguindo com o maior interesse certas práticas agrícolas demonstradas pelo mesmo distinto engenheiro-agrônomo

CIDADES, VILAS E ALDEIAS



MONCHIQUE

No inventário das belezas naturais do nosso país não é exígua a parcela que cabe ao Algarve, essa aprazível faixa de terra que se assemelha a uma varanda florida sobre o mar azul e lendário.

Passado o Alentejo de intermináveis planuras, esse Alentejo seísmático, de paisagens impregnadas de nostalgia e tristeza, todavia cheia de carácter e também, por isso mesmo, não isenta de beleza, — o viajero, logo que avista os primeiros contrafortes do sistema de montanhas que baliza as duas províncias meridionais de Portugal, apercebe-se de que não tarda uma transmutação completa de cenário.

Com eleito, Monchique a um lado e o Caldeirão à outra banda, esgueirando-se o comboio no vale de S. Marcos, a metamorfose alcança a sua hora. O contraste é flagrante: o que era monotonia passa a ser variedade, os tons cinzentos trocam-se por cores vivas, a cultura desenvolve-se por toda a parte, desaparecem as gândaras onde se não lobrigava sombra de homem ou sombra de árvore, e em vez dessa áspera solidão surgem-nos agora sucessivos hortezos e pomares, em que a acção humana é patente e em que as frondes das espécies frutíferas vergam ao peso da novidade. O peregrino, então, ante esse mundo novo, de fartura e ledice, sente a alma alar-se-lhe, o apetite abrir-se-lhe, os olhos deliciarem-se-lhe na contemplação de tanta formosura. A luz, a temperatura, a uber-

dade do solo, — tudo isso insinua ao viajor que demanda aquelas paragens: ai tens a verdadeira Terra Prometida, aquela que foi o grande sonho de Abraão, o teu avô dos bíblicos tempos. Queda-te nela e sê feliz!

Mas de todo o belo Algarve, se não quisermos agora falar das suas magníficas praias, a região soberana em encantamento é a da serra de Monchique. Se o Buçaco e Sintra são apontados como maravilhas de cenário natural, Monchique deve, com igual direito, entrar no mesmo rol. Pela exuberante vegetação, pela salubridade do clima, pelo que é abundosa em água, esta serra merece bem que a olhemos como labor inspirado do artista supremo que modelou todas as coisas do universo.

Sobretudo no lugar em que assenta a vila de Monchique, de fundação que remonta à época dos romanos, e no local das suas Caldas, não menos antigas e cujo aproveitamento medicinal já vem de muitos séculos, este rincão algarvio apresenta aspectos que fascinam o turista.

Os arriões espertos serpeiam por ele e fertilizam-no. A caça, grossa e miúda, oferece ao amador cinegético horas aprazibilíssimas. Os passeios são muitos e doadores de inapagáveis recordações: ao *Barranco dos Pisões*, onde nos conduz uma estrada ladeada de nogueiras seculares e castanheiros gigantes; à *Picota*, que oferece um largo panorama; e, por exceção, ao *Pico da Fóia*, 902 metros acima do nível do mar. Aqui patenteia-se ao caminheiro que, a pé ou de burro, até lá se arrojou um surpreendente espectáculo: desde o Cabo de

S. Vicente, com Sagres, Lagos e o oceano, até Faro, e, para a face oposta, todo o peneplano do Alentejo até Beja.

Aquém desta vila, no sítio do *Banho*, fica o estabelecimento hidroterápico. A sua existência deu origem a novo povoado, que, embora adstrito a Monchique, aparece com vida própria, aquela que lhe transmite a multidão de doentes que procuram as suas preciosas águas, tão recomendadas nos males de pele, reumáticos, de estômago e intestinos. A gente que ali acorre provém, na sua maior parte, do próprio Algarve, do Baixo-Alentejo, da Estremadura e do sul da Espanha. D. João II foi um dos crentes do seu poder curativo, não tendo, todavia, alcançado as melhoras que buscava, talvez por demasiada tardança em recorrer a elas.

Servidas pela estação de Portimão, de que dista 18 quilómetros, a estrada que liga as termas a essa cidade é das mais lindas de Portugal, o mesmo acontecendo à que segue de Monchique para o Alentejo.

É bom esclarecer, por fim, que esta região de tantas belezas naturais, digna de concitar o fervor de toda a gente que nesta hora escolhe o seu ponto de veraneio, está hoje somente a seis horas de comboio da capital. O caminho de ferro que lá transporta o forasteiro já o não sujeita nem a irregulares e fementidos horários nem às faltas de comodidade do material. Nisso melhorámos muito e muito. As vilegiaturas no Algarve, por motivos de saúde ou por mero recreio, são hoje, portanto, tudo que há de mais aconselhável.



Trecho panorâmico da Serra de Monchique, vendo-se a ponte do Lajeado e o vale encantador em que demoram as nascentes das suas afamadas termas

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA DURANTE O MÊS DE JULHO DE 1926

LITERATURA

AMADO (FERNANDO) — *O Pescador*. Poema dramático em 4 actos, 405 p., 8.º — 15000.
 AMARAL JUNIOR (JOÃO) — *As Três gavetas*. Peça em 1 acto, 10 p., — 1350.
 AMARAL JUNIOR (JOÃO) — *Uma Vingança de amor*. Alta comédia em 1 acto, 14 p.
 ARDEL (HENRI) — *A Divina canção*. (Tout arrive). Trad. de Aurora Jardim Atranha, 254 p., 8.º — 10500.
 BORDAUX (HENRY) — *A Neve sobre o passado*. Romance, Nova ed., 338 p., 8.º — 10500.
 BOURGET (PAUL) — *Coração enamorado não sabe para onde vai*. Nova ed., 272 p., 8.º — 10500.
 BRANÇO (JULIO) — *Garrett e as cartas de amor*. 2.ª ed., 77 p., 8.º — 2500.
 C. C. — *Coisas camilanas*. VI — Joaquina Pereira da França. (Notas a uma monografia), 87 p., 8.º — 5500.
 C. C. — *O Soneto «O Sol é grande», de Sá de Miranda*. Subsídios para a história da literatura portuguesa, 59 p., 8.º — 5500.
 CAMACHO (BRITO) — *Longe da vista*. (Crônicas de viagem), 2.ª ed., 201 p., 8.º — 10500.
 CAMARA LIMA — *Cartas a mulheres e bilhetes a toda a gente*. 277 p., 8.º — 10500.
 CAMPOS JUNIOR (ANTONIO DE) — *A Filha do polaco*. Romance historico, 3.ª ed., 2 vol. 8.º c. capa II. — 10500.
 CANTIGAS. (Rancho do Monte). S. João de 1926, 20 p.
 CASTELO BRANCO (CAMILO) — *O Retrato de Ricardina*. Romance, 7.ª ed., 218 p., 8.º — 5500.
 CASTRO (JOSE AUGUSTO DE) — *Exaltação*. (Versos). Homagem aos Bombeiros Voluntários da Guarda, 7 p., — 1350.
 COELHO NETO — *Febra Ivre*. (Crônicas), 218 p., 8.º — 6500.
 COELHO NETO — *Sertão*. (Contos), 5.ª ed., 317 p., 8.º — 7500.
 DELLY (M.) — *Anita*. (Romance) Trad. de Sousa Martins, 303 p., 8.º — 10500.
 DELLY (M.) — *Flor do lar — Flor do claustro*. (Romance), 280 p., 8.º — 10500.
 DIAS (ANTONIO) — *Um Sobrinho providencial*. Comédia em 1 acto, 26 p., — 2500.
 DIKENS (CARLOS) — *Contos do Natal*. Trad. de Câmara Lima, 2.ª ed., 215 p., 8.º c. capa II. — 0500.
 DR.ª CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS. *Homenagem do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*. Lisboa, 1926, 11 p.
 EÇA DE QUEIRÓS — *A Correspondência de Fradique Mendes*. (Memórias e notas), 8.ª ed., 227 p., 8.º — 8500.
 FERREIRA DA SILVA (J. B.) — *Flor da trisiteza*. Versos, 96 p., 8.º c. capa II. — 3500.
 FIGUEIREDO (CANDIDO DE) — *Falar e escrever*. Nossos estudos práticos da lingua portuguesa. Vol. I, 4.ª ed., 335 p., 8.º — 0500.
 FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Nicolau Tolentino, a sua vida e a sua obra*. (Coleção Patricia), 16 p. c. grav. — 2550.
 FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Sonetos contemporâneos*. (Coleção Patricia), 16 p. c. grav. — 2550.
 FRENSE (JOÃO PAULO) — *O Padre João Lúcio*. Psicologia de duas almas, 144 p., 8.º — 0500.
 GOMES TEIXEIRA (F.) — *Santuários de montanha*. (Impressões de viagens), 239 p., 8.º — 8500.
 JEANROY — *Dois corações*. Romance, 345 p., 8.º — 10500.
 LE MIERE (MARIE) — *Sonhos e destinos*. (Romance). Trad. de Sousa Martins, 114 p., 8.º — 10500.
 LEMOS (ALVARO V.), compilador — *O Minho Alegre e seu idôdor*. Quadras recolhidas de soldados em 1906, na região de Viana do Castelo, 55 p., 8.º.
 MARDEN (OLIVSON SWETT) — *Ajuda-te a ti mesmo*. Trad. de João Crisóstomo Lopes, 262 p., 8.º — 0500.
 MARTINEZ DE LIMA (DIOGO) e MARTINEZ DE LIMA (EDUARDO) — *Porto em fralda*. Narrativas do Porto, por dois tripelros, 95 p., 8.º.
 MORAIS (PERICLES) — *Coelho Neto e sua obra*. 272 p., 8.º — 7500.
 MORAIS (VENCESLAU DE) — *Relance da alma japonesa*. 259 p., 8.º — 12500.
 MORAIS SEIXAS (ADRIANO DE) — *Palavras de um convertido*. 176 p., 8.º.
 PERRAULT — *Contos de...* (Para as crianças), 79 p., 8.º — 3500.
 RIBEIRO ALVES JUNIOR (JOSE) — *Três discursos*. Ensaio de oratória, 2.ª ed., 49 p., 8.º — 3500.
 ROSA (J.) — *Postais de Cadelas*. (Coletânea de crônicas de todas as épocas... ternais), Prosa, rimas e fotografias, 26 p., 1.ª.
 SALGARI (E.) — *O Capitão Tormenta*. Romance de aventuras. Versão de Henrique Marques Júnior, 120 p., 8.º c. capa II. — 4500.
 SALGARI (E.) — *O Leão de Damasco*. Romance de aventuras. Versão de Henrique Marques Júnior, 141, 32 p., 8.º c. capa II. — 4500.
 SANTA-RITA (AUGUSTO DE) — *Pa-Tá-Pá*. Poésias infantis. Ilustrações de Eduardo Malta. (Biblioteca Pim-Pam-Pum I), 35 p., — 5500.
 SHAKESPEARE — *Muito barulho por nada*. Comédia em 5 actos. Trad. por Henrique Braga e revista por João Grave, 191 p., 8.º — 5500.

SILVA CARVALHO — *Coisas espinhosas*. (Medicina alegre). Separata de *A Medicina contemporânea*, 68 p., 8.º.
 SOUSA COSTA (EMILIA DE) — *O Ultimo enforcado*. (Contos), 123 p., 8.º c. capa II. — 6500.

SCIÊNCIAS E ARTES

A. B. C. da T. S. F. Parte II — Elementos de T. S. F., 166 p., 8.º — 15500.
 CEBOLA (LUIS) — *Historia dum louco*. Análizada sob o aspecto psico-clínico, 168 p., 8.º — 5500.
 CUNHA FAJARDO (DR. J. M. DA) — *Carneiros, cabras e cães de guarda*. (Livros do Lavrador, XXXI, 335 p., 8.º c. grav.).
 CUNHA FAJARDO (DR. J. M. DA) — *As vacas leiteiras e a sua mais lucrativa exploração recuará pelo emprego da ovariectomia*, 83 p., 8.º c. capa II. e grav.
 EPIDEMIAS (AS) — *Como combatê-las e evitá-las*, 3.ª ed., 126 p., 8.º c. capa II. e grav. — 6500.
 FERNANDES (MARCELO) — *O mal sagrado*, Tese de doutoramento, 127 p., 8.º.
 FREITAS VIEGAS (DR. LUIS DE) — *A Sífilis, suas manifestações tegumentares*. (1.º centenario da Regia Escola de Cirurgia do Porto, MDCCCXXV-MCMXXVI), 330 p., 8.º c. capa II. e est. — 10500.
 GOSSELWEIL (JOHN) e MONTEIRO DO AMARAL (A. A.) — *Missão de oleaginosa*. Subsídios para o estudo das palmeiras do azeite da região de Cazezgo, 45 p., 8.º.
 GUERREIRO (DR. LUIS) — *Mamuel Bento de Sousa*, (Primeiro centenario da fundação da Regia Escola de Cirurgia de Lisboa MDCCCXXXV-MCMXXVI), 27 p., 8.º — 7550.
 MACHADO (ALVARO R.) — *Elementos de fisica geral para uso do curso complementar de sciencias das licas*, 6.ª e 7.ª classes, 4.ª edição, 3 vol. 8.º — 12550.
 MENDES CORREIA (A. A.) — *As Tentativas de definição bio-química da raça e do individuo*, 16 p.

MOSIS (EGAS) — *Perturbações esfnucterianas e spina bifidas occulta*, 32 p., 8.º c. grav.
 MONTEIRO (PROV. HERRANI) — *Origens da cirurgia portuense*. (I centenario da Regia Escola de Cirurgia do Porto), 371 p., 8.º c. grav. — 10500.
 ORACULO DAS DAMAS ou *Arte de adivinhar o futuro*, 5.ª ed., 29 p. c. capa II. — 500.
 PEQUITO REBELO (JOSE) — *As Falsas ideias claras em economia agrária*, 51 p., 8.º — 5500.
 SANTOS DELGADO — *O oraculo preparador de vinhos licorosos ou o segredo técnico para os preparar*, 96 p., 8.º — 20500.
 SILVA CORREIA (JOÃO DA) — *O Problema do simbolismo fonético*, 30 p., 8.º.
 TROQUIER (CORONEL) — *O que a infantaria deve saber da artilharia*. Trad. do Capt. C. L. Antunes Cabrita, 146 p., 8.º — 6500.
 VEIGA PIRES — *A Hereditariedade da tuberculose*. (Problemas actuais, 63 p., 8.º.

HISTORIA E GEOGRAFIA

EÇA DE QUEIRÓS — *O Egypto*. Notas de viagem, 2.ª ed., 351 p., 8.º — 12500.
 FERRO (ANTONIO) — *A Reforma pombalina da Universidade de Coimbra e a sua apreciação por alguns eruditos espanhóis*. (Estudos pombalinos, 1.ª série — n.º 2), 123 p., 8.º.
 GUIA DO FORASTIRO em Braga, Edição de 1926, 48 p., 8.º.
 MAGALHÃES BASTO (ANTOR DE) — *1809. O Porto sob a segunda invasão francesa*. 241 p., 8.º c. est. — 15500.
 RAPOSO BOTELHO (JOSE NICOLAU) — *Compendio de historia universal*, para a instrucção secundaria, 10.ª edição, 484 p., 8.º — 15500.
 SERENO (ANTONIO) — *O Seiscentismo*. Reprodução do artigo em que, segundo dizem os que me odeiam, insultei um morto e falsifiquei textos, 48 p., 8.º — 2550.
 SILVA BASTOS (JOSE TIMÓTEO DA) — *Historia da censura intelectual em Portugal*. (Ensaio sobre a compressão do pensamento português), 401 p., 8.º — 18500.
 SOUSA DIAS (GASTÃO) — *África portuguesa*, 255 p., 8.º — 10500.
 TEIXEIRA DE CASTRO (AUBORA) — *Monografia da cidade do Porto*. 245 p., 8.º — 20500.

RELIGIÕES

CORREIA DO AMARAL (CONEGO DR. ANANIAS) tradutor — *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. 11.ª ed. Com um precioso tratado sobre teologia mistica pelo Padre Gonçalo Alves, XLIII, 295 p., 8.º — 3500.
 MARMONS (D. COLUMBA) — *Jesus-Cristo, vida da alma*. Conferências espirituicas, XXIV, 446 p., 8.º — 17550.
 SILVA GONÇALVES (PADRE) — *Porta do Céu*. Comemoração do Congresso Nacional Mariano — 117 p., 8.º.

BELAS ARTES

FIGUEIREDO (JOSE DE) — *A Baixela Germain*. Separata do volume III da «Lustania», 6 p. c. 4.ª est.
 FIGUEIREDO (JOSE DE) — *A «Santa Família» por Alberto Dürer*. Separata do vol. III da «Lustania», 6 p. c. 1.ª est.
 SILVEIRA PAIS — *Dança do Jacaré*. (Música).
 SILVEIRA PAIS (autor da música) e CORREIA LEITE (RU) (autor da letra) — *Maria*. (Lenda do mês de Maio), c. cap. II.
 VONETZSCH (E. A.) — *Esculturas lindas em Portugal*. 17 p., 8.º c. est.

SCIÊNCIAS CIVIS

ALMANAQUE DO EXÉRCITO ou lista geral de antiguidades dos officiais do exército metropolitano e empregados civis (...) referido a 31 de Dezembro de 1925, 638 p., 8.º.
 CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO. Monografia das estações e esboço corográfico da zona atravessada pelos caminhos de ferro do Minho e Douro, 25 p., c. 1 mapa.
 FÁBIA DE ALMEIDA (M.) — *Guia prático de comércio*. 83 p., 8.º.
 GOVÊRNO GERAL DE ANGOLA — *Quartel General das Forças do Exército*. Código de justiça militar, 140 p., 10.º.
 GUIA de endereços telegraficos de Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Lisboa e Porto, 1926, 120 p., 4.º.
 GUIA-HORARIO dos caminhos de Ferro. V.º de 1926, 56 p., 8.º.
 MAGNO (DAVID J. G.) — *A Situação portuguesa*. Estudo histórico, politico, militar e social da crise moral e económica que se atravessa, e da sua solução, 238 p., 8.º.
 OLIVEIRA CABRAL — *Manual educativo para as aulas do corpo de policia de segurança pública*. 399 p., 8.º c. capa II. e grav.
 OLIVEIRA MARTINS (J. P.) — *Correspondencia*. Prefaciada e anotada por Francisco d'Assis Oliveira Martins, 200 p., 8.º c. capa II. — 10500.
 PICALGUA (EDUARDO) — *Sinopse da legislação militar da metropole e das colonias*, de execução permanente, em vigor em 31 de Dezembro de 1925. Edição de 1926, 310 p., 8.º.
 REGULAMENTO da circulação dos automóveis. Decreto de 27 de Maio de 1911, 3.ª ed., 19 p., 8.º — 2550.
 YRAIZOZ (DR. ANTONIO) — *Ideologia de José Martí*. Conferencia, 37 p.

REVISTAS

Registamos as seguintes, por nos serem regularmente enviadas:

- ACÇÃO CATÓLICA.
- ALMA NOVA.
- AMIGO DA INFANCIA.
- ANALIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS.
- AUTO.
- BIBLIORÁFICA (A).
- BIBLOS.
- BROTÉRIA.
- CETÓBRIGA.
- CONTEMPORANEA.
- CULTURA.
- DE THEATRO.
- DÓMINGO (O) ILUSTRADO.
- ECO DOS SPORTS.
- EDUCAÇÃO SOCIAL.
- ESTUDOS.
- GUERRA (A).
- LABOR.
- LISBOA MÉDICA.
- LUSTANIA.
- MÉDICOS PORTUGUESES.
- NACÃO PORTUGUESA.
- NOSSO ALGARVE (O).
- PORTUGÁLIA.
- RECONQUISTA (A).
- RENOVAÇÃO.
- REVISTA AERONÁUTICA.
- REVISTA DE GUIMARÃES.
- REVISTA DE HISTÓRIA.
- REVISTA DO COMÉRCIO E CONTABILIDADE.
- REVISTA DOS TRIBUNAIS.
- REVISTA ESCOLAR.
- REVISTA ILUSTRADA DE TODOS OS SPORTS.
- REVISTA VINÍCOLA PORTUGUESA.
- SCIÊNCIA E INDÚSTRIA.
- SEARA NOVA.
- SOL.
- TERRA ALENTEJANA.
- VASCO DA GAMA.
- VIDA ELEGANTE.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 21500	Escudos 42500	Escudos 84500
COLONIAS:			
Africa Occidental.	» 22500	» 44500	» 88500
Africa Oriental, India, Macau e Timor	» 24500	» 48500	» 96500
ESPAÑHA.	» 22500	» 44500	» 88500
ESTRANGEIRO	» 32500	» 64500	» 128500



Que lindo o mar !

O vasto horizonte, as ondas prateadas, as grandes vagas coroadas de espuma onde é tão agradável nadar ou simplesmente mergulhar sem perigo ! Que admiráveis semanas ao ar livre que desejaríamos intermináveis !

*Férias sem "Kodak"
esquecem depressa.*

Conserve a história destas férias com um "Kodak"

Leve um "Kodak" consigo e, ao voltar, tereis o imenso prazer de mostrar aos vossos amigos interessantes fotografias reproduzindo incidentes das vossas férias de este ano, os quais então reviveréis com a mesma intensidade e o mesmo encanto.

**O manejo dum "Kodak"
aprende-se em poucos minutos.**

Nas boas casas de artigos fotográficos encontrareis sempre um entusiasta do sistema "Kodak" que vos auxiliará na escolha do modelo de "Kodak" que mais vos convirá, e vos ensinará o seu manejo.

"Kodaks Vest Pocket Aut.", desde 100 \$ 00 "Brownies Dobradiços Aut.", desde 200 \$ 00
"Kodaks Autográficos", desde ... 265 \$ 00 "Brownies" de Caixa, desde ... 50 \$ 00

A simplicidade dum "Kodak".

Evite complicações. Os "Kodaks" não tem senão os órgãos e acessórios que tornam o amador capaz de obter as melhores fotografias possíveis; são isentos de complicações que embaraçam e que tantas vezes podem comprometer o êxito.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recomendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o período da crescimento.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^{ia}), 6, Rue de la Tacherie, PARIS



PETROLEO

M. d. P.

HAHN



PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20,000 FRASCO PEQUENO 14,000
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.^{da}
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

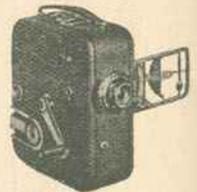
SE QUERE

adquirir um

CINÉGRAFO "BOL"



conservar com vida as suas recordações mais gratas, vêr desfilar no écran as pessoas que lhe são mais caras, os filhos, a esposa ou o marido e os amigos, dar em sua própria casa uma sessão de cinema,



a única máquina cinematográfica de amator que dá inteira satisfação.
O CINÉGRAFO "BOL" FILMA, faz a projecção FIXA e ANIMADA, tira fotografias, amplia-as e tira os positivos, usando a película dos cinemas públicos. Projecção nitida e perfeita até 10/15 metros de distância.

Concessionário exclusivo para Portugal e Colónias:
J. A. Proença, Rua do Rosario, 215, Porto.

Agente em Lisboa:
Julio Worm, Rua da Prata, 135.

Agente no Porto:
Bazar Fotográfico, Rua 31 de Janeiro, 65.

Tome diariamente um copo d'ENO, e conservará a sua saúde

ENO's "Fruit Salt" é o verdadeiro e unico Sal de Fructa que tem obtido a maior reputação no mundo inteiro durante os ultimos 50 anos. Tomado diariamente, obtém-se os melhores resultados como defeza natural da saúde.

Laxativo muito suave, o "Sal de Fructa" ENO, restabelece o bom funcionamento do aparelho digestivo, de que depende essencialmente a boa saúde, fazendo desaparecer as perturbações nervosas ocasionadas pelas indisposições de estomago, prisão de ventre, etc.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

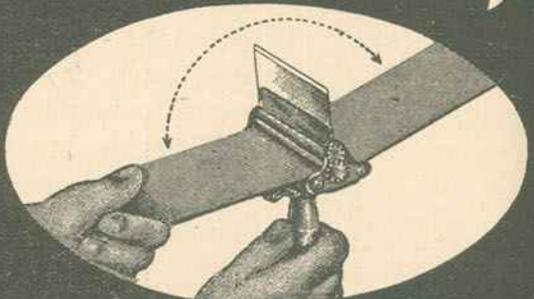
"SAL DE ENO'S ENO'S
FRUCTA" "FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal:
Robinson, Bardsley & Co. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.



As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" assim como o retulo, são marcas de fabrica registadas.

Máquina de barbear "VALET" Auto Strop



Economisa continuas despesas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1º Dispositivo suavisador que permite dar á lamina em dez segundos um fio finissimo sem haver necessidade de retirar a lamina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economizando continuas despesas de laminas novas.
- 3º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lamina nem de desparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agência: Lachard, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

Fernando Bordallo Pinheiro

OFICINA FOTOMECANICA

FUNDADA EM 1902

POR

Thomaz Bordallo Pinheiro

Fotogravura — Tricromia — Zincogravura

Desenho

GRANDE PRÉMIO

Rio de Janeiro 1908

GRANDE PRÉMIO
E MEDALHA DE OURO

Lisboa 1913

PRÉMIO DE HONRA

Leipzig 1914

LARGO DO CONDE BARÃO, 49 — LISBOA

Telefone 2554 C.

TINTA FAURE

Perfeitamente Preta

Não é ácida,

Não enferruja os aparos,

que por esse facto duram muito mais tempo.

Não cria bôrras,

e por conseguinte não é preciso lavar os tinteiros periódicamente e perder tinta.

Seca quási instantaneamente

e evita o uso do mata-borrão.

Permite o uso de aparos ordinários nos stilografos evitando a compra dos aparos de ouro que são caríssimos.

Quando pela falta de uso a tinta seca no tinteiro, basta deitar-lhe água para tornar a ter a tinta perfeita.

DEITA-SE UM BOIÃO
NUMA GARRAFA DE LITRO E ENCHE-SE
COM ÁGUA

Tinta fixa cada boião para 1 litro de tinta **6\$00**

Tinta comunicativa ou stilográfica para 1 litro de tinta... **8\$00**

PEDIDOS ÀS

Livrarias Aillaud e Bertrand

73, R. GARRETT, 75 — LISBOA

Grip-fix



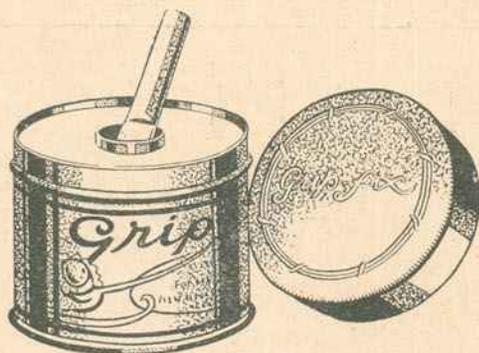
DO MÁXIMO ACEIO NO SEU USO
COLANDO IMEDIATAMENTE
APÓS A SUA APLICAÇÃO

SÃO ELEGANTES E DEVEM FIGURAR SÔ-
BRE TÔDAS AS MESAS DE TRABALHO

Grip-fix

É a cola mais econômica,
esplêndida em todos os senti-
dos e que se recomenda pelo
aceio e limpêsa no seu uso,
apresentada nuns pequenos
boiões de alumínio com o
respectivo pincel.

A *Grip-Fix* é a melhor
cola, sem comparação com
as outras vulgares e ordiná-
rias, sujas e de difícil uso.



Um pequeno boião de alumínio com o depósito para o pincel
substitui 5 frascos vulgares de cola líquida

POR SER SOLIDA NÃO SE ENTORNA

Não se deve mais usar outra cola uma vez que se experimentou
a GRIP-FIX — Preço 9\$00

Unicos representantes para Portugal e Colónias: AILLAUD, LIMITADA
25, RUA ANCHIETA — LISBOA